

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-Graduação em Letras

Área: Aquisição da Linguagem

CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA FALA INFANTIL: ANÁLISE
VARIACIONISTA

Dissertação de Mestrado

Elaine Teresinha Costa Capellari

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciene Juliano Simões

Porto Alegre

2004

AGRADECIMENTOS

O incentivo e a amizade de algumas pessoas foram fundamentais para que esse trabalho viesse a termo. Por isso, quero agradecer a todos que compartilharam comigo mais essa etapa de vida.

Inicialmente, agradeço à minha orientadora, Luciene Juliano Simões, pela confiança depositada em meu trabalho, pelo constante estímulo e, principalmente, pelo carinho com que me orientou, apesar de todas as vicissitudes.

Agradeço, também, à professora Ana Zilles, por suas valiosas contribuições e pela atenção a mim dispensada durante o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço, ainda, à professora Marta Scherre, pelos esclarecimentos e pelo material enviado.

Às minhas colegas, Simone Soares, Cibele Bohn e Cristiane dos Santos, pela ajuda e amizade.

Da mesma forma, sou grata ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de ter realizado o curso de Mestrado e a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior – pela bolsa concedida.

Por fim e de forma muito especial, a meu marido, Getúlio, pela compreensão em todas as horas.

SUMÁRIO

Lista de tabelas	4
Lista de figuras	7
Resumo	8
Abstract.....	9
1 Introdução.....	10
2 Quadro teórico	15
2.1 Sociolinguística	15
2.2 Estudos sobre a concordância nominal de número.....	19
2.3 Aquisição da linguagem	32
2.4 A marcação do plural infantil	47
2.5 A influência da língua escrita sobre a fala infantil	62
3 Metodologia.....	65
3.1 Os dados	65
3.2 As variáveis	72
3.3 Tratamento estatístico.....	83
4 Concordância nominal de número na fala infantil – Análise atomística.....	87
4.1 Processos morfofonológicos de formação do plural	88
4.2 Tonicidade	92
4.3 Posição linear e classe gramatical	95
4.4 Marcas Precedentes ao elemento nominal analisado.....	102
4.5 Grau do item lexical singular.....	112
5 Concordância nominal de número na fala infantil – Análise não atomística.....	115
5.1 Sexo	117
5.2 Faixa etária	121
5.3 Escolarização.....	124
5.4 Tipo de escola.....	125
5.5 Contexto discursivo	126
5.6 Audiência.....	130
6 Conclusão	132
Referências bibliográficas	138
Anexos.....	146

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Distribuição geral de SNs plurais e itens flexionáveis por coleta	67
TABELA 2 - Distribuição dos sujeitos na coleta “interação criança-criança”	68
TABELA 3 - Distribuição dos sujeitos na coleta “entrevista pessoal”	69
TABELA 4 - Distribuição dos sujeitos na coleta “tarefas”	69
TABELA 5 - Discriminação das tarefas do experimento I	69
TABELA 6 - Distribuição dos sujeitos da coleta transversal do projeto DELICRI considerados na análise	71
TABELA 7 - Processos morfofonológicos de formação do plural de todos os dados dos adultos	89
TABELA 8 - Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável processos morfofonológicos de formação do plural em todos os dados infantis....	90
TABELA 9 - Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável processos morfofonológicos de formação do plural nos dados infantis desconsiderando os artigos e demonstrativos	91
TABELA 10 - Tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares de todos os dados dos adultos	92
TABELA 11 - Distribuição da produção oral de itens com marca formal de plural considerando a variável tonicidade em todos os dados infantis	93
TABELA 12 - Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável tonicidade nos dados infantis desconsiderando os monossílabos átonos e proparoxítonos.....	94
TABELA 13 - Distribuição dos dados dos falantes adultos em função da classe gramatical e da posição dos elementos no SN	95
TABELA 14 - Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável posição linear em todos os dados infantis	97
TABELA 15 - Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável posição linear nos dados infantis desconsiderando os artigos e demonstrativos	99
TABELA 16 - Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável posição linear nos dados infantis desconsiderando os artigos, demonstrativos e possessivos	99

TABELA 17 - Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável classe gramatical em todos os dados infantis.....	100
TABELA 18 - Distribuição de itens com marca formal de plural no cruzamento entre as variáveis classe e posição em todos os dados infantis.....	101
TABELA 19 - Marcas Precedentes em função da posição em todos os falantes adultos.....	103
TABELA 20 - Marcas precedentes, posição e possessivo.....	104
TABELA 21 - Marcas precedentes, segunda posição e classe gramatical referente aos dados dos adultos.....	105
TABELA 22 - Relação entre os elementos do SN nos dados dos adultos	107
TABELA 23 - Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável marcas precedentes em todos os dados infantis.....	109
TABELA 24 - Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável marcas precedentes em todos os dados infantis.....	111
TABELA 25 - Grau dos substantivos nos dados de falantes adultos.....	112
TABELA 26 - Grau e formalidade dos adjetivos nos dados dos falantes adultos.....	113
TABELA 27 - Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável grau em todos os dados infantis.....	113
TABELA 28 - Distribuição de SNs plurais padrão em todos os dados infantis considerando a variável sexo na análise não atomística	117
TABELA 29 - Distribuição da produção oral de itens com marca formal de plural considerando a variável sexo em todos os dados infantis na análise atomística.....	118
TABELA 30 - Distribuição de SNs plurais padrão em todos os dados infantis considerando a variável faixa etária na análise não atomística.....	122
TABELA 31 - Distribuição da produção oral de itens com marca formal de plural considerando a variável faixa etária em todos os dados infantis na análise atomística.....	123
TABELA 32 - Distribuição de SNs plurais padrão em todos os dados infantis considerando a variável escolarização na análise não atomística.....	124
TABELA 33 - Distribuição da produção oral de itens com marca formal de plural considerando a variável escolarização em todos os dados infantis na análise atomística.....	124
TABELA 34 - Distribuição de SNs plurais padrão em todos os dados infantis considerando a variável tipo de escola na análise não atomística.....	125

TABELA 35 - Distribuição da produção oral de itens com marca formal de plural considerando a variável tipo de escola em todos os dados infantis na análise atomística.....126

TABELA 36 - Distribuição de SNs plurais padrão em todos os dados infantis considerando a variável contexto discursivo na análise não atomística.....128

TABELA 37 - Distribuição da produção oral de itens com marca formal de plural considerando a variável contexto discursivo em todos os dados infantis na análise atomística.....129

TABELA 38 - Distribuição de SNs plurais padrão na variável contexto discursivo na amostra longitudinal129

TABELA 39 - Distribuição de SNs plurais padrão em todos os dados infantis considerando a variável audiência na análise não atomística.....130

TABELA 40 - Distribuição da produção oral de itens com marca formal de plural considerando a variável audiência em todos os dados infantis na análise atomística.....130

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Continuum for plural schemas in German53

RESUMO

Este trabalho tem como proposta investigar aspectos relacionados à concordância nominal de número na fala de crianças monolíngües no português do Brasil. O parâmetro analítico segue as descrições sobre o fenômeno na fala adulta, sob o arcabouço da Sociolingüística Quantitativa. Dessa forma, a investigação que aqui se apresenta estrutura-se tanto em aspectos lingüísticos quanto sociais. Nosso objetivo é observar, se tal como na fala adulta, a concordância nominal de número caracteriza-se como uma regra variável na fala infantil.

Nossa análise organiza-se em dois momentos. O primeiro, denominado *análise atomística*, focaliza as motivações estruturais do sistema lingüístico condicionantes da presença da marca formal de plural em cada constituinte sintagmático. A segunda parte, denominada *análise não atomística*, analisa o sintagma nominal como um todo e averigua os condicionamentos extralingüísticos no que diz respeito à produção de SNs plurais padrão e não-padrão na fala da criança, nos termos estipulados pela norma gramatical.

Para tal propósito, tomamos para análise quatro coletas transversais de crianças, recobrando um período etário dos quatro aos oito anos de idade. De modo geral, os resultados encontrados sugerem um comportamento verbal semelhante ao dos adultos, embora muitos dos fatores discutidos não tenham significância estatística, conforme a análise realizada com o pacote de programas estatístico VARBRUL.

ABSTRACT

This work is an investigation of aspects related to number nominal agreement in the speech of monolingual children acquiring Brazilian Portuguese. The analysis assumes Quantitative Sociolinguistics as its theoretical framework. It is examined how linguistic and social factors influence number agreement morphological marking with the aim of discussing if number agreement exhibits variable characteristics in Brazilian Portuguese child language, since in adult Brazilian Portuguese it has been described as a variable rule.

The analysis is organized in two parts. The first part focuses on structural motivations determining the presence of plural morphological marking in each of the words involved in the agreement relation. This analysis is called *atomistic*. The second part takes noun phrases as a whole and classifies them into standard or nonstandard concerning number morphological marking. Extralinguistic factors are then discussed in terms of their correlation with standard agreement marking. This is the *nonatomistic analysis*.

Four cross-sectional databases are taken as *corpora* for our investigation, all of them regarding the age range between four and eight years of age. As a general trend, results point in the direction of a verbal behavior comparable to adults, although most of the factors discussed did not reach statistical significance upon *VARBRUL* analysis.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo dar continuidade ao estudo iniciado por sua autora em trabalho monográfico sobre a marcação¹ de plural na produção oral infantil. Na ocasião, sob orientação da professora Ana Zilles, empreendemos uma análise na fala de uma criança, pertencente à coleta longitudinal do banco de dados do Projeto Desenvolvimento da Linguagem da Criança em Fase de Letramento, doravante DELICRI. Os resultados referentes a esse trabalho encontram-se publicados em Capellari e Zilles (2002).

No referido trabalho, alicerçamos nossa discussão em torno de algumas propostas de análise contidas em Scherre (1996), principalmente no que diz respeito à classificação nuclear e não-nuclear atribuída às classes gramaticais para a elaboração da variável posição linear do elemento no SN. Segundo a autora, um dos fatores mais atuantes para a presença da marca morfológica de plural diz respeito à distribuição dessas categorias no sintagma. Para Scherre, os elementos não nucleares quando localizados à esquerda do núcleo tendem a apresentar mais marcas de plural do que quando pospostos a ele; já os nucleares são mais marcados quando em primeira posição, sendo a terceira mais favorecedora do que a segunda.

No entanto, empreendemos um questionamento acerca da estrutura do SN que nos levou a acreditar que a proposta de Scherre oblitera a atuação de alguns aspectos estruturais no uso da regra variável. Descrevemos, por exemplo, o comportamento do elemento *todos*, que é classificado como determinante, mas que possui outras características sintáticas que o distinguem dessa categoria (cf. Perini, 1998). Nesse sentido, portanto, cogitamos que um tratamento diferenciado das classes gramaticais pudesse oferecer, talvez, uma descrição mais acurada quanto às motivações estruturais condicionantes da variação. Infelizmente, devido à insuficiência de dados, não tivemos condições de elaborar na monografia uma análise que

testasse as propostas de Scherre. Na presente investigação preliminar, nos limitamos a discutir algumas propostas investigativas e averiguar a atuação de alguns fatores sobre a variação estilística na fala da criança analisada.

O primeiro aspecto a ser mencionado concerne ao uso preferencial da regra variável na fala infantil, assim como se tem atestado para a fala adulta. Na distribuição geral dos dados, o uso de SNs não-padrão² correspondeu ao índice de 60% dos casos (76/126). Também observamos um comportamento lingüístico diferenciado ao procedermos a distribuição dos dados, levando em consideração o contexto discursivo em que foram produzidos. Na situação em que a criança contava historinhas, o uso de concordância padrão foi da ordem de 50% (21/42); ao passo que no de relato pessoal foi de 34% (29/84). Convém comentar que tal diferença não possui significância estatística ($\chi^2_{\text{calc.}} = 2,80 < \chi^2_{\text{tab}} 0,05 = 3,841$). Mesmo assim, julgamos interessante apontar a tendência apresentada, pois, a nosso ver, esse resultado sinaliza para uma possível situação de variação estilística na fala da criança.

Dessa maneira, optamos por dar continuidade ao estudo da concordância nominal de número, a fim de oferecermos uma descrição mais detalhada sobre os condicionamentos estruturais e sociais atuantes no uso dessa regra variável na produção oral infantil. Além do mais, optamos pela continuidade do estudo, pois esse tópico constitui, na literatura sociolingüística, uma discussão amplamente estabelecida no que se refere aos falantes adultos, contrastando com o pouco que se sabe sobre a realização desse fenômeno na fala de crianças.

Constitui nosso objetivo neste trabalho investigar de que maneira o sistema infantil pode ser comparável ao adulto, sobretudo no que se refere aos postulados estabelecidos por Scherre (1988), no que se refere às motivações estruturais. É nosso interesse

¹ O termo “marca” e seus derivados são usados neste trabalho para identificar a presença do morfema indicador de plural -s.

² Os rótulos *padrão* e *não-padrão* referem-se ao paradigma gramatical preconizado pela gramática tradicional para a concordância nominal de número, conforme demonstrado no decorrer do trabalho.

também averiguar a relação entre alfabetização e uso da regra padrão, sinalizada na monografia, bem como a atuação de outros fatores sociais, como sexo, faixa etária, tipo de escola, contexto discursivo e audiência. Dessa forma, diante das questões delineadas nas investigações que precedem o trabalho que aqui se apresenta, elencamos, a seguir, as principais hipóteses que norteiam esta dissertação.

No que diz respeito aos condicionamentos estruturais, Scherre, entre outros estudiosos, tem demonstrado a atuação do princípio da saliência fônica, no que se refere a presença da marca morfológica de plural nos elementos sintagmáticos. De acordo com esse princípio, os elementos com diferenciação fônica na relação singular/plural tendem a ocorrerem, na fala adulta, com a marca de número. De modo contrário, os que apresentam um plural regular, tendem a não apresentar a marca de número. Esse princípio tem sido amplamente investigado e, conforme a literatura revisada, tem atuado de forma categórica entre os falantes adultos. Dessa forma, uma das hipóteses é que esse comportamento verbal seja encontrado também na fala das crianças.

Outra hipótese bastante difundida nos trabalhos variacionistas é que existe uma posição preferencial de ocorrência da marca de número no sintagma nominal. Categoricamente, os trabalhos, nessa área, têm afirmado que a primeira posição do SN é a que mais favorece a presença da marca de número, ao passo que as demais são desfavorecedoras. Assim, trabalhamos também com a hipótese de que esse comportamento se reflita na fala das crianças.

No que diz respeito às motivações extralingüísticas, nossa hipótese é que o uso da concordância padrão seja implementado após o contato com a língua escrita. Nesse sentido, acreditamos encontrar um comportamento diferenciado, no que diz respeito ao uso da concordância padrão, entre as crianças das faixas etárias que precedem o ingresso à escola daquelas formalmente engajadas com o ensino formal. Ainda com relação ao impacto da

língua escrita sobre a produção oral infantil, nossa expectativa é de que, em contextos de elicitación de dados que tem por base um texto escrito, o uso de concordância padrão seja maior do que em situações de interação espontânea.

Com relação à estratificação social, embora esse aspecto não seja objetivamente controlado neste trabalho, julgamos que o uso de concordância padrão seja mais acentuado entre as crianças de instituições privadas.

Para a verificação dessas hipóteses, empreendemos uma análise estatística com o pacote de programas estatísticos VARBRUL, em que avaliamos o peso relativo dos fatores lingüísticos e extralingüísticos no uso da marca de número na fala infantil.

A estrutura do trabalho que aqui se apresenta está organizada em seis capítulos. No primeiro capítulo, introdução, apresentamos a estrutura geral do trabalho, bem como as motivações para o desenvolvimento desta pesquisa.

No segundo, procedemos à revisão da literatura, sendo esse capítulo subdividido em cinco seções. Na primeira seção, nos ocupamos em compilar os principais fundamentos da área da Sociolingüística, apresentando a concepção heterogênea de linguagem que norteia as investigações nessa área, bem como a influência dos aspectos sociais sobre a variação. A seguir, na segunda seção, selecionamos alguns trabalhos que focalizam a concordância nominal de número, analisados sob a ótica da Sociolingüística, a fim de explicitar as principais motivações de ordem social e estrutural que caracterizam o fenômeno como uma regra variável na fala adulta. As demais subdivisões deste capítulo são destinadas à contextualização da fala da criança. Na terceira seção, realizamos uma breve retomada das principais teorias sobre o processo de aquisição da linguagem, bem como a discussão de algumas questões levantadas pela Sociolingüística. Logo após, na quarta seção, procedemos à descrição de pesquisas que focalizam a marcação de plural na fala infantil, evidenciando aspectos constitutivos do fenômeno na fala das crianças. Por fim, na quinta seção, discutimos

a influência da escrita sobre a produção oral infantil, bem como sua correlação com o sucesso escolar.

O terceiro capítulo, denominado metodologia, tem por finalidade descrever os procedimentos analíticos utilizados na quantificação dos dados. Apresentamos o pacote de programas estatísticos VARBRUL e os testes de significância estatística empregados. Ainda nesse momento, caracterizamos a amostra sob análise, assim como as variáveis de que nos valem neste estudo.

Para a descrição dos resultados, optamos pela distribuição em dois capítulos. No primeiro deles, empreendemos uma análise denominada atomística, nos moldes de Scherre (1988). Nessa abordagem, averiguamos a atuação de fatores estruturais sobre a presença formal da marca de plural nos constituintes do SN. No segundo capítulo analítico, designado análise não atomística, focalizamos os condicionamentos extralingüísticos sobre a concordância nominal de número, de acordo com as normas gramaticais.

Por fim, o sexto capítulo traz uma síntese dos principais resultados obtidos, bem como as considerações finais sobre a pesquisa desenvolvida.

2 QUADRO TEÓRICO

A fundamentação teórica deste trabalho alicerça-se, basicamente, na área da Sociolingüística Quantitativa, nos moldes labovianos. Contudo, por tratar-se de um trabalho, cujo objeto de análise é a fala infantil, transitamos também pela área da Psicolingüística. Desse modo, este estudo caracteriza-se pela análise da fala da criança, considerando-se o contexto social no qual está inserida. Assim, para a contextualização teórica desta investigação, organizamos este capítulo de modo a contemplar essas duas grandes áreas.

2.1 Sociolingüística

A Sociolingüística é uma área de investigação que se fundamenta pela descrição e sistematização do funcionamento da linguagem na sociedade. Esse campo teórico reflete uma concepção de linguagem segundo a qual a natureza desta é heterogênea, caracterizada como um conjunto de regras variáveis, vinculadas, necessariamente, a aspectos sociais que regem o seu uso. Trata-se, nesse sentido, de uma visão de linguagem em que a interação social é o componente fundamental para todo o processo de significação. A concordância nominal de número é um exemplo de um fenômeno variável na fala, pois, conforme demonstrado na próxima seção, a marca morfológica de número realiza-se de diferentes maneiras ao longo do SN, contrastando com o preconizado pela gramática tradicional. Ao conjunto dessas formas dá-se o nome de variantes lingüísticas. As variantes lingüísticas constituem, portanto, as

diversas formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade.

Para a descrição e a análise lingüística, a área em questão lança mão de instrumentos estatísticos que medem a influência de fatores internos e externos à estrutura lingüística sobre a realização das formas em variação. Comumente, a estratificação social dos trabalhos nessa área é feita a partir das variáveis sexo, faixa etária, escolarização e classe social. A descrição da atuação dessas variáveis nos trabalhos sociolingüísticos tem demonstrado que a atuação dá-se de forma conjunta, balizada pela noção de prestígio.

A escola, de um modo geral, assume como função a propagação das formas de prestígio de uma comunidade lingüística, funcionando, na maioria das vezes, como um mecanismo de resistência à mudança lingüística. Normalmente, as formas prestigiadas são variantes da língua padrão; contudo, é possível que uma forma desviante seja recoberta de prestígio. Conforme Bagno (2002), essas formas desviantes caracterizam uma “variedade culta” da língua, pois são utilizadas por grupos sociais constituídos por falantes normalmente de nível superior completo, denominados “cultos”, que gozam de *status* dentro de uma comunidade lingüística. No contexto escolar, esses conceitos - norma padrão e norma culta - acabam gerando contradições, pois a escola, baseada na prescrição gramatical, taxa como errada construções como “dá pra mim sair”, mas é conivente com formas redundantes como “há anos atrás”, como bem atesta Votre (2003). A contradição reside, então, no fato de que a escola usa como parâmetro a norma prescritiva, sem se dar conta de que valida formas desviantes, em função do prestígio. De nossa parte, sempre que nos referirmos à concordância nominal padrão estaremos nos remetendo às normas prescritas pela gramática tradicional, que constitui, nesse caso, uma variante de prestígio. As realizações não concernentes a esse paradigma são classificadas como não-padrão, recobertas de estigma nas avaliações lingüísticas dos falantes (cf Scherre 2002).

As relações entre prestígio e estigma ganham destaque nas diferenciações lingüísticas entre os sexos, conforme as investigações sociolingüísticas têm demonstrado. Nas situações de variação estável, as mulheres tendem a ser mais sensíveis ao uso das formas de prestígio. Todavia, Labov tem salientado que esse comportamento não é uniforme, pois está relacionado à variável classe social. As mulheres da classe média baixa são as que mais evitam as formas estigmatizadas, preferindo as prestigiadas. Entre as de classe baixa e média alta, a diferença não é significativa. Ainda sobre prestígio e classe social, Labov tem observado em seus trabalhos que a classe média baixa é a zona de maior variação estilística, junto com os casos de hipercorreção. Segundo Labov (1972) a classe média baixa apresenta um alto grau de percepção com relação às estruturas estigmatizadas utilizadas por eles. Nesse sentido, os casos de hipercorreção são explicados associando esse comportamento à perspectiva de mobilidade social.

A estratificação da amostra por idade, permite, a partir de análises sincrônicas, indicar o desenvolvimento diacrônico da língua, identificando quadros de variação estável e de mudanças lingüísticas em progresso. Em uma variação lingüística estável não há uma distinção no sentido de se identificar concorrência de variantes. Normalmente observa-se uma variação entre as faixas etárias, no sentido de um uso mais acentuado de formas prestigiadas pelos mais jovens, devido às pressões do mercado de trabalho. Com relação à variável sexo, as mulheres tendem a se aproximar mais do padrão do que os homens. Essa variação, no entanto, não indica, necessariamente, a substituição de uma forma por outra. Já em se tratando de mudança lingüística, a estratificação etária identifica a concorrência de variantes, no sentido de atribuir uma forma conservadora às gerações mais antigas, que tende a desaparecer em função de uma inovadora, cada vez mais presente nas gerações subseqüentes. Nas situações de mudanças lingüísticas, identificam-se dois tipos: *change from below* e *change from above*. Essas diferenciações estão associadas à classe social que a provoca. A mudança

do tipo *change from below* tem origem no vernáculo e de acordo com Labov (1972) “situa-se abaixo do nível da capacidade consciente”. Ou seja, as variáveis nesse estágio não apresentam variação estilística. Já as mudanças do tipo *change from above* estão associadas a classes sociais dominantes, sendo associadas, nesse sentido, a formas de prestígio. Nas situações de mudança lingüística, as mulheres apresentam comportamentos distintos de acordo com o tipo de mudança. Em *change from below*, elas lideram no uso de formas inovadoras, caracterizando-se os homens pelo uso das formas conservadoras. Em se tratando de mudanças do tipo *change from above*, as mulheres aderem às formas de maior prestígio.

Entretanto, para complementar as tendências de mudança lingüística apontada pelas investigações sincrônicas, também chamada de investigação em tempo aparente, é necessário que o investigador confronte seus dados com dados mais antigos da comunidade analisada, efetuando, assim, uma investigação em tempo real. Uma das alternativas nesse tipo de investigação é lançar mão de material impresso em um período anterior, como por exemplo, cartas pessoais. Outra é retornar à comunidade tempos depois para repetir o mesmo estudo. Nesse segundo caso, ou se procede a um levantamento nos mesmos moldes do anterior com novos informantes, ou se tenta localizar os mesmos indivíduos e os submete a uma nova coleta. A primeira opção (cf. Labov, 1972) denomina-se *trend studies* (estudo de tendências) a segunda, *panel studies* (estudo do tipo painel). Na próxima seção, descrevemos um trabalho de Naro e Scherre (2003a), buscando evidências para uma possível mudança lingüística no fenômeno de concordância de número verbal e nominal, em um estudo do tipo painel.

Ao lado das variáveis sociais, verifica-se também uma investigação em termos de variação estilística. Conforme podemos observar pelos trabalhos abaixo, o conceito engloba vários aspectos. Labov (1966) define estilo em termos de grau de atenção, ou monitoramento que um falante atribui a sua fala, perfazendo um *continuum* cujos extremos são i) fala casual -

contextos em que o indivíduo presta menor atenção a sua fala, caracterizando o vernacular e ii) fala cuidadosa - contextos de maior grau de atenção. Contudo, Labov (2001a) salienta que essas distinções acerca do grau de atenção prestada à fala aplicam-se às situações de entrevista, não sendo adequadas para explicar a organização da fala cotidiana. Para Bell (2001), os resultados sobre a variação do /t/ intervocálico na fala de dois repórteres na Nova Zelândia indicou que o estilo varia de acordo com o interlocutor para o qual a fala está endereçada. Eckert (2000), em estudo sobre a variação lingüística em dois grupos de adolescentes norte-americanos, os *Burnouts* e os *Jocks*, evidencia que o estilo na fala cotidiana não se define em termos de grau de atenção (cf. Labov 1966), mas sim como um importante mecanismo de identificação social.

Após elencarmos algumas considerações que fundamentam o arcabouço teórico deste trabalho, passamos à descrição do fenômeno de concordância nominal de número na fala adulta, a fim de explicitarmos a atuação dos fatores acima descritos no fenômeno em questão. Os critérios que nortearam a escolha dos trabalhos apresentados basearam-se na representatividade dos mesmos no âmbito da pesquisa aqui proposta.

2.2 Estudos sobre a concordância nominal de número

De acordo com Câmara (1978), o sistema de flexão nominal de número no léxico português caracteriza-se como um mecanismo simples e uniforme, consistindo basicamente de um contraste entre uma forma singular, sem marca própria que a distingue, de outra plural, caracterizada pela adição do sufixo -s. As complexidades estão restritas às mudanças morfofonêmicas pelas quais passam certas estruturas ao serem pluralizadas. São os casos de

itens terminados em *-r*, *-l*, *-z* e do ditongo nasal *-ão*. Os vocábulos que terminam com as consoantes acima mencionadas, ao serem pluralizados, aumentam o material fônico com o acréscimo dos alomorfes *-es* *-is*. Já os de estruturas terminadas pelo ditongo nasal *-ão* compreendem três realizações: *-ãos*, *-ões*, *-ães*, cuja sistematização remonta a descrições diacrônicas das formas latinas. A esse respeito, assim se posiciona Câmara (cf. p. 61):

... a referência à forma latina para explicar a portuguesa é muito precária e até perturbadora. Ela é responsável por verdadeiros plurais fantasmas, dados por nossas gramáticas, isto é, plurais que não se encontram no uso vivo, mas não obstante nelas aparecem como os “mais corretos”. (grifo do autor)

Conseqüentemente, no que toca à concordância nominal de número, as gramáticas normativas da língua portuguesa estabelecem como regra geral que todos os elementos flexionáveis de um sintagma nominal devem ser marcados com o morfema indicador de plural *-s*. Contudo, como bem observa Amadeu Amaral (1955), esse paradigma gramatical não corresponde ao sistema encontrado na fala, conforme sua descrição sobre o dialeto caipira. O autor destaca o uso variável da marca de número, ocorrendo, geralmente, apenas no determinante. Há menção, também, de formas que ocorrem marcadas na fala, sem contudo indicar pluralidade. Para ilustrar, o autor cita o caso do vocábulo “réis”, na construção, “isso não vale nem um réis.”

Assim, verificamos que a concordância nominal de número, realiza-se, na fala, de modo distinto do descrito pela língua padrão. Pretendemos, então, nesta seção, apresentar uma visão geral dos estudos que focalizam o fenômeno em questão, explicitando as motivações estruturais e sociais que caracterizam a sua variação na linguagem oral.

Em Poplack (1980) a variabilidade da marca de plural é estudada no espanhol de Porto Rico. Segundo a autora, o sistema de marcação de plural do espanhol padrão segue um sistema redundante, estabelecendo presença de marca em todos os itens de um sintagma nominal, assim como em português. Para sistematizar a variação desse morfema nessa língua,

a autora empreende uma análise variacionista, dos dados de 18 falantes adultos porto-riquenhos, moradores de um mesmo bairro de classe trabalhadora ao norte da Filadélfia. A autora salienta que todos são falantes nativos de espanhol e que constituem uma comunidade isolada e homogênea. Não há nesse artigo maiores especificações quanto à idade com que chegaram aos Estados Unidos, nem a quanto tempo estão lá.

A análise desenvolvida focaliza o efeito da categoria gramatical (determinantes, substantivos, adjetivos), contexto fonológico seguinte (consoante, pausa, vogal), tonicidade (sílabas tônicas e átonas) e o efeito da variável posição linear do elemento sintagmático, associada a marcas precedentes. Seus resultados são apresentados em função da probabilidade de cancelamento da marca de número. Para categoria gramatical, a classe que mais favorece o cancelamento da marca de plural é o adjetivo, com peso de 0,69 seguida pelo substantivo, com peso relativo de 0,57. Ao determinante foi atribuído um peso de 0,26 sinalizando que, entre as categorias analisadas, essa é aquela em que mais ocorre a retenção da marca de número. Sobre contexto fonológico seguinte, a pausa mostrou-se como mais atuante no apagamento (0,65). As vogais e as consoantes revelaram-se menos atuantes, (0,37 e 0,47) respectivamente. A variável tonicidade evidenciou que sílabas tônicas são as que mais retêm a marca de plural, com peso de 0,44 para cancelamento do *-s*. Com os resultados obtidos para a variável que considera posição e marcas precedentes conjuntamente, Poplack estabelece que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”, conforme se pode observar através dos pesos obtidos em cada posição. Para a terceira posição, considerando ausência de marca antes, o peso relativo do apagamento foi de 0,71. Por outro lado, considerando presença de marca anterior, o peso para cancelamento nessa posição é de 0,40. O mesmo comportamento se observa para a segunda posição. Considerando ausência na posição anterior, a segunda posição tende a não ser marcada também (0,58). Já com presença de marca antes, a tendência é haver marca (0,43). Como poderemos constatar mais adiante, o trabalho de Poplack é

fundamental para o de Scherre (1988), que observa efeitos semelhantes no português do Brasil. Entretanto, antes de comentar sua pesquisa, descreveremos os resultados obtidos por Guy (1981), trabalho este também discutido por Scherre.

A pesquisa de Guy (1981) analisa, sob o arcabouço da Sociolinguística Quantitativa, aspectos relativos à fonologia e sintaxe do português popular falado no Brasil, em falantes semi-analfabetos do Rio de Janeiro. Para nossos fins, nos deteremos na descrição sobre os fenômenos de apagamento de *-s* final, como marca de plural e em realização não morfêmica. O autor propõe que, mesmo se tratando de regras distintas, uma de caráter fonológico e outra sintático, a descrição do cancelamento de *s* final pode revelar pontos em comum que expliquem a variação de ambos.

Tendo por base pesquisas prévias sobre o apagamento do *s* não morfêmico, Guy aponta que as principais restrições envolvem a tonicidade e o segmento seguinte. Sílabas átonas tendem a cancelar mais o *s* final do que as tônicas. Sobre o segmento seguinte, a consoante aparece como fator mais atuante na não realização do que a vogal. Guy também pressupõe que esses fatores possam atuar sobre o apagamento da marca de número. Além de identificar as restrições de ordem estrutural, o autor tem por objetivo investigar a distribuição social desses fenômenos.

A análise sobre o apagamento de *s* final não morfêmico conta com as variáveis tonicidade, contexto fonológico seguinte, estilo, sexo e idade. A variável tonicidade foi subdividida em três fatores: i) monossílabos tônicos, ii) oxítonos e iii) palavras em que a tonicidade não recai sobre a última sílaba. Os resultados obtidos corroboram os já encontrados em estudos anteriores. O maior índice de apagamento ocorreu entre as palavras cuja sílaba final não é tônica, com peso de 0,86. Os monossílabos tônicos, por sua vez, são os que menos cancelam o *s* final, com peso de 0,24. Com relação ao contexto fonológico seguinte, sua atuação foi no sentido de serem as consoantes o contexto mais favorecedor do apagamento,

com peso de 0,60. Desse conjunto, as sonoras favorecem mais o cancelamento do que as surdas (0,58 e 0,42) respectivamente.

No que se refere às variáveis sociais, os resultados relativos ao estilo indicam que, em situação de fala casual, a incidência de apagamento é maior (0,55). No que toca à faixa etária, há maior apagamento entre adultos jovens (0,54) do que entre adultos mais velhos (0,48) e adolescentes (0,47). Com relação à variável sexo, as mulheres apresentaram maiores índices de apagamento (0,55). Conforme se observa, os resultados não demonstram gradação etária, de modo que possam configurar uma mudança em progresso. Os resultados indicam tratar-se de uma variação estável. A análise de apagamento de *s* final, considerando a distribuição em cada informante individualmente, revela o mesmo padrão comportamental observado na análise conjunta dos dados, qual seja, sem gradação etária significativa e menores índices de apagamento entre as mulheres.

Em se tratando da marca de número, as variáveis consideradas são: posição, categoria morfológica, presença de informação plural. Também foram consideradas variáveis fonológicas, como as utilizadas para análise do apagamento do *s* não morfêmico, tais como tonicidade e contexto fonológico seguinte.

Os pesos relativos nesse momento da análise são apresentados em função da presença da marca. A variável tonicidade mostrou um efeito semelhante ao encontrado no apagamento do *s* final. Ou seja, as sílabas tônicas são as que mais retém a marca de número (0,61). A explicação para esse comportamento recai sobre o Princípio da saliência fônica, desenvolvido por Lemle e Naro, *apud* Scherre (1988), em pesquisas sobre concordância verbal. Esse princípio propõe que formas mais salientes tendem a ser mais marcadas, conforme a variável tonicidade evidenciou.

Sobre contexto fonológico seguinte, os resultados obtidos apontam que entre os fatores considerados, a pausa é a que mais favorece a presença da marca de número (0,55),

enquanto que sobre o apagamento do *s* final esse fator não mostrou relevância. O autor destaca que as diferenças encontradas entre os outros fatores dessa variável não são significantes.

A variável posição revelou-se a de maior atuação sobre a presença da marca no sintagma nominal. A frequência encontrada foi de 95% de marca na primeira posição, com peso de 0,94; 28% na segunda, com peso de 0,47; 21% na terceira posição, com peso de 0,41 e 11% na quarta e quinta posições, com 0,10 de peso. Guy chama a atenção para os casos em que a marca deixa de acontecer na primeira posição para ocorrer na segunda. São os casos de construções com possessivos, tais como *a minhas*, *o meus*. Para explicar esse comportamento, Guy retoma o efeito que o contexto fonológico seguinte exerce sobre o apagamento do *s* não morfêmico. Nas construções com possessivos, segundo o autor, a primeira posição aparece sem marca, devido à atuação da nasal, que favorece o pagamento do *s*.

A variável informação de plural precedente, elaborada nos moldes de Poplack (1980), permite averiguar o condicionamento que marcas precedentes de plural têm sobre a presença da mesma no item analisado. Os resultados indicam que a primeira posição é a mais marcada, independentemente de marca anterior (0,86 de peso para presença de marca). O resultado mais curioso é que a presença de número antecedendo o item analisado é mais atuante quanto à presença do morfema *-s* antecedente. Os valores encontrados são de 0,57 para número e 0,47 para marcas formais de plural precedente, favorecendo a presença de marca no item analisado. O autor explica que esse comportamento deve ser consequência do auto-monitoramento dos informantes no momento da entrevista.

Na variável categoria morfológica, Guy ocupa-se em examinar a incidência da marca de número em palavras terminadas em *-l*, *-r*, *-z*, plural metafônico, itens regulares e o nominal *vez*. Este item consta como um fator, devido a sua alta incidência nas entrevistas. Na primeira rodada estatística, os itens com plural regular, terminados em *-ão* e em *-l* foram

agrupados em uma mesma categoria, pois não apresentaram significância estatística. Por sua vez, itens terminados em *-z* e em *-r* foram amalgamados, pois ambos apresentam a mesma formação de plural com o acréscimo do alomorfe *-es*. O nominal *vez* também foi incluído nesse agrupamento. As palavras com plural metafônico apresentaram o maior índice de marca de número (0,86); assim, devido ao comportamento praticamente categórico, foram excluídos da análise estatística. Dessa forma, o autor chegou à seguinte categorização: palavras terminadas em vogal e palavras terminadas em consoantes, apontando o favorecimento de marcas entre as finalizadas por consoante (0,64). Como hipótese explicativa, Guy retoma o princípio da saliência fônica. Conforme observaremos ao longo desta seção, esse princípio é amplamente investigado nos trabalhos sobre o fenômeno em questão, evidenciando sempre uma forte atuação.

Guy também examina a influência das informações de plural externas ao sintagma sobre as marcas de número no interior do sintagma. Tendo por base Poplack, que atesta a atuação desse aspecto funcional, o autor organiza sua análise de modo a observar a influência do lugar em que ocorre a informação de plural, se antes ou depois do sintagma. Também observa a incidência das marcas em SNs sem a influência de informação de plural externa. O autor destaca que não houve diferença estatística entre os fatores que codificam informação de plural à direita do SN e ausência de informação de plural adjacente ao SN, mas entre esses dois fatores e o fator referente à presença de informação à esquerda do SN. Os resultados indicaram que SNs sem qualquer informação de plural externa e informação posterior atuam da mesma forma, favorecendo a incidência das marcas no sintagma analisado. Já os SNs com informação de plural precedente tendem a vir sem marca de número. O autor comenta que esse comportamento é coerente com análises prévias desse dialeto, descrevendo um mecanismo em que a marca do plural aparece nas primeiras oportunidades, tendendo a ser omitida nas posições subseqüentes, a fim de se evitar redundâncias.

A variável estilo evidenciou um comportamento semelhante ao observado na investigação sobre o cancelamento do *s* não morfêmico. Em situação de fala monitorada, há mais marcas de número (0,54) do que nas situações casuais (0,46). Com relação à distribuição etária, não houve uma distribuição sistemática, assim como o observado no apagamento do *s* final. As diferenças quanto à variável sexo, apontaram um uso mais acentuado de marcas entre as mulheres (0,56 de peso para presença de marca). A análise individual dos informantes revelou as mesmas constatações observadas na análise conjunta dos dados.

Como conclusão, Guy destaca que os resultados obtidos na análise do apagamento do *s* final não morfêmico replicam os já encontrados em estudos anteriores. As variáveis que evidenciaram maior atuação foram tonicidade e contexto fonológico seguinte. No que se refere à marca de número, a restrição de maior atuação refere-se à posição, indicando a primeira como favorecedora da presença da marca. No que se refere à dimensão social, sexo mostrou ser a variável de maior efeito, apontando as mulheres na liderança das formas padrão. Para encerrar, o autor conclui que não há evidências para caracterizar esses fenômenos como uma mudança em progresso.

Os postulados de Guy sobre o efeito da posição na análise da marca de número servem de base para sua hipótese de que esse comportamento deve-se à influência das línguas africanas na história do português falado no Brasil. Sua discussão destaca que o português popular do Brasil resulta de um crioulo, cuja base gramatical são as línguas africanas que entraram em contato com o português. Os resultados encontrados para o fenômeno de concordância de número, segundo o autor, refletem que esse dialeto está passando por um processo de descrioulização, em que as marcas de número estão sendo adquiridas e não apagadas. Essa é uma posição controversa, não sustentada por Scherre (1988), conforme apontaremos na descrição de seu trabalho. De nossa parte, não levaremos adiante essa discussão, pois não temos condições de explorar essa questão no âmbito de nossa pesquisa.

Scherre (1988) propõe, em tese de doutorado, uma reanálise do fenômeno da concordância nominal de número; seu estudo serve de base para a investigação empreendida por nós sobre a fala da criança. Assim, já que essa investigação é amplamente abordada por nós no decorrer deste trabalho, optamos por não descrevê-la neste momento, para dar lugar a artigos mais recentes da autora que retomam algumas discussões levantadas na tese.

Um deles refere-se à concordância de número nos predicativos e nos participípios passivos (Scherre, 1991). Os dados dessa análise foram extraídos da mesma amostra considerada na tese. A amostra constitui-se de 64 informantes, sendo 32 do sexo masculino e 32 do sexo feminino, estratificada quanto à escolarização e idade. A escolarização compreende 3 faixas: i) 1 a 4 anos; ii) 5 a 8 anos e iii) 9 a 11 anos. Quanto à faixa etária, 4 grupos são considerados: i) 7 a 14 anos de idade; ii) de 15 a 25; iii) de 26 a 49 e iv) de 50 a 71. O percentual global de distribuição da marca de plural corresponde a 50% dos dados (380/759). As variáveis linguísticas consideradas foram (cf. p. 53):

- 1) Paralelismo formal das seqüências de predicativos/participípios no discurso;
- 2) Características formais do sujeito;
- 3) Características formais do verbo;
- 4) Estrutura do predicativo;
- 5) Processos morfofonológicos de formação do plural;
- 6) Tonicidade dos itens singulares;
- 7) Ordem dos elementos na estrutura;
- 8) Material interveniente entre verbo e o predicativo;
- 9) Tipo de estrutura.

Segundo a autora, as variáveis 1, 2 e 3 acima citadas têm por objetivo testar a influência do princípio do processamento paralelo em níveis sentenciais, tendo por pressuposto o postulado de Poplack de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros.” Com relação à estrutura do predicativo, o objetivo é observar se existe alguma sistematização em termos de configuração sintagmática condicionando a presença ou ausência das marcas. As variáveis processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade testam a atuação do princípio da saliência fônica sobre esses dados. A variável 7, examina se há relação entre

ordem canônica e maior índice de marcas e vice-versa. Também possibilita analisar se os elementos intervenientes entre o verbo e o predicativo exercem alguma influência sobre a presença ou ausência das marcas. A variável 9 examina o comportamento das estruturas passivas com relação à presença de marcas, já que, de acordo com a autora, apenas 37% das estruturas são marcadas. As variáveis sexo, faixa etária e grau de escolarização investigam se o fenômeno em questão constitui um processo de variação estável ou mudança em progresso.

A distribuição das estruturas no discurso, demonstraram que o princípio do paralelismo formal é o fator mais atuante, evidenciando que a presença de marcas em estruturas antecedentes favorecem a presença de marcas nas subseqüentes. Essa constatação toma por base os resultados referentes às características formais do sujeito e do verbo. Com relação ao sujeito, se este vier com todas as marcas formais de plural, a probabilidade de que o predicativo as tenha é da ordem de 0,63. Já se esse não apresentar todas as marcas, sobretudo as últimas, o peso é de 0,30. No que se refere aos verbos, se esses são formalmente marcados, a tendência do predicativo também o ser é de 0,61. De modo contrário, a presença de marca no predicativo antecedido por verbo sem marca é de 0,18.

A análise que considera o tipo de estrutura revelou que a configuração nominal, como *eles são campeões*, favorece mais a presença de marca do que construções adjetivas, do tipo *eles são felizes*. A autora esclarece que uma possibilidade de explicação seria o fato de ser a configuração adjetiva a mais comum e, portanto, menos saliente no discurso. Logo, seguindo o princípio da saliência fônica, esta seria menos marcada.

A variável processos morfofonológicos de formação de plural evidenciou novamente atuar, já que os plurais não regulares apresentaram um peso de 0,67 sobre o índice de marca. Todas as variáveis descritas até então foram selecionadas como estatisticamente relevantes. A seguir, seguem as descrições das variáveis não selecionadas.

A variável tonicidade não demonstrou atuação significativa, contrastando com os resultados obtidos em Scherre (1988), em que teve grande relevância. O exame da ordem dos elementos na estrutura não revelou significância estatística a ponto de demonstrar uma relação entre ordem canônica e presença de marcas e vice-versa. A presença de material interveniente entre o verbo e o predicativo e particípio é irrelevante quanto à presença de marcas nessas estruturas. A análise do tipo de estrutura indicou um predomínio de marcas em estruturas ativas (0,56).

A análise das variáveis sociais levam a uma caracterização do fenômeno como um processo de variação estável. Esse resultado também contrasta com o obtido na ocasião da tese, em que a autora identifica uma situação de variação estável para um subgrupo de falantes e outra de mudança em progresso para outro subgrupo.

Como conclusão final, a autora destaca o efeito do paralelismo formal também no que se refere à concordância de número nos predicativos e participios. Novamente, o princípio da saliência fônica revelou-se como um fator altamente favorecedor de presença de marcas.

Em Scherre e Naro (2003a), o fenômeno da concordância nominal e verbal de número é retomado sob a forma um estudo do tipo painel. Esse tipo de estudo permite avaliar possíveis mudanças lingüísticas em tempo real, conforme comentado na seção destinada à Sociolingüística. Os autores recontactaram, entre 1999 e 2000, 16 falantes gravados na década de 80.

Nesse trabalho, o fato que mais chama atenção refere-se ao aumento dos índices de concordância na fala dos informantes, tanto verbal quanto nominal, em cerca de 20%, sem, necessariamente, aumento dos anos de escolarização. Para ilustrar tal comportamento, há o exemplo de dois falantes. Um do sexo feminino, que em 1982 tinha 18 anos, e outro do sexo masculino, que na época, contava com 60 anos. Conforme dados disponíveis, a informante de 18 anos apresentava, em 1982, um índice de concordância nominal de 13% (15/115),

passando a 40% (61/151), em 2000. O informante de 60 anos, em 1982, tinha um percentual de 32% (47/147), passando a 52% (87/168) em 2000. Esse comportamento foi observado em todos os 16 informantes recontactados. É dada ênfase também ao fato de que, entre os informantes que implementaram seus níveis de escolarização, os índices de concordância também aumentaram. Outro aspecto a ser mencionado é que a mesma hierarquia estabelecida na década de 80, quanto aos índices de concordância, mantiveram-se em 2000. Ou seja, os informantes permaneceram na mesma ordem entre si; os falantes que apresentaram concordância mais alta em 1980 são os mesmos de 2000.

Os autores empreendem também uma análise sobre a variável posição linear, a fim de verificar se, além dos aspectos sociais, os de ordem estrutural também apresentam um comportamento diferenciado. Quanto a esse ponto os resultados refletem os já encontrados na primeira coleta. As posições à esquerda do núcleo tendem a reter a marca, mais do que as posteriores a esse. Dessa forma, não houve mudança quanto às restrições estruturais do contexto lingüístico.

Como principal conclusão, os autores destacam a importância de se considerar aspectos relacionados à trajetória de vida de cada informante, na medida do possível. Conforme observado, apenas as tradicionais categorias sexo, idade e escolarização não foram suficientes para explicar o comportamento lingüístico demonstrado por esses falantes.

Ponte (1979) investiga o fenômeno da concordância nominal no dialeto de Porto Alegre. A autora teve por objetivo a descrição e análise das construções nominais quanto ao aspecto de número, gênero e pessoa. Contudo, conforme nosso interesse, nos deteremos nos aspectos que dizem respeito apenas à concordância de número em sintagmas nominais. Os pressupostos teóricos e metodológicos utilizados pela autora apoiam-se na Teoria Variacionista Laboviana, levando em consideração aspectos lingüísticos e sociais na análise proposta.

A amostra foi composta de vinte informantes (dez homens e dez mulheres), moradores da Vila Santa Rosa, subúrbio de classe baixa de Porto Alegre. Os informantes situam-se na faixa etária dos 30 aos 45 anos. São semi-alfabetizados e, em sua maioria, operários.

Para a análise, foram consideradas três variáveis lingüísticas: posição dos elementos no SN, natureza flexional do segmento precedente, processos morfofonológicos de formação do plural. A variável social considerada foi sexo. A variável posição dos elementos no SN tem como motivação examinar a influência da posição sobre a presença da marca formal de plural nos itens sintagmáticos. A natureza flexional do segmento precedente analisa a presença de marcas de plural precedentes ao nominal analisado, bem como sua natureza flexionável ou não. A variável processos investiga a atuação do princípio da saliência fônica.

Em linhas gerais, seus resultados refletem os mesmos já referidos nos trabalhos anteriores. A grande tendência é flexionar, sobretudo, o primeiro elemento do SN e, secundariamente, os elementos das demais posições, em ordem decrescente. As palavras que apresentam maior diferenciação fônica na relação singular/plural tendem a ser mais marcadas, evidenciando, dessa forma, atuação do princípio da saliência fônica. A variável sexo não demonstrou relevância significativa, as diferenças são mais perceptíveis no nível individual, refletindo, nesse caso, influência de aspectos relacionados a história de vida de cada informante.

Verifica-se, portanto, diante do que foi exposto sobre as investigações da concordância nominal de número, que o fenômeno realiza-se como uma regra variável na fala adulta. Algumas variáveis lingüísticas parecem atuar de modo sistemático. A marca morfológica de plural tende a aparecer preferencialmente nas primeiras posições, assim como em palavras de plural irregular, nesse caso, devido ao princípio da saliência fônica. O princípio do paralelismo formal também é apontado, sobretudo por Scherre no português do

Brasil, como um fator bastante relevante no fenômeno. Assim, pautando-nos nesses trabalhos prévios, constitui nosso objetivo investigar se na fala infantil o fenômeno de concordância nominal caracteriza-se, do mesmo modo, como uma regra variável. Para isso, desenvolvemos nossa análise de modo a contemplar vários aspectos presentes nos trabalhos aqui citados, a fim de estabelecer uma análise comparativa com o sistema adulto. Passamos, agora, à caracterização da fala infantil.

2.3 Aquisição da linguagem

As primeiras tentativas de se explicar o desenvolvimento da linguagem infantil enquadram-se em uma abordagem *behaviorista* (cf. Ingram, 1989). Dentro desse campo tiveram ênfase a teoria da imitação e a do reforço. Segundo os proponentes da teoria da imitação, o processo de aquisição da língua materna consiste da imitação da fala adulta pela criança. Contudo, entre outras objeções, essa teoria não dá conta de esclarecer de que maneira a criança é capaz de produzir, ao longo de seu desenvolvimento, estruturas pouco freqüentes, ou até mesmo inexistentes, no *input* recebido por elas.

Outra explicação utilizada caracteriza o processo de aquisição como um comportamento de estímulo e resposta. Nessa concepção, o desenvolvimento lingüístico ocorre em função do reforço positivo e negativo dos pais diante das primeiras produções orais infantis. O reforço positivo estimularia a criança a falar mais e, conseqüentemente, adquirir novas formas. O reforço negativo, por sua vez, funcionaria como um parâmetro sobre o qual a criança se apoiaria para modelar sua fala. Todavia, com o desenvolvimento das pesquisas na

área, observou-se que o reforço negativo é empreendido para corrigir questões relacionadas ao valor de verdade dos enunciados e raramente para questões de ordem estrutural.

Diante da ineficácia das teorias *behaviorista* em explicar as estratégias utilizadas pelas crianças na construção de sua gramática, as investigações passaram a focalizar questões relacionadas ao desenvolvimento cognitivo. Piaget (1993) propõe que o desenvolvimento da linguagem está atrelado ao processo de maturação cerebral, ocorrendo de forma ordenada de acordo com a superação de estágios. De acordo com a visão piagetiana, a linguagem desenvolve-se após a superação do estágio sensório-motor, quando a criança passa a fazer uso da representação simbólica. Paralelamente a esse enfoque cognitivista adquire grande ênfase uma teoria denominada inatista, cujo grande propulsor é Noam Chomsky.

Nesse quadro, a linguagem caracteriza-se como um atributo biológico e, nesse sentido, inato à espécie humana, sendo descrita em termos de “um conjunto de princípios e de elementos comuns às línguas humanas possíveis” (cf. Chomsky, 1986:23). Esse conjunto de princípios e elementos próprios da natureza humana recebe o nome de Gramática Universal (GU). Nessa abordagem, o *input*, é um dispositivo de caráter restritivo, cuja função é fixar os parâmetros da língua na qual o falante está em contato. Assim, nessa visão, o processo de aquisição da linguagem é um fenômeno eminentemente cognitivo, cuja função é desenvolver uma "competência" no que diz respeito à produção de estruturas que caracterizam a gramática da língua na qual se está adquirindo, segundo o autor (cf. 1986: 31)

O sistema de conhecimento que se desenvolveu de alguma maneira na nossa mente tem umas certas conseqüências e não outras; relaciona som e significado e atribui propriedades estruturais a eventos físicos de um determinado modo e não de outro.

Chomsky ainda assevera que o conhecimento da linguagem constitui um módulo distinto da mente humana, não dependendo, necessariamente, da interação de outros módulos

cognitivos, contrastando, desse modo, com as afirmações de Piaget. De acordo com Chomsky 1986:31:

Deveríamos, pois, pensar no conhecimento da língua como um certo estado da mente/cérebro, como um elemento relativamente estável em estados mentais transitórios, uma vez atingidos. Para além disso, deve ser entendido como um estado de uma faculdade da mente distinta - a faculdade da linguagem - com as suas propriedades, estrutura e organização específicas - como um módulo da mente.

Dessa forma, as primeiras investigações sobre o processo de aquisição da linguagem compreende um conhecimento de carácter essencialmente gramatical, caracterizando isso o conceito de “competência”. As relações com o contexto são enquadradas no conceito de “performance”.

Nesse contexto histórico ganham destaque as pesquisas sobre a fala da criança que se caracterizaram pela elaboração de diários naturalísticos, baseados em observações longitudinais. Esses diários tinham como objetivo descrever a produção lingüística inicial, a fim de se estabelecer os estágios envolvidos no desenvolvimento do conhecimento gramatical. Para melhor ilustrar essa fase investigativa, descreveremos, em linhas gerais, o trabalho de Roger Brown (1973), que se caracteriza pela descrição dos estágios iniciais da aquisição da gramática da língua inglesa em três crianças: Eve, Adam e Sarah.

No referido trabalho, o autor descreve o surgimento das relações sintáticas e semânticas da gramática do inglês, estipulando cinco estágios, dos quais dois são descritos no livro aqui mencionado. Brown estabeleceu cada estágio de acordo com o número médio de morfemas por enunciado (MLU). Essa medida tem sido amplamente utilizada pelas pesquisas aquisicionais, servindo para a identificação do estágio de desenvolvimento em que a criança se encontra.

O primeiro estágio, segundo Brown, caracteriza-se pela produção de enunciados de duas palavras, restringindo-se, basicamente, a verbos, substantivos e adjetivos. Nessa fase

a criança não produz morfemas gramaticais, estabelecendo-se relações semânticas através do ordenamento desses itens no enunciado. Assim, muitas vezes nessa fase, os adultos lançam mão do contexto para interpretar os enunciados das crianças.

O estágio 2 caracteriza-se pelo início do uso de morfemas flexionais, entre eles o plural e as preposições, estabelecendo-se as relações sintáticas entre os enunciados. Resguardadas as diferenças individuais, conforme salienta o autor, o processo de emergência dos morfemas flexionais pode ser caracterizado como um processo uniforme, sendo aplicado, inclusive, para a aquisição em outras línguas. Nesse sentido, Brown estabelece uma ordem de surgimento desses morfemas, estando o plural nas primeiras posições.

Verifica-se, portanto, que no quadro teórico até então caracterizado, o processo de aquisição da linguagem assume um caráter invariável, já que compreende um desenvolvimento biológico e, nesse sentido, comum a todos os falantes. Com o advento da Sociolinguística, outros aspectos passam a ser considerados em termos de desenvolvimento oral infantil, principalmente no que diz respeito à capacidade que as crianças têm de interpretar e usar a linguagem nos mais diversos contextos de produção e não apenas em termos de um conhecimento estrutural da língua.

A esse respeito, Ochs e Schieffelin (1997), posicionam-se destacando o papel da socialização no desenvolvimento gramatical infantil. Para as autoras, analisar os processos de desenvolvimento da linguagem apenas sob a perspectiva do conceito de competência gramatical é uma visão reducionista, uma vez que limita o processo apenas à medição de questões estruturais produzidas pelas crianças nas etapas aquisicionais. O modelo de socialização da linguagem permite observar o desenvolvimento gramatical em termos de “significados indexicais”. Nesse campo teórico, o comportamento lingüístico das crianças em produzir um determinado item gramatical com maior ou menor frequência não se relaciona simplesmente ao fato de conhecer ou não tal item, mas ao reconhecimento pela criança de que

certos significados são indexados às formas gramaticais, associando-os a determinadas identidades sociais dos interlocutores. Como exemplo, as autoras citam o comportamento de crianças samoanas que, mesmo conhecendo, não utilizam um determinado verbo que na cultura local é associado a ações de ordenar e impor. Nesse caso, elas conhecem tais verbos, mas não os produzem, pois sabem que é socialmente inadequado a uma criança utilizar essas formas. Assim sendo, as crianças demonstram ter consciência, através deste comportamento verbal, de que apenas às pessoas de maior *status* na comunidade, e não a elas, cabe as ações de impor e ordenar. Trata-se, neste sentido, de uma competência gramatical atrelada a uma competência cultural, estando a criança ativamente engajada no processo de aquisição da linguagem.

No que diz respeito à capacidade das crianças de usarem as estruturas de sua língua materna contextualmente, um trabalho extensivo é o de Andersen (1990). A autora descreve, em uma análise transversal, a sensibilidade de 18 crianças, entre 4 e 7 anos, a diferentes contextos de produção, abordando a questão da variação de registro. De acordo com a autora, registro define-se pela presença ou ausência sistemáticas de certas estruturas linguísticas em situações de fala específicas, percorrendo os níveis fonológico, sintático, semântico e lexical.

Para verificar a variação de registro, a autora elaborou um instrumento de coleta designado como *improvisação controlada*. Esse instrumento consiste de três situações, nas quais as crianças manipulam pequenos bonecos, sendo i) uma situação familiar; ii) um consultório médico e iii) uma sala de aula. Na situação familiar, a criança brinca com uma boneca maior, usando um vestido, sugerindo ser a mãe; um boneco com bigode e gravata, para representar o pai; e uma pequena boneca, trajando um pijama e usando tranças e laços, para ser a filha. Na situação do consultório médico, há um boneco com bigode, careca e uniforme branco, sugerindo ser o médico; uma boneca com cabelo longo e louro, uniforme

branco e chapéu com uma cruz vermelha, para representar a enfermeira e um boneco com a cabeça enfaixada e uma tala no braço para representar o paciente. Na situação de sala de aula, há uma professora com o cabelo grisalho, óculos e dois bonecos, caracterizados como crianças de modo a representarem os alunos. Em todas as situações, havia propostas de interação sugeridas pelo experimentador, a fim de proporcionar uma maior contextualização. Assim, na situação de família, por exemplo, o experimentador incitava a criança a ser o pai ou a mãe e que ela deveria pôr o boneco/bebê na cama, sendo que antes a “mãe” ou o “pai” teria de contar uma historinha para o “bebê”. Ele ainda sugeria que a historinha poderia ser sobre o aniversário de três anos da criança/boneco, que seria no dia seguinte. Após, o experimentador propunha que a criança trocasse de papel, assumindo, por exemplo, o papel de bebê, interagindo como se assim o fosse. Dessa forma, as crianças eram estimuladas a representar todos os papéis. Na situação de consultório médico, a seção iniciava com o experimentador convidando para brincarem de médico, o mesmo ritual de contextualização ocorria, com a apresentação dos bonecos e com a sugestão de levar o boneco doente a uma consulta. A situação da sala de aula foi a mais difícil e a que teve o maior número de recusas de participações. Nessa situação, havia dois bonecos alunos, sendo que um seria um estrangeiro. A instrução dada à criança era de que ela primeiro fosse a criança/boneco nativa, falando com a criança/boneco estrangeira. O experimentador alertava para o fato de a criança/boneco estrangeira não falar inglês muito bem. As crianças eram estimuladas a realizarem todos os papéis, falando e agindo conforme os seus personagens. Os dados foram coletados em uma sala, na própria escola das crianças.

De um modo geral, os resultados apontam para a percepção das crianças no que diz respeito às dimensões sexo, idade e hierarquia social, percebendo-se um incremento no desempenho nos grupos de crianças mais velhas. No que se refere a aspectos lingüísticos, as crianças manipularam a fonologia, o léxico e a morfologia para marcar os diferentes registros,

variando esse uso de uma faixa etária para outra. Os ajustes mais freqüentes foram entonação e volume. No léxico, observou-se que elas fizeram uso de vocabulário específico de cada situação. Na morfologia, principalmente para marcar a fala dirigida a crianças, os ajustes mais freqüentes foram as omissões de verbos, artigos e preposições. Assim, Andersen (1990) evidencia que crianças entre 4 e 7 anos possuem habilidades sociolingüísticas, uma vez que elas demonstram sensibilidade em relação às categorias sociais acima explicitadas. Percebe-se, também, que essas habilidades incrementam-se à medida em que elas são expostas a tais situações, já que as mais velhas demonstraram melhor desempenho.

Por fim, queremos destacar ainda o relativo pioneirismo do qual se reveste o trabalho de Andersen, no que diz respeito às posições iniciais da Sociolingüística sobre o processo de aquisição da linguagem. A contribuição do trabalho de Andersen reside justamente no fato da pesquisadora ter demonstrado que as crianças são capazes de manipular recursos lingüísticos a fim de caracterizar identidades sociais. Até então, acreditava-se que a fala da criança partia de um modelo semelhante ao vernacular de sua mãe ou cuidadora para, somente na adolescência, incorporar os aspectos da variedade local, devido, sobretudo, às pressões dos pares de grupo.

Contemporaneamente, as investigações acerca da fala infantil, enquadradas em um perspectiva sociolingüística, contemplam aspectos relacionados à aquisição de regras variáveis. A esse respeito, os trabalhos de July Roberts (1997) e mais recentemente Hazen (2002) desenvolvem pesquisas reveladoras. Nesses trabalhos os investigadores tentam identificar quando as crianças passam a adotar as características dialetológicas de sua comunidade de fala e quais aspectos estão envolvidos nessa aquisição.

A pesquisa de Roberts (1997) investiga a fala de crianças de 3 e 4 anos de uma comunidade de classe média baixa da Filadélfia com o objetivo de averiguar a aquisição de regras variáveis; nesse caso, o apagamento de *-t* e *-d* finais. Sua investigação desenvolve-se

no âmbito da Sociolinguística Quantitativa, avaliando o efeito de variáveis fonológicas, gramaticais e sociais, comparando seus resultados com investigações sobre o mesmo fenômeno na fala adulta, como o de Guy (1980 *apud* Roberts, 1997), entre outros.

No que toca às restrições fonológicas, a autora considerou os seguintes segmentos fonológicos: pausa, vogais, consoantes obstruintes, líquidas e glides. Os resultados obtidos com os dados das crianças segue o mesmo padrão dos adultos, sendo o segmento consonantal obstruinte o contexto mais favorecedor ao apagamento do que as líquidas e glides. A pausa não se evidenciou como estatisticamente significativa, o mesmo sendo observado nas análises sobre falantes adultos desse dialeto. A autora chama a atenção para o fato de que o efeito das consoantes obstruintes e vogais sobre o apagamento de segmentos precedentes tem demonstrado uma atuação categórica em diversos trabalhos, indicando tratar-se de um processo articulatorio natural. Entretanto, o efeito da pausa não se caracteriza do mesmo modo, variando diatopicamente, citando como exemplo o dialeto de Nova Iorque. Nesse sentido, a autora reforça a tese de que o que se observa na produção oral infantil sobre as restrições fonológicas diz respeito à aprendizagem de regras, disponíveis no *input*, e não à aplicação de um processo universal, desencadeado naturalmente, o que se poderia pressupor.

As variáveis gramaticais consideradas testam o apagamento de *-t* e *-d* finais em formas verbais monomorfêmicas; regulares, como *listen/listened* e em formas denominadas de *semi-weak*, que apresentam *-t* e *-d* finais, tais como *tell/told*, *sleep/slept*. De um modo geral, as crianças demonstraram um comportamento verbal semelhante ao dos adultos, efetuando mais apagamento de *-t* e *-d* finais em palavras monomorfêmicas do que em formas regulares. No entanto, o comportamento delas com relação aos verbos *semi-weak* é diferente daquele dos adultos, pois entre as crianças não há diferença estatística entre o índice de apagamento dessas formas verbais e categorias monomorfêmicas. Ou seja, os verbos *semi-weak* e as categorias monomorfêmicas favorecem o apagamento do mesmo modo. Entre os adultos, os

verbos *semi-weak*s apresentam um comportamento semelhante aos regulares, qual seja, desfavorecendo o cancelamento de *-t* e *-d* finais.

Com relação às variáveis sociais, as diferenciações entre as idades não demonstraram significância estatística. Contudo, ao agrupar as crianças tomando por base o MLU, o resultado mostrou-se significativo, sobretudo no que diz respeito às restrições gramaticais. Sobre gênero, Roberts encontrou maior índice de apagamento entre as meninas do que entre os meninos, contrastando com o que se tem observado para a fala adulta, em que em uma situação de variação estável, as mulheres tendem a se aproximar mais do padrão.

Como uma possível interpretação para esse resultado, a autora sugere que as meninas aprendam mais rapidamente do que os meninos a cancelar o *-t* e *-d* finais, já que pesquisas psicolinguísticas indicam que algumas formas gramaticais desenvolvem-se mais cedo entre as meninas. Outra possibilidade recai sobre o que os trabalhos sociolinguísticos têm demonstrado sobre o comportamento das mulheres em situação de mudança linguística do tipo *change from below*. Nesse tipo de mudança, as mulheres lideram no uso de formas inovadoras, enquanto que os homens tendem a permanecer com as formas conservadoras. Nesse sentido, a autora sugere que, por se tratar da fala de crianças de 3 e 4 anos, não estariam ainda presentes as pressões sociais da fala adulta. Dessa forma, o fenômeno, que entre falantes adultos constitui uma variação estável, na fala infantil, caracterizaria-se como uma situação de *change from below*, em que as participantes do sexo feminino tendem a usar mais as formas inovadoras. Destacamos que, no que toca ao fenômeno estudado por nós, as mesmas diferenciações quanto ao gênero foram observadas.

Para finalizar, Roberts (1997) salienta que seus resultados evidenciam que as regras variáveis estão presentes na produção oral infantil desde os primeiros estágios do desenvolvimento. Indicam também que elas estão aprendendo as características do dialeto em

que estão inseridas e não simplesmente aplicando restrições universais, ou copiando estruturas presentes na fala adulta.

Em Hazen (2002), o papel que a família exerce sobre a variação lingüística constitui o foco central da discussão proposta no artigo. Segundo o autor, a família, enquanto estrutura analítica nos estudos sociolingüísticos, é um aspecto pouco estudado, normalmente ocupando um lugar intermediário entre a fala do indivíduo e a comunidade de fala. A influência sobre a variação é vista em termos geracionais, restringindo-se à transferência de certos traços lingüísticos de uma geração à outra.

Sua reflexão começa distinguindo os tipos de influência envolvidos na variação lingüística dentro da família. Comumente, a Sociolingüística tem proposto que a fala das crianças organiza-se, inicialmente, em torno do *input* dos pais, para posteriormente convergir para a variedade dos seus pares de grupo. Entretanto, o autor apresenta trabalhos que evidenciam que o contrário também pode ocorrer. Entre os trabalhos citados, a autora recupera o de Meyorff (2000, *apud* Hazen 2002), que focaliza o fenômeno de apagamento do sujeito. Na comunidade analisada, Bislama, o apagamento de pronome sujeito constitui uma variante inovadora, sendo essa amplamente difundida entre os falantes jovens. Todavia, a distribuição do fenômeno não se evidencia de forma clara em termos de uma gradação etária, pois a forma inovadora também está presente na fala dos pais. Como explicação, a autora propõe que esse comportamento deve-se a uma adequação da fala dos pais, no sentido de incorporarem aspectos da fala de seus filhos. Trata-se, desse modo, da influência da variedade que está sendo adquirida pelas crianças sobre a variedade já adquirida dos pais.

Sobre a influência da comunidade local sobre a fala infantil, Hazen se reporta, entre outros, ao trabalho de Kazazis (1970, *apud* Hazen 2002), que investiga a fala de crianças nascidas em Atenas, filhas de pais procedentes de Estambul. Kazazis observou que mesmo interagindo com crianças nativas da Grécia, as crianças analisadas apresentavam algumas

estruturas típicas da língua de seus pais. Segundo o autor, a explicação para o comportamento verbal das crianças relaciona-se ao fato dessas estruturas não serem marcadas socialmente, conforme observado na pesquisa.

Verifica-se, portanto, através desses exemplos aqui citados, que não existe uma influência unilateral, no sentido de atribuir à família ou aos pares de grupo a influência sobre a fala da criança. De um modo geral, o autor conclui que a adesão da criança a uma determinada variedade lingüística depende de fatores relacionados ao prestígio/estigma da variedade dos pais em contrapartida à da utilizada pela comunidade local. Os principais aspectos assinalados pelo autor estão abaixo arrolados (cf. p. 518).

- As crianças adquirem, primeiramente, o modelo dos pais, que permanecerá caso seja reforçado pelos seus pares de grupo.
- Se os traços dialetais da família não apresentarem marcação social negativa, as crianças não mudarão, necessariamente, para a variedade dos pares.
- A aquisição de determinados traços dialetais depende da exposição da criança em estágios recentes de aquisição.
- A variação entre irmãos não é incomum, sendo resultado de diferentes *inputs* recebidos, diferentes contatos sociais, identificação e participação em diferentes comunidades de práticas.
- As crianças de famílias recentemente imigrantes tendem a orientar a sua variedade ao modelo dos pais. A permanência dependerá da avaliação da relação prestígio/estigma que essa variedade tem dentro da nova comunidade de fala.

O trabalho de Goodwin (1990) investiga a fala de crianças interagindo entre os seus pares de grupo, com o propósito de observar a maneira como as crianças estabelecem arranjos sociais para organizar a estrutura de participação nas situações de brincadeira. Seus dados são de crianças moradoras de um conjunto residencial de classe trabalhadora no sul da Filadélfia. A comunidade é composta, em sua maioria, por negros, cuja variedade lingüística falada é o *Black English*. Os informantes estão distribuídos em quatro grupos, de acordo com sexo e faixa etária (8 meninas de 4 a 10 anos; 15 meninas de 10 a 13 anos; 3 meninos de 5 a 6 anos; 23 meninos de 9 a 14 anos). Todavia, a pesquisadora salienta que o trabalho concentrou-

se, sobretudo, nas crianças mais velhas. Trata-se de uma comunidade cujos pais trabalham fora e as crianças, no turno em que não estão na escola, brincam juntas na rua até eles chegarem. Todas estudam e não fazem parte de *gangs* ou coisa semelhante. As meninas mais velhas são responsáveis pelas crianças menores, desenvolvendo também pequenas atividades domésticas. Em função disso, elas permanecem mais tempo perto das residências, enquanto que os meninos saem mais, devido aos jogos que organizam fora da comunidade. De uma maneira geral, todos compartilham os mesmos espaços a maior parte do tempo.

O primeiro aspecto observado diz respeito ao uso que meninos e meninas fazem dos diretivos em suas situações de brincadeira. Conforme a autora, os diretivos funcionam na fala como mecanismos que estabelecem arranjos sociais entre os membros de um grupo, definido como um “ato de fala cujo objetivo é levar alguém a fazer algo” (cf. p. 63). A autora analisou a produção de diretivos em duas situações específicas; no grupo dos meninos, na elaboração de um instrumento de arremesso; entre as meninas, na elaboração de anéis.

Além de jogar bola, uma das atividades favoritas dos meninos é a elaboração de um instrumento, denominado funda, também conhecido no Brasil como bodoque, estilingue, etc. As meninas, por sua vez, envolvem-se na elaboração de anéis, usando como material garrafas descartáveis de refrigerante.

Entre os meninos, a autora constatou que a organização entre os membros dá-se de forma hierárquica, organizada em função do desempenho individual. Os diretivos são, em sua maioria, imperativos que estipulam diferenciações entre um membro superior e outro subordinado.

Entre as meninas, a pesquisadora observou que elas se engajam conjuntamente, de modo a demonstrar mais igualdades entre as participantes do que diferenciações. Os diretivos são usados, normalmente, na primeira pessoa do plural, incluindo quem fala na ação. Servem,

portanto, para promover a cooperação conjunta durante a execução da tarefa, diferentemente do observado entre os meninos, que serve para estabelecer diferenciações entre os membros.

Entretanto, a autora destaca que essas características não podem ser tomadas de modo generalizante, a fim de determinar um padrão comportamental entre meninos e meninas. Ela acrescenta, por exemplo, que nas brincadeiras de “casinha”, em que as meninas simulam uma situação familiar, elas usam tantos imperativos quanto os meninos com o objetivo de marcar hierarquia entre os papéis desempenhados.

Ainda no trabalho em questão, Goodwin investiga a fala argumentativa em uma situação interacional, denominada “*he-said-she-said*”. Trata-se de uma espécie de confronto que se estabelece entre duas meninas, estruturado, basicamente, em ofensas que as duas participantes endereçam uma à outra. Além do confronto, essa situação caracteriza-se também pelas narrativas que as outras meninas do grupo contam, que servem para introduzir novos pontos de vista no confronto. A autora descreve a habilidade das meninas em mobilizar estruturas lingüísticas complexas, tais como ordem sintática e referência espaço-temporal, para estruturarem a argumentação utilizada nas disputas.

Mais do que explicitar diferenciações entre os meninos e meninas, a principal contribuição do trabalho de Goodwin reside no fato de a autora demonstrar que as crianças, assim como os adultos, são capazes de manipular estruturas lingüísticas, a fim de organizarem o seu meio social, demonstrando, dessa forma, uma competência comunicativa.

Sobre as relações entre gênero e linguagem, o trabalho de Nakamura (2001) tem como objetivo observar se, tal como na sociedade adulta japonesa, essas diferenciações estão presentes na fala das crianças. Segundo Nakamura, as diferenças quanto ao gênero na sociedade japonesa são mais evidentes do que na cultura ocidental. Para ilustrar essa diferenciação, cita, entre outras, uma pesquisa de opinião realizada no Japão em que a maioria dos homens e mulheres adultos (65,7% e 55,5% respectivamente) estão de acordo com a

ordem social estipulada, na qual os homens saem para trabalhar fora, enquanto que as mulheres ficam em casa. Nakamura comenta que, atualmente, nas culturas ocidentais, essas posturas não são tão salientes.

Com relação às crianças, Nakamura coloca que, assim como nas culturas ocidentais, as expectativas dos adultos em relação aos meninos e meninas são distintas. Dos meninos, espera-se que sejam fortes, enérgicos, enquanto que essas características são vistas de modo depreciativo nas meninas. Aos meninos são dados brinquedos de montar, automóveis e figuras de super-heróis, enquanto que para as meninas os brinquedos são bonecas e utensílios domésticos. O autor ainda acrescenta que mesmo nos livros ou programas infantis, as diferenciações quanto ao gênero são baseadas nos estereótipos acima mencionados.

No que se refere aos aspectos lingüísticos, Nakamura descreve que as diferenciações quanto ao gênero entre falantes adultos se dão em todos os níveis: fonológico, morfológico, lexical e estilístico. Contudo, salienta haver variação estilísticas em decorrência do contexto conversacional.

Para investigar as possíveis diferenciações lingüísticas quanto ao gênero em crianças pequenas, Nakamura investiga 24 sujeitos monolíngües japoneses, 12 meninos e 12 meninas, entre 3 e 6 anos. São crianças da classe média da área metropolitana de Tóquio. Trata-se de uma análise longitudinal, em que os sujeitos foram observadas por três anos, interagindo em situações de brincadeira com vários parceiros conversacionais, como mãe, irmãos e amigos.

Como resultado inicial, o experimento evidenciou que mesmo as crianças pequenas (3 anos) preferiram fazer par com uma criança do mesmo sexo. Entre os tipos de brincadeiras, observou-se a mesma preferência das crianças ocidentais. Os meninos preferiram brincar com construções, carrinhos, quebra-cabeças, super-heróis. As meninas, por

sua vez, preferiram brincar de casinha com as bonecas, ocorrendo também alguns cenários diferentes, como mercado, consultório médico e escola. Observou-se que as meninas mais velhas preferiram brincar de heroína, replicando um programa infantil popular. Elas também envolveram-se em jogos. Constatou-se, também, que as meninas freqüentemente brincavam com brinquedos dos meninos, o mesmo não ocorrendo com eles. O autor destaca que esse comportamento dos meninos se incrementa em função da idade.

Quanto às diferenças lingüísticas, o experimento proporcionou observar que mesmo as crianças de três anos fazem distinções lingüísticas baseadas nos gêneros. Os meninos caracterizando-se pelo uso de uma variedade de fala tida como masculina, como o uso de formas assertivas, comando, proibições, bem como formas não-padrão. As meninas, por sua vez, demonstraram preferência por uma variedade neutra, exceto quando na brincadeira desempenhavam um papel de adulta. Nessas ocasiões, fizeram uso de pronomes pessoais específicos para o gênero feminino, bem como uso de repetições, característica essa comum entre as mulheres japonesas.

Em decorrência dos resultados obtidos, Nakamura destaca que as diferenciações lingüísticas entre os gêneros têm origem na socialização da criança. Ele observa que o *input* recebido pelas crianças japonesas, principalmente com relação aos meninos, caracteriza-se por uma orientação sobre formas apropriadas ao gênero, explicitando-se e consolidando-se tal comportamento através das interações entre os pares de grupo.

Verificamos, diante do exposto até aqui, que os trabalhos sobre aquisição da linguagem alinhados a uma perspectiva sociolingüística permitem visualizar que a orientação lingüística das crianças tem um caráter identitário, caracterizando uma gramática infantil composta por regras variáveis, adquiridas contextualmente. Esse posicionamento contrasta com a perspectiva inatista, em que a gramática do falante ouvinte-ideal constitui-se de regras categóricas, sendo a variação um fenômeno marginal e posterior ao processo aquisicional. Na

próxima seção, apresentaremos alguns trabalhos sobre a aquisição das regras morfológicas do plural em diversas línguas, sendo possível observar que a hierarquia estabelecida por Brown (1973), no que se refere à ordenação dos morfemas gramaticais, varia em algumas delas.

2.4 A marcação do plural na fala infantil

No que concerne à marca de número, o trabalho de Berko (1958 *apud* Brown, 1973) é pioneiro no que diz respeito à investigação sobre a aquisição do plural e outros morfemas flexionais em crianças falantes de inglês. O experimento denominado de *wug-test* consiste em apresentar à criança uma figura inventada, denominada de *wug*, termo este também inexistente na língua inglesa. O experimentador, então, apresenta a figura para a criança, dizendo: “ Aqui está um *wug*”. Em seguida ele apresenta outro e diz: “Agora nós temos dois destes, então nós temos dois ...”. A expectativa é que a criança responda flexionando o nome em número, tal como *wugs*. De acordo com o autor, as crianças de mais idade, quatro e cinco anos, saíram-se melhor do que as menores, mas todas demonstraram conhecimento desse mecanismo.

As observações longitudinais de Brown (1973) indicam que a marca de número é sistematizada na fala da criança por volta dos dois anos de idade. Para caracterizar como uso sistemático, Brown estipulou um índice mínimo de 90% de ocorrências em contextos obrigatórios, situando tal *performance* no estágio II. Segundo o autor, essa generalização pode ser estendida para todas as línguas. Apresentamos, a seguir, um conjunto de trabalhos sobre a aquisição da morfologia do plural. O objetivo nesta seção é descrever, sob um ponto de vista psicolinguístico, o estabelecimento das regras morfológicas de formação do plural que

subjazem à produção oral das crianças, em algumas línguas, para a partir de então, perseguir as motivações estruturais e situacionais que condicionam o uso variável dessas regras na fala infantil.

O primeiro trabalho é de Park (1978) sobre o desenvolvimento da morfologia do plural do alemão. Segundo esse autor, a aquisição da morfologia do plural na língua alemã não ocorre no estágio II, conforme proposto por Brown (1973). Park, seguindo o mesmo critério estabelecido por Brown (1973), 90% de ocorrências em contextos obrigatórios, propõe que, na língua em questão, a aquisição dá-se entre os estágios IV e V. O pesquisador salienta que a morfologia do plural na língua alemã é um sistema muito mais complexo que o da língua inglesa, justificando, dessa forma, uma aquisição mais tardia.

Os dados analisados por Park (1978) pertencem a uma coleta longitudinal de duas crianças alemãs e outras duas suíças pertencentes à classe média, tendo, pelo menos, um dos pais nível superior completo. Quando as gravações tiveram início, duas das crianças tinham 1;9 anos de idade, outra 2 anos e a última 2;5 anos de idade. Os dados são naturalísticos e foram coletados em casa na maioria das vezes, na presença da mãe.

Os resultados encontrados pelo autor sugerem que nos primeiros estágios do desenvolvimento, as marcas de plural usadas pelas crianças não têm inter-relação funcional; ou seja, são usadas indistintamente, tanto em contextos singulares quanto plurais. Sua afirmação recai sobre a produção de itens pluralizados usados em contextos singulares pelas crianças. Como exemplo, uma das crianças produziu no estágio IV 13 itens flexionados de um total de 32 dados, correspondendo ao índice de 41%. No estágio V o autor percebeu um incremento no desempenho quanto ao uso adequado de formas pluralizadas, com 29 itens flexionados em contextos singulares de um total de 78 dados, correspondendo ao índice de 37%. Para explicar esse comportamento verbal, o autor lança a hipótese de que as crianças tenham dificuldade em identificar os sufixos marcadores de plural, já que há com bastante

frequência no léxico da língua alemã estruturas com a mesma terminação para as duas formas. É o caso, por exemplo, do alomorfe *-er*, usado como marca de plural em palavras como *Männer (homens)*, *Kinder (crianças)*, mas usado também em palavras singulares como *Mutter (mãe)*. Nesse sentido, o autor afirma que a analogia constitui uma estratégia pouco produtiva na aquisição da morfologia do plural na língua alemã.

Para reforçar essa afirmação, Park se baseia, também, nos resultados obtidos em um outro conjunto de dados, com elicitación elaborada nos moldes do *wug-test*, conforme Berko (1958). No experimento, a criança era condicionada a pluralizar a palavra inventada “*paus*”, sugerindo, por exemplo, analogia com *haus (casa)*. O teste foi aplicado em meninas de cinco anos de idade, reaplicado em outro conjunto de meninas da mesma idade e em um grupo de meninos também de cinco anos. O resultado foi consistente para todos os grupos. A maioria das respostas foi *zwei “paus” (dois “paus”)*, sugerindo que, diante de uma palavra desconhecida, a estratégia da criança é tratá-la como um nome invariável, indicando a pluralidade no determinante, e não por inferências de regras.

Como conclusão, o autor sugere que o processo de aquisição da morfologia do plural na língua alemã não ocorre em função de analogias, mas sim em termos de memorização (*rote learning*), em que as diferenciações entre singular e plural processam-se através de uma relação firmemente estabelecida entre forma e função.

Snow *et al* (1980) investigam a aquisição das regras morfológicas para formação de plural, agentividade e diminutivo em falantes nativos do holandês e em falantes não nativos. O grupo de falantes nativos é composto por 16 sujeitos dos 7 aos 12 anos de idade. Já o grupo de falantes não nativos é composto por 58 falantes de inglês, que estão aprendendo o holandês como segunda língua, distribuídos em 3 grupos etários: i) 5 a 10 anos, ii) 12 a 18 anos e iii) adultos. A elicitación dos dados deu-se nos moldes de Berko (1958) com o *wug-test*.

De nossa parte, descreveremos os resultados obtidos para a aquisição das regras morfológicas do plural.

Entre as regras morfológicas estudadas, a maioria dos falantes não nativos demonstrou algum conhecimento sobre o mecanismo do plural. Entretanto, conforme os autores, o uso correto das regras não foi facilmente adquirido. Observou-se que a aquisição das regras pelos falantes não nativos deu-se mediante alguns estágios. No primeiro estágio os sufixos mais utilizados eram *-s* e *-en*, empregados indistintamente, demonstrando falta de discernimento quanto às restrições de cada uso. A próxima fase caracterizou-se pelo uso correto do sufixo *-en*, permanecendo as generalizações para o uso do *-s*. Finalmente, então, os sujeitos entraram em uma fase em que o sufixo *-s* passa a ser usado adequadamente, juntamente com o *-en*, demonstrando o conhecimento da regra. Os autores chamam a atenção também para um comportamento observado entre um pequeno grupo de falantes jovens não nativos. Esse grupo, diferentemente do observado entre os mais experientes, utilizou como estratégia inicial o emprego do sufixo *-s* em todos os contextos, sendo, contudo, a estratégia abandonada rapidamente. Fora esse aspecto, os autores não encontraram diferenciação etária quanto à aquisição da morfologia de formação do plural. Salientam, ainda, que, no que se refere à aquisição da morfologia do plural, os mesmos estágios foram observados entre os falantes nativos e não nativos, donde concluíram que os estágios percorridos por ambos são os mesmos. No entanto, em se tratando das regras de agentividade e diminutivo não houve a mesma correspondência.

De uma maneira geral, os autores concluem que a ordem de aquisição das regras morfológicas por falantes não nativos pode ser explicada em função da interferência entre as duas línguas. Desse modo, eles destacam que, no que se refere à aquisição da morfologia de uma segunda língua, a estratégia mais adequada é aquela que estabelece comparações, explicitando, através do vocabulário, as semelhanças e diferenças entre os dois sistemas.

O trabalho de Levy (1983) ocupa-se em investigar quais as estratégias utilizadas pelas crianças na aquisição da morfologia do plural do hebraico. A análise se detém na fala de crianças entre dois e três anos em uma amostra do tipo longitudinal e outra transversal, com elicitación nos moldes de Berko (1958).

Nessa língua, o uso dos morfemas plurais é determinado pelo gênero do vocábulo. Nas palavras masculinas, o sufixo indicador de plural é *-im*; já nas femininas é *-ot*. Nesse sentido, a autora também investigou a concordância entre nome e adjetivo, a fim de observar se a criança usa alguma informação sintática ou semântica para proceder à concordância nominal. Segundo a pesquisadora, no período observado, o mesmo em que se deu a observação sobre o plural, não houve nenhuma sistematização da criança no que se refere à concordância do nome com o adjetivo. Houve muitos erros, demonstrando que, nesse período a concordância feita pelos sujeitos foi aleatória, desconsiderando as informações sintáticas e/ou semânticas disponíveis no contexto.

A análise da amostra transversal serviu para reforçar os resultados encontrados na amostra longitudinal e forneceu quantidade de dados para sustentar a hipótese de que a criança lança mão de uma estratégia fonológica para determinar a escolha do morfema plural. De acordo com a autora, a estratégia baseia-se na natureza fonológica da sílaba final do nome singular, percorrendo um processo de quatro estágios.

O primeiro, compreendido entre 1;10 e 2;0 anos de idade, caracterizou-se pelo uso indiscriminado do sufixo *-im* para marcar o plural dos dois gêneros. No segundo estágio, entre 2;0 e 2;2 anos de idade, começa a aparecer o sufixo *-ot*, mas sem sistematização que denotasse uma correspondência entre o gênero feminino e a marca. Os itens terminados em /a/ são os primeiros a serem pluralizados corretamente. Essa sistematização começa a emergir no terceiro estágio, entre 2;2 e 2;4.2 anos de idade. No último estágio (2;5-2;10), a criança

demonstra domínio do sistema, fazendo uso inclusive dos movimentos de tonicidade e alteração vocálica que a pluralização exige.

Marcus (1995) aborda a questão das supergeneralizações na formação do plural no inglês, comparando-as com a formação do passado. Sua análise recai sobre dez crianças entre 1;3 e 5;2 anos de idade do banco de dados CHILDES (MacWhinney e Snow, 1985, 1990 *apud* Marcus, 1995).

De acordo com Marcus (1995) o padrão encontrado para a formação do plural segue o mesmo da formação do passado, no qual as supergeneralizações são produzidas por uma regra simbólica. Essa regra simbólica é chamada de *blocking-and-retrieval-failure*, cuja proposta é afirmar que a formação do passado e do plural são decorrentes da aplicação de uma regra *default*, que corresponderia ao acréscimo do sufixo *-ed* para a formação do passado e do morfema *-s* para a formação do plural. No modelo proposto pelo autor, a criança aplica a regra *default* quando não consegue recuperar a forma irregular apropriada, produzindo, dessa forma, as supergeneralizações.

Köpcke (1998) estabelece uma discussão em torno dos resultados de Berko (1958 *apud* Köpcke, 1998), Mugdan (1977 *apud* Köpcke, 1998) e Baker & Derwing (1982 *apud* Köpcke, 1998) e em dados naturalísticos de sete crianças alemãs entre 2;1 e 2;9 anos de idade, sobre a aquisição da marca de plural nas línguas alemã e inglesa.

Segundo esse autor, a reinterpretação do conjunto de dados dos autores acima mencionados fornece fortes evidências para explicar a aquisição da morfologia do plural através de um modelo de aprendizagem baseado em esquemas, contrastando com modelos de representação simbólica, conforme proposto por Marcus (1995), por exemplo. Basicamente, o modelo proposto por Köpcke estipula que o léxico mental dos falantes possui representações prototípicas de formas singulares e plurais, orientando a aquisição das regras morfológicas. A

figura abaixo ilustra uma representação esquemática proposta por Köpcke para a formação do plural no alemão.

Figura 1 - Continuum for plural schemas in German

Singular				Plural
+	+	+	+	+
monosyllabic	polysyllabic	polysyllabic	polysyllabic	polysyllabic
final stop	final <i>-er</i>	final <i>-e</i>	final <i>-er</i>	final <i>-en</i>
<i>der/das</i>	<i>der/das</i>	<i>die</i>	<i>die</i>	<i>die</i>

Fonte: KÖPCKE, 1998, p. 309

Nesse modelo teórico, a atribuição ou não da marca de número na aquisição de um novo item depende de sua aproximação perceptual às formas canônicas representativas. De acordo com essa escala, a estrutura canônica mais representativa para a identificação de uma forma singular corresponde aos itens monossilábicos, associados aos artigos *der/das*; ao passo que para a identificação do plural, corresponde aos itens polissilábicos com final *-en*, associados ao artigo *die*.

Em Hsieh *et al* (1999), a investigação focaliza a aquisição do *-s* como marca de número e como marca de terceira pessoa do singular. Os autores analisaram um conjunto de dados disponível no CHILDES (MacWhinney, 1995 *apud* Hsieh, 1999) de Conti-Ramsden e Dykins (1989 *apud* Hsieh, 1999), constituindo-se de fala de pais e mães dirigida a crianças em idade pré-escolar. Os aspectos focalizados na análise dizem respeito à frequência com que essas marcas ocorrem no *input*, sua posição na sentença e a duração desses segmentos na fala.

A distribuição dos dados revelou que o *-s* como marca de número é mais freqüente na fala dirigida a crianças do que como flexão verbal de terceira pessoa do singular. Com relação à posição de ocorrência na sentença, a marca de número ocorre em 52% dos casos em posição final, enquanto que a flexão verbal em 16% dos casos. Os autores analisaram também a frequência de ocorrência dessas flexões em livros infantis, encontrando, proporcionalmente,

o mesmo resultado da amostra de fala dirigida às crianças. Ou seja, a marca de número ocorre mais do que a marca de terceira pessoa do singular em posição final de sentença.

Sobre o efeito da duração dos dois tipos de flexão, os investigadores utilizaram gravações de mães lendo histórias infantis para crianças de dois anos. Para tal, os dados foram submetidos a *softwares* específicos para análise fonológica, possibilitando analisar a duração dos segmentos acústicos em questão. Esse processo permitiu evidenciar que o -s como marca de número tem uma duração maior do que como marca de terceira pessoa do singular.

Diante desses resultados os autores sustentam que a marca de número é adquirida antes da marca de terceira pessoa do singular, pois é mais freqüente no *input* e perceptualmente mais saliente, como a análise fonológica evidenciou.

O trabalho de Ferenz e Prasada (2002) examina, na fala infantil, a produção oral da marca morfológica de plural em nominais contáveis. A investigação tem por objetivo testar quais são as estratégias utilizadas pelas crianças na concordância nominal de número com os *E-quantifiers* (*each, every, either*). Segundo Gordon (1982), crianças da faixa etária dos 3;3 a 5;10 anos de idade têm dificuldades em escolher a forma nominal apropriada para concordar em número com esse grupo de quantificadores. A dificuldade recai, conforme o autor, sobre o fato de elas utilizarem, nessa fase, apenas informação referencial para proceder à concordância. Assim sendo, Ferenz e Prasada (2002) elaboraram dois experimentos para testar se de fato a criança lança mão apenas dessa estratégia, ou se ela é capaz de usar as informações sintáticas disponíveis na estrutura sintagmática.

A elicitación dos dados deu-se de forma controlada, condicionando a criança a produzir concordância nominal de número, mediante presença de quantificadores e do determinante *the*. Os quantificadores utilizados são: *one, three, all, each*, sendo também investigados em expressões partitivas: *one of the, three of the, all of the, each of the*. O determinante *the*, por não possuir marca morfológica de número, possibilita testar se a

estratégia da criança baseia-se em informação referencial. Caso assim proceda, a criança selecionará adequadamente uma forma singular, quando esse determinante estiver associado a um único objeto no experimento e uma forma no plural, quando tratar-se de mais de um. Por outro lado, caso essa não seja a estratégia, a escolha dar-se-á ao acaso.

As outras expressões são utilizadas para testar se as crianças são capazes de ignorar a informação referencial, baseando-se na configuração sintática para determinar a forma do nominal a ser usado. Como se pode perceber, há nesses casos conflito entre informação referencial e restrição sintática. O quantificador *each*, por exemplo, é usado para individualizar cada referente de um mesmo grupo, requisitando, para isso, um nominal singular, apesar do contexto fornecer mais de um referente (*each dog/cada cachorro*). Por sua vez, a expressão partitiva *each of the*, também individualiza um referente de um mesmo grupo, solicitando, nesse caso, um nominal plural (*each of the dogs/cada um dos cachorros*). Dessa forma, se a criança basear-se apenas nas informações contextuais, produzirá uma concordância inadequada. O autor salienta, também, que a expressão *brother of the* foi utilizada como um falso partitivo para controlar uma possível sistematização da criança, associando *of the* com nominais plurais.

Participaram desse experimento 48 crianças entre 1;9 a 5;6 anos de idade, divididos em 3 grupos com 16 crianças cada: i) grupo 1 (1;9 a 2;7); ii) grupo 2 (2;8 a 3;5) e iii) Grupo 3 (3;7 a 5;6). Todas são falantes nativas de inglês. O experimento consistia de um personagem de um programa infantil, conhecido das crianças, chamado de *Big Bird*³. Esse personagem contracenava com outros animais de brinquedo. Esses animais foram divididos em 12 trios, constituídos de 3 animais idênticos em cada um. Dessa forma, havia um trio de macacos idênticos, um trio de gatos idênticos, um trio de tartarugas idênticas e assim por diante. A criança era estimulada a escolher dois trios de animais, dispostos separadamente,

³ O personagem tornou-se conhecido no Brasil como Garibaldo, na versão brasileira do programa infantil Vila Sésamo.

com os quais o Garibaldo pudesse brincar. O experimentador, então, empreendia alguma ação, sempre narrando o que o Garibaldo estava fazendo com os animais. Após a execução de algumas ações, o experimentador colocava o Garibaldo dentro de uma bola, a qual ele girava. Logo após, era solicitado à criança que ajudasse o personagem em questão a lembrar-se do que estava fazendo, pois depois de rodar na bola, ele havia esquecido. Assim, o experimentador estruturava perguntas com as expressões, de modo que levassem a criança a escolher um nominal que completasse o enunciado, como (cf. p. 54):

The Big Bird gave a cookie to one ...
 The Big Bird gave a cookie to one of the ...
 The Big Bird read a story to each ...
 The Big Bird told a joke to the (singular context)
 The Big Bird told a joke to the (plural context) ...

Os resultados com o determinante *the* evidenciaram que a informação referencial é, de fato, uma das estratégias utilizadas para a seleção do nominal quanto à sua forma singular ou plural. Houve apenas um erro para um contexto plural, em que o nominal selecionado foi singular. Com relação às outras expressões, as crianças dos três grupos deram respostas corretas quanto à concordância. Por exemplo, a expressão *one of the*, que solicita um nominal plural, obteve os seguintes resultados para os três grupos etários observados. No primeiro grupo, de um total de 16 repostas, 13 foram produzidas corretamente. No segundo e terceiro grupos, foram 15 respostas corretas, de um total de 16 produzidas, respectivamente. Um desempenho comparativamente semelhante foi observado nas construções com os outros quantificadores, evidenciando que a criança não apenas utiliza informação referencial como também informação sintática para efetuar a concordância de número, pelo menos no que se refere às construções com os quantificadores analisados. Os resultados obtidos com relação ao falso partitivo *brother of the* reforçam a hipótese de que a criança utiliza a informação sintática, desconfirmando uma possível generalização da expressão *of the* para formas plurais.

Houve casos, também, em que a criança transformou o quantificador apresentado no enunciado pelo experimentador em uma expressão partitiva, tal como no exemplo:

experimentador: The Big Bird gave the cookie to one ...
criança: ... to one of the dogs.

Esse comportamento corrobora a constatação, conforme destacam os autores, de que a criança utiliza a informação sintática, pois mesmo em um contexto enunciativo singular sugerido pelo experimentador, a criança, ao fornecer a resposta, faz o uso adequado do nominal plural ao elaborar uma expressão partitiva.

Os autores destacam também que o índice de erro é maior nas construções não-partitivas, especialmente no quantificador *each*. Esse foi o quantificador de maior índice de nominais plurais em todas as faixas etárias consideradas. Além do mais, foi o contexto de maior evitação por parte das crianças, transformando o quantificador em uma expressão partitiva.

No experimento 2, um dos objetivos era testar novamente qual a estratégia utilizada pela criança, examinando, nesse caso, a compreensão dos mesmos quantificadores utilizados no experimento 1. O outro objetivo do trabalho era verificar as causas dos problemas enfrentados pelas criança com o quantificador *each* em contextos não-partitivos, explorando as distinções semânticas que elas fazem entre *each* e *all*.

Nesse experimento, 48 crianças foram testadas, sendo que a metade da amostra também participou do experimento 1. Elas também foram distribuídas em 3 grupos etários, nos moldes do experimento 1. O material utilizado é o mesmo da testagem anterior, sendo adicionado, contudo, alguns pequenos objetos, tais como canudinhos, bolas de gude, etc. O processo envolvia a compreensão semântica dos quantificadores envolvidos, sendo essa compreensão medida através da execução correta de algumas tarefas solicitadas pelo experimentador. A proposta do experimentador para a criança era de que essa deveria ajudar o

Garibaldo a escolher alguns objetos para ele levar ao parque. A resposta correta consistia da criança distinguir entre um e mais de um, quando os quantificadores *one*, *two* e *three* eram solicitados. Quando a tarefa envolvia o quantificadores *each* e *all* a resposta correta correspondia à maneira como os objetos eram colocados na mesa. Se diante de uma solicitação com *each*, a criança dispusesse os objetos separadamente sobre a mesa, um a um, estaria demonstrando consciência do caráter distributivo desse quantificador. De modo contrário, o esperado para *all*, era que ela pegasse alguns objetos juntos e os colocasse sobre a mesa, demonstrando a interpretação coletiva desse quantificador. Os autores esclarecem que os objetos eram pequenos o suficiente para possibilitar tal execução.

Novamente o alto índice de respostas corretas em todas as faixas etárias estudadas contribuiu para reforçar a constatação de que as crianças das faixas etárias consideradas não usam apenas informação referencial para determinar o uso de nominais singulares ou plurais. As construções com o determinante *the* evidenciaram que a informação referencial constitui uma das estratégias utilizadas pelas crianças, mas elas são capazes de ignorá-la quando entram em conflito com as restrições sintáticas. Os resultados relativos aos quantificadores *each* e *all* não forneceram explicações quanto aos problemas demonstrados pelas crianças com o quantificador *each*, já que elas demonstraram conhecimento das propriedades distributivas e coletivas dos mesmos.

No Brasil, Cerqueira (1994), sob a perspectiva do Modelo Minimalista de Chomsky (1992 *apud* Cerqueira, 1994), investigou a aquisição da marca morfológica de plural entre os constituintes modificadores e o núcleo do SN. Entre outras constatações, sua pesquisa revela que, já por volta dos dois anos de idade, a marca de número está presente na fala da criança de forma sistemática e adequada aos contextos situacionais plurais. Outro ponto que nos pareceu interessante destacar diz respeito à tendência encontrada pelo autor nos

dados no que se refere à presença da marca de plural apenas no primeiro elemento do sintagma nominal.

Há também o trabalho de Regina Lamprecht (1997), que realiza um estudo comparativo sobre a aquisição da morfologia do plural do alemão entre crianças brasileiras bilíngües alemão-português e monolíngües alemãs. A autora estabelece, também, uma comparação entre as crianças brasileiras bilíngües em comparação com crianças monolíngües falantes de português, no que se refere à aquisição da morfologia do português.

A amostra das crianças monolíngües falantes de português constitui-se de 48 sujeitos entre 2;3 e 5;6 anos de idade, coletados em Jardins de Infância. A elicitación dos dados deu-se com a ajuda de brinquedos e objetos infantis, estimulando a produção do plural na fala das crianças. No que se refere às bilíngües, foram ao todo 11 crianças entre 3;0 e 5;7.anos. Do mesmo modo, procedeu-se à coleta em Jardins de Infância, com elicitación de dados. Sobre as monolíngües falantes de alemão, a autora toma por base pesquisas de aquisição realizadas na Alemanha.

No que se refere à comparação entre as crianças bilíngües brasileiras e monolíngües alemãs, a autora constata que as crianças bilíngües apresentam um desempenho menor em relação às monolíngües, no que diz respeito ao uso “correto”⁴ da morfologia do plural do alemão. Lamprecht atribui tal comportamento ao fato de as brasileiras estarem menos em contato com o sistema alemão, uma vez que essa é sua segunda língua.

No que tange à comparação entre as bilíngües brasileiras com as monolíngües falantes de português para a morfologia do plural do português, as bilíngües demonstraram um desempenho maior quanto ao uso “correto” desse sistema. A explicação elaborada pela autora diz respeito às características estruturais das duas línguas. Segundo Lamprecht (1997), o maior índice de marcas de plural entre as crianças bilíngües deve-se ao fato de elas

⁴ Tal termo é usado para referir-se ao padrão gramatical estipulado para a morfologia do plural das línguas em questão.

prestarem muita atenção ao final das palavras, devido, sobretudo, às declinações de caso características da língua alemã. Assim sendo, a autora conclui que as bilíngües prestam mais atenção ao final das palavras do que as monolíngües, uma vez que na língua portuguesa tal atenção não se faz tão necessária quanto em alemão.

Entretanto, a pesquisadora salienta que tanto entre as bilíngües quanto entre as monolíngües há dois tipos de erros recorrentes com relação à morfologia do plural na língua portuguesa. O primeiro tipo refere-se aos plurais de itens como *olho*, *porco*, *ovo* (plurais metafônicos). Com essas palavras, prevaleceram dois tipos de ocorrências:

i) inserção de morfema -s, mas sem alteração fonética da vogal, tal como:

*ôlhos*⁵ no lugar de *ólhos*

ii) apagamento do -s final, com alteração fonética da vogal, tipo:

ólho no lugar de *ólhos*

Outro erro recorrente diz respeito às supergeneralizações. Nesse grupo, há duas realizações também:

i) supergeneralização do -s final, como:

sols no lugar de *sóis*

ii) supergeneralização do alomorfe -is, assim como:

chapéis no lugar de *chapéus*.

⁵ Optamos por usar o acento gráfico no lugar da representação fonológica para indicar abertura de vogal.

Outro trabalho, Capellari e Zilles (2002), investiga a concordância de número na fala de uma menina de classe média de Porto Alegre. Trata-se de uma pesquisa longitudinal, na qual a criança foi observada dos 4;03 aos 8;05,01 anos de idade. Na época, a menina não tinha irmãos, não tinha contato com língua estrangeira e sempre estudou na mesma escola. O objetivo desse estudo foi verificar até que ponto a fala da criança é comparável à do adulto, no que tange à produção de SNs plurais padrão e não-padrão. Os dados foram coletados prevendo dois momentos distintos. Inicialmente, a criança foi estimulada a fazer um relato pessoal, que, normalmente, girava em torno de passeios, pequenos acidentes, festas, etc. Em outro momento, ela foi solicitada a contar uma historinha aprendida de memória, tal como Chapeuzinho Vermelho. Desse modo, a amostra permitiu uma análise que considerasse dois tipos de contextos discursivos: relato pessoal, que pressupõe fala menos monitorada e contar historinha, que pressupõe fala mais monitorada.

O percentual geral para a ocorrência de concordância nominal de número padrão foi de 39,68%. Ao se observar a produção por contexto, dos 84 SNs plurais produzidos no relato pessoal, 29 são SNs plurais padrão, totalizando 34%. Na situação de contar historinha, esse percentual sobe para 50%, 21 dos 42 SNs plurais são padrão. De modo geral, os resultados parecem indicar a influência do contexto discursivo, sobretudo o que remete à variedade escrita da língua, no uso da regra padrão de concordância nominal de número. Esse aspecto é melhor desenvolvido na seção subsequente.

Em Soares (2003), a investigação da concordância nominal de número na fala de um menino permite um paralelo com o trabalho de Capellari e Zilles (2002). Os dados de Soares (2003) também são relativos a um menino de classe média de Porto Alegre, observado longitudinalmente dos 2;9 aos 6;7 anos de idade. A distribuição geral de SNs plurais com concordância padrão foi da ordem de 89,7% (114/127). Levando em consideração o fato de que os dados são provenientes de fala espontânea, tal percentual é extremamente discrepante

com o que a literatura sociolinguística tem descrito para a fala dos adultos e com o resultado obtido em Capellari e Zilles (2002) para a fala de uma criança (39,68% de concordância padrão).

Simões (2003, 2004), em análise da produção oral de crianças do banco DELICRI encontrou um comportamento verbal curioso relativo ao fenômeno em questão. A autora identificou nas crianças analisadas um período no qual a marca de plural aparece apenas no núcleo do sintagma nominal.

Lopes (2003), em trabalho apresentado, descreveu o mesmo comportamento na fala espontânea de duas crianças, analisadas entre 1;7 e 3;7 anos. Segundo a autora, esse comportamento verbal de marcar o plural apenas no núcleo é um dos três estágios pelos quais passam as crianças adquirindo o português o brasileiro.

2.5 A influência da língua escrita sobre a fala infantil

De acordo com Kato (1990) o contato com a língua escrita exerce grande influência sobre a fala de crianças e adultos, a ponto de caracterizar uma fala anterior ao contato com a escrita e uma resultante dele. Todavia, esse contato com a escrita não restringe-se, necessariamente, ao processo de alfabetização, uma vez que crianças e adultos podem fazer uso da escrita sem precisar decodificá-la. Nesse sentido, surge a distinção entre letramento e alfabetização. De acordo com Soares (2002), letramento pode ser definido como “estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.” Já alfabetização define-se em termos de um processo de aquisição de códigos, necessário para o sucesso e promoção escolar (cf.

Kleiman 1995). A esse respeito, as pesquisas sobre aquisição e desenvolvimento da língua escrita em crianças têm demonstrado que um dos fatores preponderantes para o sucesso e promoção escolar relaciona-se diretamente aos eventos de letramento.

Conforme Franchi (1998), é função da escola introduzir a criança na modalidade padrão de sua língua materna de modo que ela possa usá-la para todo e qualquer fim. Entretanto, esse comprometimento da escola direciona a prática de ensino de modo a legitimar apenas essa variedade, invalidando tudo o que dela se distanciar. É nesse sentido que os eventos de letramento são apontados pelos estudiosos como um fator atuante na promoção escolar. Sua importância está no fato de que essas experiências proporcionam às crianças oportunidade de manipular estruturas da língua escrita, sendo incorporadas, muitas vezes, na sua produção oral, antes mesmo do ingresso ao ensino formal. Em Rego (1988), temos um exemplo da influência desses eventos na fala infantil.

Na pesquisa em questão, a referida autora investiga a fala de uma menina que cresceu em um ambiente no qual a leitura de histórias na hora de dormir fazia parte de sua rotina desde os dois anos de idade. A mãe era a responsável pelas leituras, fazendo-as sem modificar a linguagem do livro. Aos quatro anos, a criança era capaz de reproduzir algumas histórias, sendo sua fala repleta de estruturas da língua escrita, as quais ela havia memorizado durante as leituras. Aos cinco anos, ela simulava "pseudo-leituras", com o livrinho aberto, recriando histórias seguindo um "modelo de linguagem livresca", segundo as próprias palavras da autora. Nesse artigo, há um quadro com versões de textos da criança que ilustram bem o incremento da sua fala em termos de estruturas de língua escrita. A autora chama a atenção para o fato de que a criança mantém a entonação característica de leitura, mesmo em se tratando de uma exposição oral. Há também a presença de estruturas típicas da língua escrita, tal como o pronome oblíquo "la", usado de forma inadequada, como "jogou-la", mas correto no que diz respeito à referência anafórica.

De posse dessas evidências, depreendemos, de modo particular, que no que se refere ao fenômeno da concordância de número, a sua variante padrão deva ser mais freqüente na fala de crianças cuja socialização dá-se em meios letrados, uma vez que tal variante também é própria da língua escrita. Infelizmente, não dispomos de informações quanto ao envolvimento dos informantes de nossa amostra em eventos de letramento antes do ingresso formal ao processo de alfabetização, iniciado, normalmente, na primeira série, aos 7 anos de idade. Dessa forma, nossa investigação vai no sentido de observar se existem comportamentos verbais distintos quanto à produção oral de concordância padrão em faixas etárias que antecedem o ingresso formal na série inicial, quais sejam, 4, 5, 6 anos, daquelas efetivamente envolvidas no processo de alfabetização, no caso, 7 e 8 anos.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos da análise dos dados. A primeira seção destina-se à estruturação da amostra utilizada nesta pesquisa, apresentando os critérios que nortearam a seleção dos dados que a compõem, bem como a caracterização dos sujeitos, das coletas, e dos experimentos. A seguir procedemos à exposição das variáveis selecionadas para o estudo da concordância nominal de número, tendo por base o trabalho de Scherre (1988). Por fim, descrevemos o tratamento estatístico dispensado à análise dos dados.

3.1 Os dados

Os dados deste estudo provêm de quatro coletas transversais distintas, sendo três delas pertencentes à tese de doutorado de Zilles (1992) e uma pertencente ao Banco de Dados do Projeto Desenvolvimento da Linguagem da Criança (DELICRI). Salientamos que nenhuma foi elaborada prevendo o fenômeno aqui focado. Contudo, após uma análise prévia do material disponível, julgou-se pertinente aproveitá-lo para a investigação da concordância nominal de número. Inicialmente procedemos a um levantamento das ocorrências de sintagmas nominais plurais nas transcrições das quatro amostras aqui consideradas. Todos os dados encontram-se transcritos ortograficamente e, mesmo não prevendo o fenômeno em questão, há a identificação da presença ou ausência da marca morfológica de plural nos elementos flexionáveis do sintagma. Nos dados de Zilles (1992), a ausência de concordância de número

dá-se mediante supressão do sufixo *-s* no item em questão, tal como *duas cama*. Já nas coletas do DELICRI, a identificação da não concordância deu-se mediante a seguinte notação: *os carrinho-0s*, caracterizando ausência da marca morfológica de plural no nominal *carrinho*.

Após essa etapa, efetuamos uma nova aferição acústica dos dados, submetendo as dúvidas a uma terceira pessoa e descartando os casos que ainda permanecessem duvidosos. Nesse momento, encontramos muitas dificuldades devido à má qualidade acústica de várias fitas cassetes, forçando-nos a descartar muitos dados. De posse dos SNs plurais disponíveis, procedemos a uma nova seleção, dessa vez, tendo por base os pressupostos de Scherre (1988) e alguns estipulados por nós.

Foram desconsideradas estruturas do tipo *minhas sandálias*, por caracterizarem situação de neutralização no dialeto de Porto Alegre. Seguindo orientação da autora, excluímos estruturas como *muita mulher casada*, pois tanto a forma do singular quanto a do plural *muitas mulheres casadas* são aceitas pela tradição gramatical. Entretanto, em SNs com numerais, como *duas mulher casada* ou com pelo menos um nominal flexionado, tal como *muitas mulheres casada*, foram considerados como sintagmas de concordância não-padrão.

Em se tratando de sintagmas nominais preposicionados, a autora enquadra como concordância padrão os casos de substantivo encaixado flexionado, como *uma porção de coisas*, e como não-padrão a ausência de flexão no nominal, tipo *uma porção de coisa*. Entretanto, alguns nominais com estrutura semelhante não foram considerados pela autora, por não haver referência na norma gramatical quanto à obrigatoriedade de marca no substantivo do SN encaixado, como *uma lista de presente* x *uma lista de presentes*.

De nossa parte, incluímos apenas estruturas do tipo *um monte de*, por dois motivos. Primeiro por não julgarmos consistente o critério de escolha para determinar a inclusão de determinados nominais com estrutura preposicionada e a exclusão de outros; segundo, por serem os mais recorrentes na produção oral infantil dos sujeitos da nossa amostra.

Estabelecemos, com relação a essas estruturas, o enquadramento de concordância padrão para a flexão de todos os nominais flexionáveis que compõem o sintagma, como *um monte de crianças pequenas*. A ausência de marca formal em pelo menos um item, ou em todos os itens, caracteriza concordância não-padrão. Não consideramos, também como a autora, casos cristalizados como *Os Trapalhões*. As estruturas com o quantificador *todos*, do tipo *tod'as coisa*, foram desconsideradas por nós, mesmo fazendo parte da análise da pesquisadora como SNs de dois constituintes. A opção pela exclusão valeu-se da sugestão da mesma, pois a situação de neutralização coloca em dúvida a presença ou não do artigo.

Discordamos, também, da classificação de estruturas do tipo *do meus pais* como concordância padrão, conforme considerado por Scherre. A autora (cf. p. 81) afirma que “ a explicação para a ausência de marca no artigo não se dá pelas mesmas razões por que se dá a ausência no substantivo.” Na análise aqui proposta, tais estruturas foram consideradas como concordância não-padrão.

Diante desses critérios, o total de SNs plurais considerados na amostra é de 537, desdobrados em 984 itens flexionáveis. Dos 537 SNs plurais, 428 são de sintagmas compostos por 2 elementos; 50 SNs plurais de 3 elementos; 07 de 4 elementos; 52 do tipo *um monte de + item*, distribuídos conforme a Tabela 1 abaixo.

Tabela 1- Distribuição geral de SNs plurais e itens flexionáveis por coleta

Coletas	Nº de SNs plurais	Nº de itens flexionáveis
interação criança-criança	164	299
entrevista pessoal	79	147
tarefas	124	224
DELICRI	170	314
Total	537	984

As amostras denominadas “interação criança-criança”, “entrevista pessoal” e “tarefas” pertencem à tese de doutorado de Zilles (1992) e foram elaboradas para investigar a variação de ordem de sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos,

adquirindo o português do Brasil. A primeira, designada por “interação criança-criança”, é composta por oito coletas, perfazendo um total de dezesseis sujeitos, todos alunos de uma mesma escola pública de classe média de Porto Alegre. Nessa amostra, duas crianças, sempre um menino e uma menina da mesma faixa etária, eram estimuladas a brincarem juntas em uma mesa com um conjunto de brinquedos. São consideradas aqui crianças de 4, 5 e 6 anos, constituindo três faixas etárias.

Tabela 2- Distribuição dos sujeitos na coleta “interação criança-criança”

Faixa etária	Meninos	Meninas	Total
4 anos	3	3	6
5 anos	2	2	4
6 anos	3	3	6
Total	8	8	16

A instrução dada às crianças, no momento do registro dos dados, era de que brincassem e conversassem sobre o que estavam fazendo. Havia sempre uma entrevistadora acompanhando a conversação, estando esta instruída para interferir o mínimo necessário, a fim de que a interação entre as crianças fosse o mais espontânea possível. Cada seção durou meia hora e os dados foram coletados na própria escola.

Os dados que provêm da amostra denominada “entrevista pessoal” reúne outras 12 crianças de 4 e 5 anos. Nesse grupo, as crianças foram entrevistadas por um adulto, aproximadamente, por 10 minutos. O entrevistador dirigiu a elas perguntas relacionadas à alguma rotina infantil, tal como escola, brincadeiras, família, programas de TV, etc, sem roteiro fixo pré-estabelecido. As entrevistas foram realizadas no próprio estabelecimento de ensino, também considerado classe média em Porto Alegre.

Tabela 3- Distribuição dos sujeitos na coleta “entrevista pessoal”

Faixa etária	Meninos	Meninas	Total
4 anos	3	3	6
5 anos	3	3	6
Total	6	6	12

Outra amostra da tese de Zilles (1992) aqui utilizada e designada como “tarefas” é composta por 7 meninas e 9 meninos, totalizando 16 crianças da região metropolitana de Porto Alegre.

Tabela 4- Distribuição dos sujeitos na coleta “tarefas”

Faixa etária	Meninos	Meninas	Total
4 anos	3	2	5
5 anos	3	3	6
6 anos	3	2	5
Total	9	7	16

Nessa amostra, as crianças não pertencem à mesma instituição. Há sujeitos de creches privadas e públicas. Ao todo são 4 meninos e 5 meninas de instituições particulares; 4 meninos e 3 meninas de instituições públicas. Os dados foram coletados nas próprias instituições de ensino. A coleta foi realizada tendo como suporte um instrumento para a elicitación dos dados. Trata-se de um conjunto de tarefas, conduzidas por um adulto de acordo com um roteiro pré-estabelecido, envolvendo discurso narrativo. As tarefas foram planejadas para uma entrevista de, no máximo, 30 minutos com cada criança e encontram-se especificadas na Tabela 5 abaixo.

Tabela 5- Discriminação das tarefas do experimento I

Nº	Tipo de tarefa	Falante/Ouvinte	Recursos
1	Nar. inventada	criança/adulto	-----
2	Relato c/ gravuras	criança/adulto	seq. gravuras
3	Teste clivadas	criança/adulto	gravuras
4	Relato passeio	criança/adulto	-----
5	Nar. ficção	criança/criança	livro de gravuras

Na tarefa 1, a criança era estimulada a contar uma historinha inventada; as que se remetiam a histórias aprendidas de memória foram desconsideradas. No relato com gravuras, o experimentador mostrava gravuras que formavam uma narrativa na qual a criança teria que contar a historinha; não havia texto escrito. O teste com clivadas também baseava-se em gravuras, mas a criança respondia sobre a veracidade da narrativa contada pelo experimentador, tendo por base o que a figura apresentava. No relato, o experimentador perguntava à criança sobre um passeio que ela tivesse feito e a estimulava a relatá-lo. Na tarefa designada por narrativa de ficção, a criança olhava um livro de gravuras, contava para o experimentador a narrativa que os desenhos sugeriam e recontava, depois disso, para outra criança, que era convidada a participar da entrevista.

A quarta amostra pertence ao banco de dados do Projeto Desenvolvimento da Linguagem da Criança em Fase de Letramento - DELICRI. O projeto tem como objetivo investigar a produção lingüística de crianças entre os 5 e os 9 anos de idade, no que diz respeito ao desenvolvimento da fonologia, sintaxe, semântica, pragmática e discurso. O banco de dados conta com duas coletas: uma longitudinal e outra transversal. As informações aqui apresentadas sobre o projeto e a sua metodologia foram retiradas de Guimarães (1994, 1995).

A coleta transversal, amostra analisada no presente trabalho, foi realizada entre 1992 e 1994, contando com 160 informantes, agrupados em 8 faixas etárias, cobrindo o período dos 5 aos 9 anos de idade. Cada faixa etária possui 20 informantes, agrupados em intervalos de 6 meses. Essa coleta visa à verificação de padrões gerais de desenvolvimento. As entrevistas foram organizadas com base nas seguintes situações de coleta:

interação entrevistador/informante;

relato pessoal oral e escrito;

relato de história em seqüência.

Em média, cada entrevista possui 6 minutos e meio de gravação, totalizando 17 horas de coleta. Após aferição dos dados, poucos foram os obtidos na faixa dos 9 anos; dessa maneira, esses foram desconsiderados. A distribuição dos sujeitos dessa coleta encontram-se na Tabela 6 abaixo.

Tabela 6- Distribuição dos sujeitos da coleta transversal do projeto DELICRI considerados na análise

Faixa etária	Escola privada		Escola pública	
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
5 anos	02	01	05	07
6 anos	01	00	04	07
7 anos	01	00	04	07
8 anos	01	00	09	11
Total	05	01	22	32

Todas as crianças da amostra são monolíngües, algumas têm contato com a língua inglesa na escola. Salienta-se, também, a possibilidade de contato com outras línguas em casa, tais como o alemão e o italiano. Entretanto, não controlamos esse aspecto na nossa análise, pois não dispomos dessa informação com relação a todas as coletas. Quanto ao tipo de escola, os sujeitos se distribuem em instituições de ensino privadas e públicas, prevalecendo, como se pode observar, os de escola pública.

A categorização sócio-econômica utilizada no projeto seguiu os seguintes critérios, conforme apresentados no relatório do banco de dados.

Classe A: nível superior – escolaridade superior de pelo menos um dos pais; profissional liberal, professores de 3º grau, empresários, dirigentes, bairro de moradia considerado A na cidade, escola particular.

Classe B: nível médio – escolaridade 1º grau completo ou 2º grau, funcionário público, comerciante, técnico, bancário, escriturário, professor de escola secundária ou primária, bairro de moradia considerado de classe média, escola pública.

Classe C: nível baixo – pais com 1º grau incompleto ou sem escolaridade, empregado doméstico, pedreiro, faxineiro, motorista, serviços gerais, bairro considerado pobre, escola pública. (cf. Guimarães, 1995:18)

Na análise aqui proposta, não estratificamos a amostra quanto ao critério sócio-econômico, pois nas outras coletas utilizadas não havia critérios específicos quanto a essas categorizações.

Utilizamos também, para fins comparativos, análises prévias da coleta longitudinal do DELICRI, disponíveis em Simões (2003, 2004). Essa coleta foi realizada entre os anos de 1992 a 1996, sendo composta por 5 crianças, alunas de instituições privadas. As crianças foram observadas dos 5 aos 9 anos de idade, com intervalos de 2 a 3 meses. Tal amostra tem como proposta a observação de estágios de desenvolvimento das crianças no que se refere aos aspectos acima mencionados. As crianças dessa amostra são: Carmela (4;3-8;5), Natália (5;4-8;10), Alexandra (4;8-8;6), Gabriel (5;9-9;0) e Matheus (6;2-9;0). Todos os dados estão disponíveis no banco de dados internacional CHILDES, através da Internet. A análise quantitativa dos dados de uma das crianças, Carmela, encontra-se publicada em Capellari e Zilles (2002). A aferição acústica dos dados, bem como a análise quantitativa da amostra longitudinal encontra-se em andamento, sendo realizada por Cristiane dos Santos, sob orientação da professora Luciene Simões.

3.2 As variáveis

Nesta seção, focalizamos os condicionamentos internos e externos ao sistema lingüístico atuando sobre o fenômeno da concordância nominal de número na fala infantil. As variáveis lingüísticas estabelecidas neste trabalho replicam as utilizadas por Scherre (1988), cuja pesquisa focaliza o fenômeno em questão. A autora analisou o fenômeno em uma amostra de 64 sujeitos, coletada em dois momentos. A primeira fase da coleta, no período de

1982 a 1984, constituiu-se de 48 entrevistas de 48 falantes de 15 a 71 anos. A segunda, correspondente ao período de 1983 a 1985, totalizou 16 entrevistas com 16 falantes de 7 a 14 anos. Esses dados fazem parte do banco de dados do Projeto Censo. Em relação à origem, todos os informantes são cariocas ou moradores do Rio de Janeiro desde os cinco anos de idade, sem que, contudo, tenham saído da cidade por mais de 2 anos consecutivos. A autora destaca que a pesquisa recai, essencialmente, sobre os dados dos adultos, mas que para fins de comparação entre os dois grupos de falantes, em momentos específicos da análise, ela utiliza os resultados obtidos na amostra da faixa etária dos 7 aos 14 anos. No que diz respeito ao nosso trabalho, salientamos que não estabelecemos comparações com a amostra referente à fala das crianças, pois julgamos que os sujeitos selecionados não são representativos da fala infantil, já que constam apenas de 5 informantes com idade inferior a 10 anos, aproximando-se mais, ao nosso ver, da fala de adolescentes.

Do mesmo modo que Scherre (1988), organizamos nossa análise em dois momentos denominados análise atomística e análise não atomística. A primeira abordagem caracteriza-se por considerar cada elemento do sintagma nominal como um dado de análise, constituindo aplicação da regra a presença formal de plural. Na perspectiva não atomística, a autora considera as relações do SN inteiro com o contexto no qual ocorre, sendo a aplicação da regra a presença formal de plural em todos os elementos flexionáveis do sintagma nominal.

Na análise atomística, Scherre chama a atenção para o fato de o termo concordância não ser muito apropriado, já que muitas vezes apenas um elemento do SN é formalmente marcado. Conforme palavras da autora, o mais indicado em sua análise seria o termo “indicação de pluralidade” e não concordância, pois este implica harmonia formal em pelo menos dois elementos. De todo modo, a pesquisadora assume o uso do termo para todos os casos. No que se refere à nomenclatura adotada por nós, optamos por fazer referência à presença de pluralidade na seção destinada à análise atomística. Na seção designada por

análise não atomística, utilizamos o termo concordância, já que neste caso focalizamos a produção oral de concordância nominal de número padrão, nos termos estabelecidos pela norma gramatical.

Por questões de escopo e tempo, não trabalhamos com todas as variáveis lingüísticas estipuladas pela autora em sua pesquisa. Como critério de escolha, selecionamos apenas as variáveis que evidenciaram influência sobre o fenômeno estudado. Assim, dentre as variáveis lingüísticas utilizadas pela autora (cf. p. 63) na análise atomística, selecionamos as abaixo relacionadas:

- Processos morfofonológicos de formação do plural;
- Tonicidade dos itens lexicais singulares;
- Posição linear do elemento no SN;
- Classe gramatical do elemento nominal;
- Marcas precedentes ao elemento nominal analisado;
- Grau dos substantivos e dos adjetivos.

As variáveis analisadas por Scherre que não constam deste trabalho são:

- Número de sílabas dos itens lexicais singulares;
- Contexto fonético/fonológico seguinte ao elemento nominal sob análise;
- Função sintática do SN (codificada em cada um de seus constituintes);
- Animacidade dos substantivos;
- Formalidade dos substantivos e dos adjetivos.

É importante destacar que, mesmo evidenciando influência frente ao fenômeno, não trabalhamos com a variável formalidade dos substantivos e adjetivos. A exclusão justifica-se pela falta de critérios em se estabelecer uma classificação quanto à formalidade de itens lexicais na fala infantil. Para a autora, foram considerados informais uma lista de itens, tais como: *cara, bobagem, lance, papo, coisa* e estruturas como *um montão de, uma pá de, um bando de*, sendo o restante dos itens lexicais considerados não marcados quanto à informalidade.

As hipóteses explicativas sobre a influência das variáveis são as mesmas elaboradas pela autora. Na descrição a seguir, apresentamos as variáveis utilizadas por nós, bem como os fatores que as compõem. Os fatores condicionantes encontram-se em **negrito** e o item analisado sublinhado.

Na variável **processos morfofonológicos de formação do plural**, Scherre espera que itens que apresentam diferenciação fônica na relação singular/plural sejam mais marcados do que os que apresentam plural regular. Essa variável foi dividida da seguinte forma:

- 1) Plural regular: plural sem alternância de sílabas, somente com a inserção do morfema *-s* (*casa/casas*).
- 2) Plural com mudança silábica de itens terminados em *-r* (*caçador/caçadores*).
- 3) Plural com mudança silábica de itens terminados em *-l* (*animal/animais*).
- 4) Plural com mudança silábica de itens terminados em *-s* ou *-z* (*mês/meses; paz/pazes*).

- 5) Plural duplo: itens que apresentam duas marcas indicativas de plural, alternância vocálica e inserção de *-s* (papelzinho/papeizinhos), ou abertura de vogal e inserção de *-s* (ovo/ovos).
- 6) Plural de itens terminados em *-ão* com mudança silábica (seleção/selecões).

Com relação à **tonicidade**, espera-se que monossílabos tônicos e oxítonos singulares, por terem acento na última sílaba, sejam mais marcados do que os paroxítonos e proparoxítonos. Essa variável abrange cinco fatores.

- 1) oxítonos
- 2) paroxítonos
- 3) monossílabos átonos
- 4) monossílabos tônicos
- 5) proparoxítonos

No que se refere à **posição linear**, o objetivo é observar se existe uma posição preferencial de ocorrência da marca de plural. Scherre espera que a 1ª posição do sintagma seja a mais marcada, seguida pelas 3ª e 2ª posições. Na análise aqui proposta, estipulamos 6 fatores:

- 1) primeira posição - as crianças
- 2) segunda posição - as crianças
- 3) terceira posição - as crianças pequena
- 4) quarta posição - as crianças bem pequena

- 5) um monte de + item - um monte de criança
- 6) um monte + item+ item - um monte de criança pequena

Conforme já mencionado na seção anterior, os fatores 5 e 6 foram elaborados por nós devido à alta produtividade dessas estruturas na produção oral infantil. Destacamos, também, que não nos aprofundamos em questões estruturais no que se refere ao posicionamento da estrutura *um monte de* no sintagma nominal. Assim, o fator 5 indica que o item analisado ocupa uma posição no sintagma antecedido pela expressão *um monte de*. O fator 6 é para o segundo item lexical antecedido por esse sintagma preposicional.

A variável **classe gramatical** permite observar se há comportamentos distintos entre as classes gramaticais no que se refere a ausência ou retenção de marcas de plural. Essa variável conta com 11 fatores e foi codificada seguindo os parâmetros utilizados por Scherre; destacamos, porém, que acrescentamos outros fatores de acordo com o que os nossos dados apresentavam. Assim como a autora, seguimos a terminologia tradicional.

- 1) artigos - as crianças, umas crianças
- 2) demonstrativos - aquelas crianças, essas crianças
- 3) substantivos - as crianças
- 4) categoria substantivada – os bonitinho
- 5) possessivos - as minhas crianças, tuas bonecas
- 6) indefinidos - as outras crianças
- 7) quantificadores - muitas crianças
- 8) adjetivos - duas roupa amarela
- 9) pronome interrogativo - quantos anos

10) intensificadores - umas rosas muito lindas

A variável **marcas precedentes ao elemento nominal analisado** mede o efeito que a ocorrência anterior de marcas de plural tem sobre a retenção ou ausência de outras marcas. Nossa codificação segue os princípios de Scherre, mas também criamos outros fatores de acordo com os nossos dados.

- 1) Para primeira posição, considerando ausência de marca formal antes do item sob análise. (~~o~~as crianças)
- 2) Para segunda posição, considerando uma marca formal antes do item sob análise. (as crianças)
- 3) Para segunda posição, considerando ausência de marca formal antes do item sob análise. (a~~o~~ minhas boneca)
- 4) Para segunda posição, considerando numeral com *s* antes do item sob análise. (três carrinhos)
- 5) Para segunda posição, considerando numeral sem *s* antes do item sob análise. (quatro~~o~~ carrinhos)
- 6) Para terceira e quarta posições, considerando pelo menos uma marca formal antes do item sob análise. Neste fator, não pode haver ausência de marca antes do item analisado. A autora considera as seguintes construções.

zero + marca + item – (do~~o~~ meus tio)

numeral + marca + item – (**dez** bonecas nova)

marca + numeral + item – (as **dez** horas)

marca + modificador + item – (pessoas **muito** bonitas)

- 7) Para terceira e quarta posições, considerando ausência de marca formal antes do item sob análise. As possibilidades estipuladas por Scherre são:
- marca + zero + item – (umas borrachaØ grande)
- numeral + zero + item – (**dois** riscoØ verde)
- marca + zero + zero + item – (as pernaØ todaØ marcada)
- marca + numeral + zero + item – (uns **quatro** salárioØ mínimo)
- marca + zero + numeral + item – (as minhaØ **duas** filha)
- marca + zero + modificador + item – (as casaØ **mais** antiga)
- marca + zero + modificador + modificador + item – (dos bairrosØ **ainda** mais calmo)
- 8) Para terceira e quarta posições, considerando duas ou mais marcas formais antes do item analisado.
- (as maiores privações)
- (as partidas todas iguais)
- 9) Para itens antecidos por *um monte de*.
- (**um monte de** criança)
- 10) Para itens antecidos por uma marca formal, sendo esta antecida pela estrutura *um monte de*.
- (**um monte de** folhas verde)
- 11) Para itens antecidos pela ausência de marca, sendo esta antecida por *um monte de*.
- (**um monte de** brinquedoØ quebrado.)

Por fim, relativamente à variável **grau do item lexical**, espera-se que itens flexionados sejam menos marcados do que os que se apresentam sem flexão. Essa variável foi codificada em seis fatores.

- 1) substantivo sem flexão
(bonecas linda)
- 2) substantivo no grau aumentativo
(umas pedrona grande)
- 3) substantivo no grau diminutivo
(os carrinho pequeno)
- 4) adjetivo sem flexão
(duas blusa rosa)
- 5) adjetivo no grau aumentativo
(uns brinquedo grandão)
- 6) adjetivo no grau diminutivo
(umas criança pequeninha)

Em se tratando das variáveis sociais, Scherre (1988) somente as considera na análise atomística, com o objetivo de investigar se a variação da concordância nominal de número na língua falada reflete um fenômeno de mudança lingüística em progresso ou de variação estável. As variáveis utilizadas pela autora são: i) anos de escolarização, ii) sexo e iii) faixa etária. Diferentemente, procedemos em nossa pesquisa a uma investigação sobre a atuação de variáveis extralingüísticas tanto na análise atomística, quanto na não atomística. Entretanto, julgamos mais produtivo apresentar os resultados obtidos na análise atomística, relativos às variáveis extralingüísticas, juntamente com os encontrados na análise não

atomística, pois o grau de atuação dos fatores estabelecidos evidenciou-se proporcionalmente o mesmo em ambos os momentos analíticos.

É importante destacar também que, no que se refere à análise não atomística, nossos dados não são comparáveis aos de Scherre (1988), pois além de não proceder a uma estratificação social nessa parte da análise, Scherre (1988) tem por objetivo examinar a configuração sintagmática de SNs constituídos de mais de dois elementos. Assim, considerando que nossa amostra constitui-se, em sua maioria, por SNs plurais de dois elementos (428 SNs plurais de dois elementos de um total de 537 SNs plurais considerados), julgamos que nossos dados não se prestam ao tipo de análise proposta pela autora. Nossa opção, então, foi proceder a uma investigação da variação estilística observada na produção oral de SNs plurais na fala das crianças. Assim, no capítulo referente à análise não atomística, examinamos o uso que as crianças fazem na fala da regra de concordância nominal de número, focalizando suas realizações padrão e não-padrão. As variáveis extralingüísticas consideradas são as abaixo relacionadas.

- Sexo: masculino e feminino
- Faixa etária: 4 anos, 5 anos, 6 anos, 7 anos e 8 anos
- Contexto discursivo: entrevista pessoal (adulto-criança), relato baseado em gravuras, reconto de narrativa, interação criança-criança.
- Audiência: criança como interlocutor e adulto como interlocutor
- Tipo de escola : pública e privada
- Escolarização: crianças em idade pré-escolar (4, 5, 6 anos) e em idade escolar (7, 8 anos)

Com relação à variável sexo, nosso objetivo é observar se, assim como nos resultados obtidos por Scherre na análise atomística e, conforme descrito pela literatura variacionista, as participantes do sexo feminino tendem a se aproximar mais do padrão do que os do sexo masculino.

Sobre a variável faixa etária, destacamos sua sobreposição com a escolarização. Conforme Kato (1990), Kleiman (1995) e Soares (2002), os processos de alfabetização e letramento influenciam a produção oral infantil no que toca ao implemento do uso de variantes padrão. Assim, esperamos observar diferença entre o índice de concordância de número padrão, característica da língua escrita, em grupos de crianças pré escolarizadas na comparação com aquelas engajadas formalmente no processo de alfabetização.

A variável contexto discursivo foi acrescentada por nós com o objetivo de averiguar se há diferenças estilísticas no comportamento verbal nas diferentes situações de elicitación de dados. Assim, agrupamos os dados de modo a constituírem dois contextos de produção oral: i) conversa e ii) narrativa. No contexto designado como “conversa”, enquadrámos interações entre criança-criança e adulto-criança. No contexto de “narrativa”, encontram-se os casos de reconto e relato baseado em gravuras. Também interpretamos os resultados considerando a influência que o interlocutor, no caso criança e adulto, exerce sobre a fala da criança analisada, conforme a proposta já discutida de Bell (2001).

Nos materiais sobre as coletas havia pouca informação sobre a classificação social dos informantes, basicamente restringindo-se à classificação da escola, em pública ou privada. Assim, não estratificamos nossa amostra quanto à categoria social; todavia, procedemos à classificação dos sujeitos quanto ao tipo de escola freqüentada.

Salientamos que as variáveis aqui apresentadas fazem parte de uma primeira configuração. Ao se efetuaram as “rodadas” com o VARBRUL, algumas amalgamações e

exclusões foram feitas com o objetivo de obtermos resultados mais consistentes. Esses processos, à medida em que desenvolvemos a análise, são descritos detalhadamente.

3.3 Tratamento estatístico

Este trabalho tem como arcabouço teórico a Sociolinguística Quantitativa, cujo escopo é a descrição, mediante métodos estatísticos, das “regras variáveis” que estruturam o sistema linguístico (cf. Labov 1966). Para tal, essa área utiliza uma metodologia analítica denominada de análise multivariada, que, conforme Guy (1998:28), pode ser caracterizada como:

... tentativa de modelar os dados como uma função de várias forças simultâneas, interseccionadas e independentes, que podem estar atuando em diferentes posições. De fato, um dos produtos da análise é uma medida numérica do peso e da “direção” (favorável ou desfavorável) de cada força. (grifo do autor)

Comumente, as pesquisas linguísticas variacionistas utilizam o pacote de programas estatístico VARBRUL, desenvolvido por Sankoff e Rousseau (1978) e implementado por Pintzuk (1988) para computadores do tipo PC. A análise é feita mediante a atribuição de pesos relativos aos possíveis fatores condicionantes estabelecidos frente ao fenômeno linguístico focado. Esses pesos relativos são interpretados dentro de um intervalo de 0 a 1, sendo 0,5 um índice de neutralidade. Assim, valores acima de 0,5 indicam que determinado fator favorece o processo linguístico em questão; valores abaixo de 0,5 indicam que tais fatores são desfavoráveis. Para maiores esclarecimentos sobre o pacote de programas VARBRUL, ver Brescancini (2002); Guy (1998); Scherre & Naro (2003b); Naro (2003).

Algumas variáveis estipuladas para este trabalho não foram selecionadas pelo pacote de programas VARBRUL. Dessa maneira, adotamos um teste denominado qui-quadrado, a fim de aferirmos a significância estatística dos resultados encontrados. Esse teste consiste em comparar a distribuição das proporções observadas em um determinado evento, com o objetivo de se averiguar se essas diferenças são estatisticamente significativas, ou decorrentes das flutuações da amostra.

Para o cálculo do qui-quadrado, Karl Pearson (cf. Barbetta 2001) propôs o seguinte método:

$$\chi^2 = \sum [(O - E)^2 / E]$$

Em que **O** = frequência observada em cada variável; **E**= frequência esperada para cada variável e (χ^2) é o símbolo em que se lê qui-quadrado.

Fisher propôs uma correção para casos em que a frequência esperada é pequena, especialmente quando inferior a cinco, já que isso poderia ocasionar um valor de qui-quadrado maior do que o real. Essa proposta é chamada de correção de Yates ou correção de continuidade.

$$\chi^2 = \sum [(|O - E| - 0,5)^2 / E]$$

Salienta-se, contudo, que quando os valores de qui-quadrado calculados forem inferiores ao tabelado, não é necessário aplicar a correção, já que o resultado resultaria ainda menor, não alterando seu significado.

Para a interpretação dos resultados, toma-se por base uma tabela em que valores de qui-quadrado estão calculados em função de margens de erro. Ou seja, em uma análise

estatística, é necessário estabelecer limites que considerem que a distribuição dos dados é devida à sua flutuação aleatória. Em ciências sociais, o limite aceitável é de 5%, isto é, há uma probabilidade de 5% dos resultados apresentados serem decorrência do acaso, mas 95% de serem significativos. As tabelas estão montadas, também, em função dos graus de liberdade, que se calcula do seguinte modo:

Variável a = 2 fatores Variável b = 2 fatores

$GL = (n^\circ \text{ de fatores da variável a} - 1) \times (n^\circ \text{ de fatores da variável b} - 1)$

$GL = (2-1) \times (2-1)$

$GL = 1$

Desse modo, o valor do qui-quadrado considerado deve ser o correspondente a 1 grau de liberdade.

O valor tabelado do qui-quadrado a 5% com 1 grau de liberdade é de 3,841. Isso significa que se o valor calculado é inferior ao tabelado, a distribuição dos resultados da amostra não é significativa, indicando, assim, que não há associação entre as variáveis. De modo contrário, se o valor calculado for maior que 3,841, a distribuição da amostra será considerada estatisticamente significativa, sinalizando associação entre as variáveis.

No VARBRUL, efetuamos também um teste de significância para proceder a amalgamações de fatores dentro de uma mesma variável. Esse teste baseia-se na comparação dos *log likelihood*, valor este fornecido pelo programa, cujo princípio é o da verossimilhança máxima, assim definido por Scherre e Naro (2003b:169):

O critério *likelihood*, cujas derivações e propriedades matemáticas podem ser encontradas em textos estatísticos, indica o grau de probabilidade de um conjunto particular de dados ter sido gerado pelo modelo com os valores atribuídos aos efeitos dos fatores.

Para testarmos se é possível agrupar determinados fatores de uma mesma variável, efetuamos uma subtração entre o “log” da análise sem os fatores amalgamados e o “log” resultante da amalgamação. A seguir, multiplicamos o resultado por dois e o comparamos com o valor do qui-quadrado, respeitando os respectivos graus de liberdade. Se o valor for inferior ao qui-quadrado tabelado, significa que os fatores podem ser agrupados, pois não possuem efeitos diferenciados sobre o fenômeno em questão. Os resultados obtidos na análise atomística são apresentados no capítulo seguinte.

4 CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA FALA INFANTIL – ANÁLISE ATOMÍSTICA

Neste momento da análise, focalizamos nossa atenção em cada elemento flexionável do sintagma nominal, constituindo, desse modo, nossa unidade analítica. Nosso objetivo nesta etapa é averiguar a frequência da marca de plural no interior do SN, considerando as motivações estruturais do sistema lingüístico, bem como as de ordem externa. Vale comentar novamente que nos ocuparemos apenas em descrever, nessa parte da análise, os resultados referentes às variáveis estruturais, remetendo à descrição das motivações externas à análise não atomística, já que demonstram a mesma atuação em ambas as ocasiões.

Considera-se como aplicação da regra a presença formal de plural no item analisado, configurando como não aplicação a ausência da marca de número. Os resultados obtidos serão contrastados com os de Scherre (1988), oportunizando, assim, uma descrição em termos comparativos da regra de concordância nominal de número com o sistema do adulto.

Compõem nosso *corpus* 984 itens flexionáveis, dos quais 498 (51%) apresentam o morfema indicador de plural *-s*. Os outros 486 (49%) constituem a não aplicação da regra, ou seja, ausência da marca de número. O *input* apontado pelo pacote de programas VARBRUL é de 0,51. A partir dessa distribuição geral, constata-se uma prevalência de elementos nominais flexionados sobre os não flexionados. Isto é, o índice de aplicação da regra é superior ao da não aplicação.

O primeiro aspecto a ser comentado diz respeito à prevalência de nominais com marca de plural sobre os sem marca. Para interpretarmos esse resultado, é necessário levarmos

em conta a principal característica da nossa amostra. Conforme já exposto no capítulo de metodologia, nossos dados são, basicamente, oriundos de SNs plurais de 2 elementos, com estrutura do tipo determinante + nome. Tal fato, contribui para o alto índice da aplicação da regra, pois a indicação de plural está presente em, pelo menos, metade dos itens. Somando-se a isso algumas realizações de concordância padrão, ou seja, casos de presença do morfema plural em todos os elementos, nosso *corpus* contém mais itens com plural formalmente marcado do que sem marcas. Dessa forma, realizamos uma rodada no VARBRUL em que foram desconsiderados os artigos e os demonstrativos em primeira posição, pois, conforme a literatura sobre o fenômeno aqui focado, é nessa posição que as marcas de plural fixam-se preferencialmente. Por isso, efetuamos rodadas desconsiderando os artigos; os demonstrativos também foram incluídos, pois todos os casos, 23 ao todo, apresentaram-se formalmente flexionados em número. Com esse procedimento, os percentuais passaram a ser de 29% para a aplicação da regra (194/667) e 71% de não aplicação (473/667), com *input* de 0,30. Assim sendo, apresentaremos os resultados das duas rodadas, indicando sempre quando se trata de uma ou de outra. A seguir, apresentamos os resultados obtidos em cada variável considerada nesta etapa da análise.

4.1 Processos morfofonológicos de formação do plural

A variável Processos morfofonológicos de formação do plural faz parte de um conjunto de variáveis que Scherre (1988) elaborou para avaliar o efeito da saliência fônica sobre o fenômeno de concordância nominal de número. Conforme a autora, o princípio da saliência fônica foi introduzido por Lemle e Naro entre 1974 e 1976 para explicar o fenômeno

da concordância verbal. Segundo esse princípio, formas que apresentam uma diferenciação fônica na relação singular/plural são mais perceptíveis para o ouvinte e, nesse sentido, mais salientes. Assim sendo, no que se refere à marcação de plural, tais itens tendem a reter a marca, enquanto os de plural regular, tendem à apagá-la. Scherre analisa o efeito desse princípio, focalizando três aspectos: i) processos morfofonológicos de formação do plural; ii) tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares e iii) número de sílabas dos itens lexicais singulares. Seu objetivo é verificar o efeito que essas variáveis têm nos falantes de baixa escolarização. Conforme já exposto, a variável número de sílabas não foi utilizada por nós, pois essa não demonstrou relevância na análise da autora. Em um primeiro momento, apresentamos os resultados da pesquisadora para as variáveis; a seguir, seguem os obtidos por nós neste trabalho.

Os resultados encontrados por Scherre para essa variável encontram-se na Tabela 7 abaixo.

Tabela 7- Processos morfofonológicos de formação do plural de todos os dados dos adultos

Processos	N/Total	%	Peso
duplo (maravilhoso/maravilhóso)	63/68	93	0,86
-l (internacional/internacionais)	83/97	86	0,56
-ão (contradição/contradições)	173/200	86	0,42
-r (pescador/pescadores)	237/268	88	0,48
-s (português/portugueses)	219/265	83	0,38
regular (pequeninha/pequeninhas)	7086/10071	70	0,24

Fonte: SCHERRE, 1988, p. 81

Os resultados da Tabela 7 evidenciam que os itens lexicais com maior diferença fônica na relação singular/plural apresentam mais índices de marca. O fator que evidenciou maior peso com relação à presença de marcas foi o plural duplo, com 0,86. Scherre observa

uma hierarquia em termos de grau de saliência: *-l* (0,56), *-r* (0,48), *-s* (0,38). Sobre os plurais em *-ão*, a autora salienta que o comportamento esperado para itens com essa terminação fosse semelhante ao dos terminados em *-l*, por apresentarem uma formação de plural parecida. Todavia, os resultados apresentados não corresponderam à sua expectativa: *-ão* (0,42).

Com relação aos nossos dados, utilizamos a mesma codificação elaborada pela autora para investigar o efeito da variável processos morfofonológicos de formação do plural. Essa foi uma das variáveis selecionadas pelo pacote de programas VARBRUL e os resultados encontram-se na Tabela 8.

Tabela 8 – Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável processos morfofonológicos de formação do plural em todos os dados infantis

	N/Total	%	Peso
regular	469/930	50	0,47
-r	22/31	71	0,93
-s	02/07	29	0,72
-l	02/05	40	0,76
plural duplo	02/08	25	0,64
-ão com alteração silábica	01/03	33	0,75

Como podemos observar, assim como Scherre, os itens regulares são desfavorecedores (0,47) da retenção da marca de número, enquanto que os itens que apresentam diferenciação fônica na pluralização são favoráveis. Para atestar que o resultado encontrado para os itens regulares na fala infantil é semelhante ao do adulto, efetuamos uma rodada desconsiderando os artigos, já que essa categoria poderia estar inflacionando o resultado. A Tabela 9 apresenta os novos valores.

Tabela 9 – Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável processos morfofonológicos de formação do plural nos dados infantis desconsiderando os artigos e demonstrativos

	N/Total	%	Peso
regular	165/613	27	0,46
-r	22/31	71	0,92
-s	02/07	29	0,67
-l	02/05	40	0,80
plural duplo	02/08	25	0,56
-ão com alteração silábica	01/03	33	0,61

Através dos resultados, constatamos que, mesmo com a exclusão dos artigos e demonstrativos, os itens regulares são desfavorecedores da aplicação da regra, com pesos praticamente iguais nas duas rodadas: com artigos 0,47 e sem artigos 0,46; ou seja, esses resultados reforçam a constatação de que o comportamento das crianças é semelhante ao dos adultos no que se refere à flexão de número em itens lexicais com plural regular. Enfatizamos, contudo, que o baixo número de dados não nos permite uma descrição generalizante no que se refere ao comportamento verbal da criança quanto à pluralização de itens com plural não regular. No entanto, chamamos a atenção para o comportamento diferenciado que os itens terminados em *-r* apresentam na nossa amostra.

Para interpretarmos o alto peso atribuído a esses itens (0,92), é necessário levarmos em conta uma possível interferência da elicitación dos dados. Acreditamos que tal resultado possa estar relacionado à repetição de um mesmo item; no caso, o nominal *flor*. De um total de 31 ocorrências, 14 corresponderam à forma pluralizada *flores*, como se pode observar no anexo 01. A elicitación desse item deve-se a um contexto de narrativa, em que a criança observa figuras dispostas em uma pasta, que ela manuseia, para posteriormente elaborar uma história e relatar ao entrevistador. Acreditamos que essa situação tenha suscitado na criança uma fala embasada na língua escrita, explicando, nesse sentido o alto índice do nominal flexionado. Todavia, outra hipótese que deve ser considerada é a de que o resultado

pode estar relacionado a um momento específico do processo de aquisição fonológica, registrado por ocasião da coleta.

Assim sendo, por não possuímos quantidade de dados suficientes não podemos tecer generalizações acerca do princípio da saliência fônica na produção oral infantil, como Scherre o faz para a fala dos adultos. De todo modo, ficam aqui questões em aberto para análises futuras acerca da atuação de tal princípio sobre o uso da marca de plural na fala das crianças, sobretudo considerando uma possível atuação de outros aspectos estruturais, tais como memorização e inferência de regras, bem como questões de ordem fonológica envolvidas na aquisição.

4.2 Tonicidade

Outra variável usada por Scherre para examinar o efeito da saliência sobre a concordância de número é a tonicidade dos itens lexicais. Os resultados da autora encontram-se na Tabela 10 que segue.

Tabela 10- Tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares de todos os dados dos adultos

Tonicidade	N/Total	%	Peso
oxítonos e monossílabos tônicos (país/leitão/meu/pé)	1028/1198	86	0,66
paroxítonos e monossílabos átonos (coisa/dólar/os/as)	6752/9615	70	0,39
proparoxítonos (fábrica/indígena/médico)	81/156	52	0,44

Fonte: SCHERRE, 1988, p. 82

Para a autora, a tonicidade do item singular influencia a presença da marca no sentido de serem os oxítonos e monossílabos tônicos os que mais a favorecem. Dessa maneira, destaca-se novamente a influência da saliência fônica, já que os itens que mais favorecem a marca de número são aqueles cuja tonicidade recai sobre a última sílaba, tornando-a mais saliente.

No entanto, na análise dos dados infantis, essa variável não foi selecionada pelo VARBRUL, estando os resultados obtidos na Tabela 11.

Tabela 11– Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável tonicidade em todos os dados infantis

	N/Total	%
monossílabos átonos	304/317	96
monossílabos tônicos	38/66	58
paroxítonos	141/541	26
oxítonos	13/47	28
proparoxítonos	02/13	15

$$\chi^2_{\text{calc.}} = 408,168 > \chi^2_{\text{tab}} 0,05 = 9,488$$

Diferentemente de Scherre, não agrupamos os fatores, pois mesmo procedendo à amalgamação, a variável não é selecionada. Assim, optamos por apresentá-los separadamente e testar se os percentuais apresentam uma diferença estatística. Conforme o qui-quadrado obtido, as diferenças obtidas são significativas. Contudo, acreditamos que esse resultado não oferece uma boa descrição devido ao alto índice de marcação nos monossílabos átonos. Então, testamos as diferenças desconsiderando os monossílabos átonos e proparoxítonos, em função de seus comportamentos quase categóricos, sendo o dos monossílabos átonos o de reter a marca em 96% dos casos e dos proparoxítonos em cancelá-la em 15% dos casos. Os percentuais encontram-se na Tabela 12.

Tabela 12 – Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável tonicidade nos dados infantis desconsiderando os monossílabos átonos e proparoxítonos

	N/Total	%
monossílabos tônicos	38/66	58
paroxítonos	141/541	26
oxítonos	13/47	28

$$\chi^2_{\text{calc.}} = 28,235 > \chi^2_{\text{tab}} 0,05 = 5,991$$

Novamente encontramos uma diferença significativa, demonstrando que os oxítonos são pouco marcados (28%), contrastando com o que Scherre obteve para essa categoria (0,68). Ao se desconsiderar os monossílabos átonos, a categoria dos monossílabos tônicos (58%) é a que mais favorece a marca morfológica do plural. Julgamos que esse comportamento seja explicado retomando a explanação já feita na variável processos morfofonológicos de formação do plural. Como dissemos, há muitas ocorrências do monossílabo tônico *flor* e isso poderia estar inflacionando o resultado relativo à atuação desse fator. Entretanto, mesmo considerando um acentuado percentual de marcas nessa categoria, a amalgamação com os oxítonos, nos moldes propostos por Scherre, não levou à seleção dessa variável pelo VARBRUL, conforme já mencionamos acima. Dessa forma, portanto, os nossos resultados não apontam para o efeito da tonicidade sobre a presença da marca de número, destoando, assim, dos resultados obtidos na fala adulta.

No bojo da saliência fônica, Scherre ainda examina o efeito do número de sílabas dos itens lexicais singulares, não evidenciando essa variável relevância frente ao fenômeno. Desse modo, não submetemos os nossos dados a essa análise. Diante dos seus resultados, Scherre propõe uma variável que considere o efeito conjunto das variáveis processos morfofonológicos de formação do plural e tonicidade, pois julga haver uma sobreposição forte entre essas duas variáveis, atuando na concordância nominal de número. Dessa maneira, a autora procede a várias análises, até chegar em uma variável que contemple aspectos das duas variáveis, denominando-a de saliência fônica. De nossa parte, em função de questão de tempo e espaço destinados a esse trabalho, não efetivamos nos dados das crianças uma análise

considerando a nova variável, até porque a tonicidade não se mostrou relevante na nossa amostra. Todavia, julgamos que tal questão mereça maior aprofundamento em trabalhos futuros.

4.3 Posição linear e Classe gramatical

Com relação à posição linear que o elemento ocupa no SN, Scherre inicia a análise retomando vários trabalhos (Braga & Scherre 1976, Scherre 1978, Ponte 1979, Carvalho Nina 1980, Guy 1981 *apud* Scherre, 1988), os quais postulam que a primeira posição do SN é a que mais favorece a marca de plural. Todavia, sua proposta é abordar a questão considerando as influências das variáveis classe gramatical e marcas precedentes. Em um primeiro momento, sua investigação focaliza o cruzamento entre posição e classe gramatical, cujos resultados encontram-se na Tabela 13.

Tabela 13- Distribuição dos dados dos falantes adultos em função da classe gramatical e da posição dos elementos no SN

CLASSE	POSIÇÃO							
	Primeira		Segunda		Terceira		Quarta	
	N/Total	%	N/Total	%	N/Total	%	N/Total	%
substantivo	153/161	95	2777/5196	53	317//514	62	3247/5871	56
categ. subst.	-----	---	60/93	65	16/23	70	76/116	66
pron. pes. De 3ª pes.	12/12	100	27/33	82	-----	----	39/45	87
adjetivo	47/48	98	125/163	77	125/307	41	297/518	57
quantificador	133/133	100	3/7	43	22/108	20	158/248	64
possessivo	184/184	100	130/135	96	2/12	17	316/331	95
adjetivo2	9/10	90	21/28	78	3/3	100	33/41	80
indefinido	424/429	99	45/48	94	0/1	0	469/478	98
artigo e demonstrativo	3268/3363	97	75/75	100	-----	---	3343/3438	97
Total	4230/4340	97	3263/5778	56	485/968	50	7978/11086	72

Fonte: SCHERRE, 1988, p. 156

Diante desses resultados, Scherre chega à conclusão de que a primeira posição favorece a presença de marcas em qualquer classe gramatical que nela ocorra. A única situação em que há mais marcas na segunda posição do que na primeira são os SNs com possessivos na segunda posição, antecidos por determinantes, tais como *do meus pais*. Sobre esse resultado, a pesquisadora apóia-se em Silva (1982 *apud* Scherre, 1988) para interpretar tal fenômeno. Silva, segundo Scherre (1988), afirma que o falante tende a não interpretar a contração do artigo com a preposição, tal como *no, do*, como dois morfemas distintos. Isto posto, Scherre propõe, então, que a não flexão do artigo contraído com preposição diante de possessivo, como *da minhas prima*, justifica-se pelo fato de o falante interpretar essa contração como uma categoria invariável, como a preposição. Essa construção é interpretada pela autora como concordância padrão, conforme mencionamos no capítulo de metodologia. Guy (1981) propõe que esse fenômeno justifica-se pela influência da nasal dos possessivos *meu/minha*, favorecendo o apagamento do *-s* no artigo precedente. Contudo, essa proposta não dá conta dos casos em que o artigo aparece sem marca diante dos possessivos *teu/tua*, como bem assinala Scherre. Encontramos um comportamento semelhante para os possessivos nos dados das crianças o que será discutido quando tratarmos da variável classe gramatical.

Para explorar as possíveis relações entre classe e posição, Scherre examina o comportamento do determinante, do substantivo e do adjetivo em SNs de três ou mais elementos, a fim de identificar diferenciações quanto à presença da marca nessas categorias nas diferentes posições. A primeira constatação é que não existe uma relação rígida entre a ocorrência de determinante e primeira posição, substantivo e segunda posição, adjetivo e terceira posição. Seus resultados revelam o seguinte (cf. p.158):

- 1) determinantes na segunda posição são até mais marcados do que na primeira;
- 2) os substantivos têm mais chances de serem marcados na terceira posição do que na segunda;
- 3) os adjetivos, inversamente aos substantivos, se apresentam mais marcados na segunda do que na terceira posição.

Assim, diante dessas observações, Scherre passa a propor que a investigação encaminhe-se no sentido de interpretar a relação entre elementos nucleares e não nucleares no sintagma nominal. Antes de apresentar os resultados da autora relativos à variável marcas precedentes, apresentaremos os nossos sobre posição e classe gramatical.

No nosso estudo, procedemos inicialmente à análise das variáveis posição e classe gramatical separadamente. Em um segundo momento, efetuamos um cruzamento entre as duas para identificar possíveis sobreposições. Os resultados na Tabela 14 abaixo são sobre posição linear.

Tabela 14 – Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável posição linear em todos os dados infantis

	N/Total	%	Peso
primeira posição	388/403	96	0,77
segunda posição	99/465	21	0,30
terceira e quarta posições	6/60	10	0,17

Essa foi uma das variáveis selecionadas pelo VARBRUL, mas antes de comentar os resultados finais, expostos na Tabela 14, descreveremos os percentuais obtidos em todas as posições consideradas na amostra.

Para chegarmos na configuração final dessa variável, juntamos as terceira e quarta posições, pois havia apenas sete SNs de quatro elementos, correspondendo a apenas um caso de marca nessa posição. Também excluimos da rodada estatística os SNs com sintagmas preposicionados. Não desenvolvemos neste trabalho questões sobre a estrutura interna de sintagmas preposicionados do tipo *um monte de*, bem como qual a posição ocupada pelos nominais encaixados. Por isso, criamos fatores específicos que contemplassem os casos da

amostra. Assim, deparamo-nos com duas configurações: (i) 1º elemento antecedido por Sprep, *um monte de folhas verde*, (ii) 2º elemento antecedido por Sprep, *um monte de folhas verde*. Houve 52 casos de SNs com a estrutura do tipo 1, sendo cinco casos de nominais formalmente marcados. Na segunda situação, foram 4 casos ao todo, sendo de 100% o percentual de não marcação dos casos ocorridos.

Scherre desenvolve esse assunto na seção destinada à variável marcas precedentes; de todo modo, recuperaremos essa discussão neste momento. Sobre o efeito dos sintagmas preposicionais, a autora obtém os seguintes resultados (cf. p. 206).

A) SprepS_ (4/7).....	0,70
B) Sprep+S_ (7/9).....	0,77
C) Sprep0_ (68/168).....	0,40
D) Sprep+0_ (0/9).....	0%

A autora propõe diante dos resultados que a presença ou ausência de marca no nominal analisado em estruturas com sintagmas preposicionais está relacionada à presença ou ausência de marcas precedentes. Conforme se pode depreender dos pesos acima relacionados, existe uma dicotomia entre nominais antecidos por uma marca e nominais antecidos por zero. Os que são antecidos por marca formal, quer seja dentro do Sprep, tipo *milhões de coisas*, ou no nominal encaixado, como *uma porção de criançaS abandonadas*, tendem a apresentar a marca formal de plural. De modo contrário, a ausência de marca anterior desfavorece a marcação. Sua conclusão, então, remete ao efeito do paralelismo formal, destacando que não é o Sprep em si que desfavorece a aplicação da regra, mas a ausência ou presença de marcas precedendo o segmento analisado.

Ao retomarmos os nossos dados, identificamos que o efeito das marcas precedentes não demonstrou atuar no que se refere aos sintagmas preposicionais. Embora a insuficiência de dados não nos permita uma descrição conclusiva, os quatro casos em que o segmento analisado era precedido por marca, tal como *um monte de folhaS verde*, apresentou-

se sem o morfema indicador de plural na posição analisada. Todavia, voltaremos a discutir o efeito das marcas precedentes quando tratarmos dessa variável no momento oportuno.

Ao retornar aos resultados referentes à variável posição, expostos na Tabela 14, constatamos o mesmo pressuposto encontrado em muitos trabalhos que focalizam a concordância nominal de número no Brasil. Isto é, a primeira posição mostrou-se efetivamente favorecedora da retenção da marca, com peso de 0,77. As posições subseqüentes revelaram-se desfavorecedoras, com probabilidades de 0,30 para segunda posição e 0,17 para terceira e quarta posições. A fim de testar o comportamento de outras classes, efetuamos uma rodada sem os artigos, apresentando as seguintes probabilidades, conforme a Tabela 15.

Tabela 15 – Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável posição linear nos dados infantis desconsiderando os artigos e demonstrativos

	N/Total	%	Peso
1ª posição	84/86	98	0,40
2ª posição	99/465	21	0,59
3ª e 4ª posições	06/60	10	0,09

A variável ainda continua a ser selecionada; no entanto, ao retirarmos os artigos, a primeira posição passa a ser desfavorável para a presença da marca (0,40), passando a segunda a atuar como favorecedora da marca (0,59). Contudo, é necessário considerar que esse peso atribuído à segunda posição deve-se aos possessivos que comportam-se como primeira posição, assim como Scherre também constatou em seus dados. Ao retirarmos essa categoria, a primeira posição volta a ser a mais favorável, de acordo com o que se observa na Tabela 16.

Tabela 16 – Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável posição linear nos dados infantis desconsiderando os artigos, demonstrativos e possessivos

	N/Total	%	Peso
1ª posição	60/62	97	0,60
2ª posição	87/450	19	0,54
3ª e 4ª posições	06/59	10	0,16

Portanto, a fala infantil mais tardia também caracteriza-se por marcar o plural preferencialmente na primeira posição, indo ao encontro do que se observa no sistema adulto, inclusive no que se refere ao comportamento dos possessivos⁶. Para testar uma possível sobreposição entre classe gramatical e posição, tal como Scherre procedeu, fizemos um cruzamento entre essas duas variáveis. No entanto, antes de relatar os resultados, apresentamos os percentuais obtidos considerando a variável classe gramatical separadamente. A categorização feita para essa variável neste trabalho segue a elaborada por Scherre, os resultados estão na Tabela 17.

Tabela 17- Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável classe gramatical em todos os dados infantis

	N/Total	%	Peso
artigo e demonstrat.	352/365	96	0,85
subst. e cat. subst.	92/535	17	0,21
possessivo	36/40	90	0,87
indefinido e quantificador	12/16	75	0,65
adjetivo	03/25	12	0,26

Os artigos e os demonstrativos foram, inicialmente, codificados separadamente. Entretanto, todos os casos de demonstrativos, 23 ao todo, tinham a marca de plural. Assim, após testarmos a possibilidade de amalgamento, juntamos os artigos e os demonstrativos em um único fator, de acordo com a codificação feita por Scherre. Agrupamos também os substantivos e categorias substantivadas. Já os indefinidos e quantificadores foram amalgamados, devido às suas semelhanças sintáticas. Outros fatores foram excluídos devido à pouca ocorrência na amostra e à impossibilidade de amalgamação. São eles: pronome interrogativo e intensificador. O pronome interrogativo que ocorreu foi *quantos*, em estrutura do tipo *quantos anos?* Foram dois casos com presença de concordância. O intensificador que apareceu foi *muito*, em único e curioso caso. Esse elemento ocorreu na estrutura *umas rosas*

⁶ Embora, conforme relatado anteriormente, pareça haver uma fase inicial na aquisição do português brasileiro durante a qual a criança marca o plural apenas no núcleo.

muitos lindas. O interessante é que nessa construção o efeito das marcas precedentes é efetivamente contundente, levando a criança a marcar um elemento invariável.

Os resultados da Tabela 17 mostram-nos que os possessivos são os mais favoráveis à retenção da marca, com peso de 0,87. Os casos em que eles são marcados correspondem à estrutura artigo + possessivo + nome, como *a minhas boneca*. Há, nesses casos, um apagamento do -s final do artigo, aglutinando-se este com o possessivo que o segue, constituindo na fala um único vocábulo. Com isso, a marca formal de plural aparece apenas no possessivo. Assim, parece-nos que o alto peso atribuído a essa categoria justifica-se pelo fato de o possessivo estar sendo identificado na fala como a primeira posição do SN. Esse comportamento também é relatado no trabalho de Scherre, conforme já descrito. De nossa parte, não exploramos neste trabalho as motivações que levam a essas realizações na língua falada, deixando aqui questões a serem aprofundadas em novas investigações.

Voltando à Tabela 17, podemos visualizar também que os artigos e demonstrativos são favorecedores do morfema plural, com peso de 0,85, assim como os indefinidos e quantificadores (0,65), todos eles ocorridos na primeira posição do SN. Isso evidencia, mais uma vez, a forte influência da primeira posição em reter a marca de número no sintagma. As outras categorias, substantivos, categoria substantivada e adjetivos, são desfavorecedoras da aplicação da regra.

Assim como Scherre, efetuamos um cruzamento entre posição e classe para observar as possíveis inter-relações entre essas variáveis. Os resultados estão na Tabela 18.

Tabela 18- Distribuição de itens com marca formal de plural no cruzamento entre as variáveis classe e posição em todos os dados infantis

	Primeira posição		Segunda Posição		Terceira e quarta posições	
	N/Total	%	N/Total	%	N/Total	%
artigo e demonstrativo	352/365	96	-----	---	----	----
cat. subst. e subst.	1/2	50	83/443	19	03/38	8
possessivos	24/24	100	12/15	80	0/1	0
indefinidos e quantif.	9/10	90	03/06	50	-----	----
adjetivo	-----	----	01/01	100	2/20	10

Essa tabela reforça o efeito que a primeira posição exerce sobre a marca de plural. Salvo os substantivos, categoria substantivadas e adjetivos, que impossibilitam qualquer inferência devido aos escassos casos, todas as classes, quando nessa posição, são altamente favorecedoras da aplicação da regra. O comportamento dos possessivos fica claro quanto a sua inter-relação com a posição. Ou seja, quando em primeira posição são sempre marcados (24/24); quando em segunda também, devido aos motivos acima arrolados. Portanto, o cruzamento nos permite observar o mesmo que Scherre atesta para os dados dos adultos: qualquer classe em primeira posição é mais marcada do que em outras posições. Contudo, não permitem uma abordagem nos termos propostos por Scherre no sentido de empreender uma análise que considere as relações entre elementos nucleares e não nucleares no sintagma, já que poucos são os SNs de três ou mais elementos, ao todo 57 casos. Discutiremos a seguir o efeito da variável marcas precedentes.

4.4 Marcas Precedentes ao elemento nominal analisado

Essa variável, de acordo com Scherre (1988), tem como objetivo observar a influência que marcas de plural anteriores ao item analisado têm sobre a retenção ou ausência dessa no nominal que a segue. Scherre alicerça-se em Poplack (1980), que propôs para o espanhol de Porto Rico que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”. Os resultados de Scherre encontram-se na Tabela 19 abaixo.

Tabela 19 - Marcas Precedentes em função da posição em todos os falantes adultos

Marcas precedentes	Posição analisada	N/Total	%
1) ausência	1	4225/4335	97
2) zero	2	105/105	100
3) SPrep(x)S_	1 e 2	11/16	69
4) SPrep0(0)_	1 e 2	68/177	38
5) numeral	2	886/1529	58
6) S_	2	2205/3974	55
7) SS(S)_	3 e 4	258/368	70
8) y(X)X_	3, 4,5	207/382	54
9) X(y)0_	3,4,5	13/200	6

Fonte: SCHERRE, 1988, p. 180

Retomamos a descrição dos fatores, apresentada no capítulo de metodologia, para facilitar a interpretação dos resultados. A posição analisada encontra-se sublinhada e os fatores condicionantes em negrito. De acordo com a descrição feita entre as páginas 14 e 16, o primeiro fator, denominado “ausência”, refere-se à análise da primeira posição do SN em questão, considerando a ausência de qualquer marca antes desta (*os fregueses*). O fator zero analisa a segunda posição, considerando ausência de marca na primeira (*do meus tio, filhotinho novos*). O fator 3, Sprep(X)S_, codifica dois casos: i) núcleo nominal mais alto com marca formal de plural (*milhõeS de coisa*) e ii) núcleo nominal com ou sem marca formal de plural acompanhado de marca no primeiro elemento do SN sob análise (*um grupo de criançaS abandonadas*). O fator 4, Sprep0(0)_, refere também a duas situações: i) núcleo nominal mais alto sem marca formal de plural (*uma porção de carro*) e ii) núcleo nominal sem marca formal de plural seguido pela ausência de marca no primeiro elemento do SN sob análise (*uma porção de coisa interessante*). O fator 5 abrange os SNs com numerais com ou sem *s* na primeira posição (*três capítulos, dez senhoras*). O fator 6 analisa a segunda posição, considerando marca formal na primeira (*os fregueses*). O fator 7 refere-se a casos de duas ou mais marcas formais antecedendo as terceira e quarta posições (*as maiores privações, as partidas todas iguais*). O fator 8 analisa 3ª, 4ª e 5ª posições, considerando, pelo menos, uma marca formal de plural antes do item analisado. Nesses casos não pode haver ausência de

marca no nominal anterior, não sendo entendido como ausência a presença de numerais e modificadores (*do meus tios, nove núcleos formados, pessoas muito humildes*). O fator 9 engloba os casos de ausência antes das 3ª, 4ª e 5ª posições. Nesses casos, também pode haver um numeral ou modificador anterior ao item analisado, desde que antes desses o elemento não esteja formalmente marcado (*umas borracha grande, as perna toda marcada, as minha duas filha*).

Diante dos resultados expostos na Tabela 19, a variável marcas precedentes evidencia que a primeira posição (97%) é altamente favorecedora da presença da marca formal de plural, assim como a segunda posição (100%) nas situações em que a primeira não se encontra marcada. Esse resultado para segunda posição, conforme a autora chama atenção, refere-se às estruturas com possessivos, do tipo *do meus pais*. De acordo com Scherre, esse comportamento do possessivo independe da presença ou não de marcas em artigos ou demonstrativos precedentes, como se pode observar na Tabela 20.

Tabela 20- Marcas precedentes, posição e possessivo

Marcas precedentes	Posição analisada	N/Total	%
ausência	1	184/184	100
zero	2	75/75	100
S_	2	55/60	92

Fonte: SCHERRE, 1988, p. 181

Pela tabela podemos perceber que a ausência da marca de número precedente não condicionou o apagamento do morfema no possessivo, nos levando a questionar, portanto, sobre o efeito do paralelismo formal, pelo menos no que diz respeito aos possessivos. Entretanto, com esses resultados, Scherre aponta um comportamento regular no sentido de que as marcas precedentes favorecem a presença de marca no item analisado, já que em 92% dos casos de marca na primeira posição, ocorre marca no possessivo em segunda posição. O efeito do paralelismo formal é reafirmado, ainda, ao observar o comportamento dos Spreps. A

autora salienta que os SNs com Sprep 0_ são os únicos casos em que ocorre a seqüência 000 (*uma porção de peixinho colorido*). A segunda posição precedida por numerais mostrou-se, da mesma forma, favorecedora de marca formal de plural (58%). Scherre constata que não há relação entre o numeral terminar ou não com -s e a presença de marcas na segunda posição. Os fatores 6, 7 e 8 atestam para o favorecimento da marca de número nos nominais antecidos por marcas pré-existentes com percentuais respectivos de 55%, 70% e 54% de aplicação de regra no item analisado. De forma contrária, a ausência de marca antecedendo as 3ª, 4ª e 5ª posições influenciam no sentido de desfavorecerem a presença do -s nessas posições. Scherre afirma que qualquer classe que ocorra em terceira, quarta e quinta posições apresenta um comportamento regular no que se refere à afirmação de Poplack (1980) em que “marcas levam à marcas e zeros levam a zeros”. Diante dos resultados obtidos Scherre passa a questionar (cf. p. 193) se:

Todas as classes que ocupam a segunda posição do SN se comportam da mesma forma que o possessivo, ou seja, se são indiferentemente afetadas pela presença ou ausência de marca formal de plural no elemento da primeira posição.

Para trata dessa questão, a pesquisadora utiliza percentuais que relacionam marcas precedentes, posição e classe gramatical, conforme a Tabela 21 abaixo.

Tabela 21- Marcas precedentes, segunda posição e classe gramatical referente aos dados dos adultos

CLASSE GRAMATICAL	MARCAS					
	Zero		S_		Numeral	
	N/Total	%	N/Total	%	N/Total	%
substantivo	21/21	100	1806/3482	52	884/1524	58
categoria substantivada	1/1	100	57/87	66	2/5	40
pronome pessoal	-----	-----	27/33	82	-----	-----
adjetivo	7/7	100	119/157	76	-----	-----
quantificador	-----	-----	3/7	43	-----	-----
possessivo	75/75	100	55/60	92	-----	-----
adjetivo 2	-----	-----	21/27	78	-----	-----
indefinido	-----	-----	41/44	94	-----	-----
artigo e demonstrativo	-----	-----	75/75	100	-----	-----

Com esses resultados, a constatação da autora é a de que as classes têm comportamentos distintos na segunda posição. Os substantivos em segunda posição antecidos por zero apresentam 100% de aplicação a regra; quando precedidos por *-s* ou numeral, diminuem o percentual, 52% e 58% respectivamente. Os adjetivos também aparecem mais marcados quando antecidos por zero (100%) do que quando precedidos por marca (76%). No único caso de categoria substantivada antecida por zero, houve marca de plural. Nas situações em que precede uma marca seu percentual foi de 66%. O possessivo, conforme já comentado, é altamente favorecedor no que se refere à presença de marca, pois, tanto quando precedido por zero como quando precedido por uma marca, o percentual apresentado é bastante alto. As demais categorias não apresentam dados em contextos de zero na primeira posição, impossibilitando, assim, observar os seus comportamentos referentes à presença de marca na primeira posição. A nosso ver esses resultados colocam em dúvida novamente o efeito do paralelismo formal, já que algumas classes, conforme a Tabela 21, apresentam categoricamente o morfema *-s* mesmo sendo antecida pela ausência do mesmo.

Diante desses resultados, Scherre destaca a importância de se considerar as três variáveis – classe gramatical, posição e marcas precedentes – inter-relacionadas a fim de fornecer uma visão adequada sobre o efeito dessas três variáveis no fenômeno de concordância nominal de número. Assim sendo, a pesquisadora passa a trabalhar com uma análise que considera os fatores das três variáveis conjuntamente, em uma abordagem que explora a distribuição das classes não nucleares ao redor do núcleo e a posição ocupada pelas nucleares no sintagma.

Após vários arranjos analíticos, a autora estabelece uma variável denominada Relação entre os elementos no SN, cujos resultados encontram-se na Tabela 22.

Tabela 22- Relação entre os elementos do SN nos dados dos adultos

FATORES	N/Total	%	Peso
subst. na 1ª pos.	153/161	95	0,66
subst. na 2ª pos.	2756/5176	53	0,23
subst. na 3ª pos	317/514	62	0,38
cat. subst. na 2ª pos.	59/92	64	0,33
cat. subst. na 3ª pos.	16/23	70	0,49
pronome pessoal na 1ª pos.	12/12	100	-----
pronome pessoal na 2ª pos.	27/33	82	0,72
classe não nuclear anteposta	4291/4406	97	0,87
classe não nuclear posposta	242/565	43	0,25

Fonte: SCHERRE, 1988, p. 221

A tabela revela que nas categorias não nucleares o favorecimento de marcas ocorre quando antepostas ao núcleo (0,87). As classes não nucleares pospostas têm um peso baixo em relação à aplicação da regra (0,25). Sobre as categorias nucleares, a presença da marca ocorre em função da posição que ocupam. Os substantivos de 1ª (0,66) e 3ª (0,38) posições são mais marcados do que os de 2ª (0,23). As categorias substantivadas obedecem o mesmo padrão. Ou seja, a 3ª (0,49) é mais marcada do que a 2ª (0,23). Os pronomes pessoais, por sua vez, apresentam mais marcas na 1ª do que na 2ª posição. Com isto, Scherre (cf. p. 222) generaliza:

Qualquer classe gramatical anteposta ou qualquer classe gramatical posposta ao núcleo do SN apresenta, respectivamente, mais ou menos chances de conter marcas formais de plural. A simples afirmação de que a primeira posição do SN é a mais marcada também não é, portanto, adequada. O elemento nominal não nuclear pode estar até na terceira posição, mas, se estiver anteposto ao núcleo, apresenta também mais chances de ser marcado do que o posposto.

Para explicar esse comportamento, a hipótese utilizada por Scherre é a da coesão sintagmática. A autora observa que, nos seus dados, as posições posteriores ao núcleo do sintagma nominal são as únicas que aceitam a inserção de constituintes modificadores. Desse modo, a pesquisadora afirma que essa posição posterior ao núcleo tem uma relação sintagmática pouco coesa, ocasionando, assim, o baixo número de marcas nos elementos. De

modo contrário, os itens que antecedem o núcleo apresentam uma forte coesão sintagmática, por não permitirem a inserção dos constituintes modificadores, sendo a presença do -s o índice de uma relação sintagmática muito forte. Essa hipótese serve também, na visão de Scherre, para explicar porque a terceira posição apresenta mais marcas do que a segunda. Segundo a autora (cf. p. 225):

O substantivo e a categoria substantivada que ocorrem na segunda posição pertencem, por sua vez, a dois tipos de estrutura sintagmática: (1) uma constituída de dois elementos em que a questão da coesão, a nosso ver, não se coloca e (2) outra constituída de [numeral + substantivo + adjetivo], ou seja, do tipo considerado como menos coesivo.

A autora propõe ainda algumas análises, mas os resultados em nada modificam as afirmações já postas sobre a relação dos elementos nucleares e não nucleares no interior do sintagma nominal.

A esse respeito, não pudemos empreender em nossos dados uma análise tal como proposta por Scherre; todavia, gostaríamos de refletir sobre a categorização proposta pela autora. Segundo Scherre, enquadram-se como categorias nucleares os substantivos, categorias substantivas e pronome pessoal de terceira pessoa; o restante das categorias são agrupadas como não nucleares. Levantamos a hipótese de que tal categorização seja um tanto quanto generalizante, principalmente no que diz respeito às classes não nucleares. Para ilustrar, citamos como exemplo o caso do quantificador *todos* agrupado com as demais classes, a despeito de seu comportamento sintático distinto. Conforme Perini (1998), esse elemento possui uma liberdade de movimentação, aparecendo tanto à esquerda do núcleo, como *todos os crocodilos gostam de frango*, como à direita, tal como *os crocodilos todos gostam de frango*. Nesse sentido, tomando por base o exemplo do quantificador *todos*, acreditamos que outras motivações estruturais, além da localização à esquerda ou a direita do núcleo, estejam envolvidas na retenção da marca de número nos itens sintagmáticos. Por isso, parece-nos que

um tratamento diferenciado das categorias gramaticais, considerando suas restrições sintáticas, merece ser levado em conta, juntamente com a sua distribuição ao redor do núcleo, tal como proposto por Scherre, para uma descrição mais acurada sobre as motivações estruturais da marcação do plural na fala.

No que se refere à variável marcas precedentes, o pacote de programas VARBRUL não a selecionou em nossa análise. A codificação da variável procedeu-se de modo semelhante à de Scherre, mas acrescentamos alguns fatores para dar conta de casos que a amostra disponibilizava. Apresentamos na Tabela 23 abaixo os percentuais obtidos por nós.

Tabela 23- Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável marcas precedentes em todos os dados infantis

Marcas precedentes	Posição analisada	N/Total	%
1) ausência	1	388/403	96
2) zero	2	14/15	93
3) Sprep +S+_____	-----	0/2	0
4) Sprep +0+_____	-----	0/2	0
5) Sprep +_____	-----	5/52	10
6) numeral com S +_____	2	15/77	19
7) numeral sem S +_____	2	2/4	50
8) -S +_____	2	68/369	18
9) SS(S) +_____	3 e 4	0/4	0
10) (X)S +_____	3, 4,5	4/33	12
11) (X)0 +_____	3,4,5	2/23	9

Do mesmo modo, retomamos a descrição dos fatores. O fator 1, denominado “ausência”, analisa a primeira posição do sintagma, considerando ausência de marca anterior. O alto percentual (96%) indica o favorecimento da ocorrência de marca nessa posição. Outra constatação semelhante diz respeito ao fator 2, denominado “zero”, que analisa a segunda posição, considerando ausência de marca no primeiro elemento. Estão aí os casos de possessivo explicitando um comportamento semelhante ao de Scherre. Ou seja, um alto percentual (93%) de marcas na segunda posição, comportamento esse já interpretado. O fator 7 analisa a segunda posição, considerando uma marca antes; nesse caso, o percentual foi de

18%. A segunda posição com numeral antes foi dividida nos que terminam em -s e os que não terminam.

De modo contrário, em nossa amostra, o numeral não exerce uma forte atuação quanto ao favorecimento da marca de número no nominal que o acompanha. O percentual obtido (50%) nos numerais cuja terminação é em -s não nos autoriza a apontar alguma influência, pois refere-se a duas ocorrências de um total de quatro. O fator 8, que engloba os casos de SNs de dois elementos, apresenta um baixo percentual de marcas na segunda posição (18%), fixando-se essa preferencialmente na primeira posição. O fator 9, que se refere às 3ª e 4ª posições com duas ou mais marcas antes, não aponta a atuação do paralelismo formal, embora o número de ocorrências seja insuficiente para tecer uma generalização sobre esse efeito. São ao todo quatro ocorrências em que as 3ª e 4ª posições apresentaram-se sem marca de número, mesmo com duas ou três marcas precedentes. O mesmo comportamento é observado no fator 10, que analisa as 3ª e 4ª posições com apenas uma marca antes; dos 33 casos, somente quatro apresentam marcas nessa posição (12%). Os casos de Spreps, que na análise de Scherre corroboraram o efeito do paralelismo formal, não confirmaram essa influência nos nossos dados. Quanto ao fator 3, contexto favorecedor de marca nos dados de Scherre (Sprep + -s + _____), nas duas ocorrências, o item analisado apresentou-se sem marca. O mesmo comportamento foi observado na estrutura do tipo (Sprep + 0 + _____), com dois casos sem marca. Tal comportamento estende-se para o fator 5 (Sprep + ___), com apenas 10% de situações de concordância padrão. Em outras palavras, os Spreps, que na análise de Scherre serviram como um índice de atuação do efeito das marcas precedentes, não evidenciou o mesmo comportamento em nossa análise; contudo, os pouquíssimos casos disponíveis não nos permitem uma base segura para desconfirmar o efeito asseverado pela autora em questão.

Para tentar resultados mais consistentes sobre o efeito das marcas precedentes reconfiguramos a variável. A Tabela 24 apresenta o percentual de marcas de plural nas posições 3 e 4, considerando presença e ausência de marcas precedentes. Mesmo reagrupando os fatores, essa variável continuou não sendo selecionada. Assim, optamos por testar as diferenças percentuais através do qui-quadrado.

Tabela 24- Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável marcas precedentes em todos os dados infantis

Marcas precedentes	Posição analisada	N/Total	%
(x) -s+ _____	3,4	4/33	12
(x) 0 + _____	3,4	2/23	9

$$\chi^2_{\text{calc.}} = 0,165 < \chi^2_{\text{tab } 0,05} = 3,841$$

Como podemos observar, a diferença estatística apresentada não é significativa, indicando que a presença ou ausência da marca influencia do mesmo modo a posição analisada, no que se refere à presença do -s. Entretanto, o percentual indica uma prevalência de marcas nas posições analisadas quando essas são precedidas por -s anterior (12%). Acrescentamos também que além dos poucos dados, nossa amostra não é adequada para testar o efeito das marcas precedentes, pois Scherre procede essa análise em SNs de mais de dois elementos, casos esses de pouca ocorrência. No entanto, alguns comportamentos evidenciaram-se praticamente categóricos, replicando os achados de Scherre, no que se refere ao favorecimento da marca na primeira posição e ao alto índice de marca nos possessivos aglutinados com os artigos, aumentando a presença de -s na segunda posição.

4.5 Grau do item lexical singular

O nosso objetivo com a variável grau do item lexical singular é averiguar se existe um comportamento diferenciado quanto à presença do morfema indicador de plural *-s* em itens flexionados em grau. Essa variável é examinada por Scherre, que se ocupa também em investigar aspectos estilísticos e semânticos. Como já dissemos, desconsideramos essas variáveis, devido a dois motivos. A variável semântica, que controla o aspecto animacidade, foi desconsiderada por nós por não refletir resultados probabilísticos fortes conforme palavras da própria autora. Vale salientar, todavia, que o traço [+humano] favorece a presença de marcas com peso de 0,54 em oposição ao [- humano] que a desfavorece (0,46). A variável estilística, que classifica os substantivos em formal e informal, não foi utilizada por nós, pois não encontramos critérios satisfatórios para tal categorização na fala infantil, conforme já mencionamos.

A análise de Scherre sobre o grau dos itens lexicais recai sobre os substantivos e adjetivos separadamente. Os resultados para os substantivos encontram-se na Tabela 25.

Tabela 25- Grau dos substantivos nos dados de falantes adultos

Grau	N/Total	%	Peso
diminutivo/aumentativo	63/157	40	0,40
normal	3219/5753	56	0,60

Fonte: SCHERRE, 1988, p. 274

A autora agrupa os casos de diminutivo e aumentativo devido à pouca ocorrência. A tabela aponta que itens flexionados em grau são desfavorecedores da presença da marca de número. Segundo a autora, a explicação para esse resultado também reflete aspectos relacionados à informalidade, já que na língua falada a flexão em grau é um recurso utilizado

para expressar desprezo, ironia, carinho, etc. Assim, os resultados são condizentes com aqueles da variável formalidade. No que se refere aos adjetivos, a pesquisadora os classifica quanto ao grau e à formalidade, estando os resultados na Tabela 26.

Tabela 26 - Grau e formalidade dos adjetivos nos dados dos falantes adultos

	N/Total	%	Peso
dimin./aument. informal	7/35	20	0,37
normal não informal	290/481	60	0,63

Fonte: SCHERRE, 1988, p. 276

Os resultados dos adjetivos vai na mesma direção dos substantivos. Ou seja, a flexão no diminutivo e no aumentativo desfavorecem a presença da marca de número. De nossa parte, categorizamos os dados conforme se apresentam na Tabela 27 abaixo.

Tabela 27- Distribuição de itens com marca formal de plural considerando a variável grau em todos os dados infantis

	N/Total	%
subst. e adj. normais	81/478	17
substantivo diminutivo	12/74	16

$$\chi^2_{\text{calc.}} = 0,0215 < \chi^2_{\text{tab } 0,05} = 3,841$$

Inicialmente, classificamos os substantivos e adjetivos separadamente; no entanto, chegamos a essa configuração devido aos poucos dados flexionados em grau disponíveis na amostra. Antes de comentar a tabela, apresentaremos os fatores excluídos. Os substantivos flexionados no grau aumentativo foram três ao todo, sendo todos sem marca de plural. Os adjetivos diminutivos correspondem a dois casos sem marca de número. Esses resultados analisados, conjuntamente com o percentual de marcas nos substantivos diminutivos (16%), sinalizam que a flexão é desfavorecedora da presença da marca de número. Assim sendo, mesmo sem significância estatística, nossos dados apontam para um comportamento semelhante ao encontrado na fala adulta, na variável em questão. A próxima parte da análise

ocupa-se em descrever a atuação das variáveis externas ao sistema lingüístico sobre o fenômeno da concordância nominal de número na fala infantil.

5 CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA FALA INFANTIL – ANÁLISE NÃO ATOMÍSTICA

Nesta parte do trabalho, nossa proposta é averiguar a produção de SNs plurais padrão e não-padrão, na fala infantil, nos termos estipulados pela norma gramatical, levando em consideração a atuação das variáveis extralingüísticas. Neste momento, nossa unidade analítica é o sintagma nominal como um todo. A denominação de SN plural padrão é utilizada para indicar a presença morfológica de plural em todos os elementos flexionáveis do sintagma, estabelecendo, assim, a aplicação da regra; a ausência de flexão em qualquer item caracteriza a não aplicação, constituindo, desse modo, um SN plural não-padrão. Salientamos, novamente, que, conforme descrito no capítulo de metodologia, não contemplamos as mesmas variáveis que Scherre (1988) estipulou para a análise não atomística, devido aos motivos também já explicitados. Vale retomar que as variáveis consideradas nesta parte da análise são:

- Sexo: masculino e feminino;
- Faixa etária: 4 anos, 5 anos, 6 anos, 7 anos e 8 anos;
- Contexto discursivo: entrevista pessoal (adulto-criança), relato baseado em gravuras, reconto de narrativa, interação criança-criança;
- Audiência: criança como interlocutor, adulto como interlocutor;
- Tipo de escola : pública e privada;
- Escolarização: criança em idade pré-escolar (4, 5, 6 anos) e em idade escolar (7 e 8 anos).

Destacamos, também, conforme já mencionado, que optamos por apresentar os resultados obtidos na análise atomística, relativos a esse grupo de variáveis, na análise não atomística, a fim de evitarmos redundâncias, já que os resultados se equiparam proporcionalmente.

Assim sendo, esta seção não se presta à comparação com os resultados apontados por Scherre (1988), pois não centramos a análise nos mesmos aspectos contemplados pela autora.

Para obtenção dos resultados, utilizamos como ferramenta estatística, assim como na análise atomística, o pacote de programas VARBRUL. Entretanto, nenhuma variável foi selecionada e acreditamos que isso seja consequência direta da constituição da nossa amostra. Conforme já mencionado no capítulo de metodologia, o conjunto de dados utilizados por nós resulta do agrupamento de quatro coletas desenhadas para fins investigativos distintos. Assim sendo, nossos resultados deixam muitas questões em aberto, pois não oferecem uma base adequada sobre a qual se possa tecer generalizações acerca do comportamento verbal infantil, no que se refere ao uso da concordância de número. Limitamo-nos, dessa forma, a uma descrição cujo objetivo é apontar a atuação de alguns fatores sobre o uso da regra variável aqui estudada na fala infantil, propondo indagações que possam ser melhor desenvolvidas em trabalhos futuros.

A distribuição geral dos dados configura-se do seguinte modo: dos 537 SNs plurais, 16% (84/537) são de SNs plurais padrão e 84% (453/537) são de SNs plurais não-padrão. Isso significa que a fala das crianças aqui estudadas caracteriza-se, predominantemente, pelo uso de SNs plurais não-padrão. Não temos, para fins comparativos, um resultado geral para o fenômeno no que se refere à fala adulta, mas dispomos do trabalho de Capellari e Zilles (2002) sobre o mesmo assunto em uma análise longitudinal da fala de uma menina de Porto Alegre, assim como de análises prévias da amostra longitudinal do

banco de dados DELICRI. Passamos, então, aos resultados obtidos no grupo de variáveis estipuladas para esse momento da análise.

5.1 Sexo

Com relação à variável sexo, queremos observar se o comportamento verbal de meninos e meninas difere quanto ao uso da variante padrão. Em linhas gerais, a literatura variacionista observa que na fala adulta há uma tendência de as mulheres se aproximarem mais das formas de prestígio do que os homens, resguardadas as exceções descritas por Labov (2001b). Conforme o autor, uma das hipóteses explicativas para esse comportamento é que as mulheres relacionam a linguagem à mobilidade social (cf. Labov 2001b). Dessa maneira, ao controlarmos essa variável, nosso objetivo é observar se essa característica feminina é observada também na infância. A Tabela 28 apresenta a distribuição encontrada por nós.

Tabela 28 – Distribuição de SNs plurais padrão em todos os dados infantis considerando a variável sexo na análise não atomística

	N/Total	%
masculino	53/293	18
feminino	31/244	13

$$\chi^2_{\text{calc.}} = 2,90 < \chi^2_{\text{tab } 0,05} = 3,841$$

Embora as diferenças encontradas não tenham significância estatística, é interessante notar que os percentuais sugerem um comportamento diferenciado, indicando um maior uso de concordância padrão entre os meninos. Além do mais, essa foi a única variável desse grupo de variáveis selecionada pelo VARBRUL na análise atomística, como se pode perceber pela Tabela 29 abaixo.

Tabela 29 – Distribuição da produção oral de itens com marca formal de plural considerando a variável sexo em todos os dados infantis na análise atomística.

	N/Total	%	Peso
masculino	270/535	50	0,55
feminino	228/449	51	0,44

Como podemos observar, na análise atomística, o peso relativo para presença de marca nos nominais é de 0,55 para os meninos e 0,44 para as meninas. Desse modo, o resultado não reflete a tendência apontada nos trabalhos variacionistas, já que, em nossa amostra, os meninos são os que mais se aproximam do padrão. Como uma possível interpretação para esse resultado, retomamos a pesquisa de Andersen (1990), que investiga as habilidades sociolingüísticas de crianças pequenas.

No experimento desenvolvido pela pesquisadora, um dos contextos de elicitación de dados, consistia em uma situação familiar. As crianças eram estimuladas a representarem os papéis de pai, mãe e filho. Entre outros recursos, a manipulação de estruturas lingüísticas foi um dos aspectos utilizados para diferenciar os papéis representados. De um modo geral, a fala da mãe e do pai caracterizou-se pelo uso de diretivos. Para caracterizar o papel de criança, a fala dos informantes era marcada com omissões de preposições, artigos, verbo auxiliar e o uso da marca de possessivo em lugares inadequados. Outro aspecto observado pela autora é que a preferência dos meninos era por desempenhar os papéis de maior *status*, enquanto que as meninas se dispuseram a desempenhar todos. Embora a pesquisa não quantifique os dados em termos de produção padrão ou não-padrão, podemos inferir que a fala da menina tenha mais variantes não-padrão do que os meninos, já que essas desempenharam mais o papel do personagem criança do que eles.

De modo particular, uma das coletas utilizadas por nós, interação criança-criança, caracteriza-se pela preferência das crianças em brincar de “casinha”. Ou seja, elas simulam uma situação familiar com os brinquedos disponíveis, interpretando os papéis de pai, mãe e filho, semelhante ao experimento acima descrito. Se considerarmos, do mesmo modo, que na

nossa análise as meninas também são as que mais interpretam a fala das crianças pequenas, o maior uso de concordância não-padrão utilizada por elas estaria inflacionado pela representação desse papel. Embora não tenhamos controlado esse aspecto na nossa amostra, é interessante observar alguns exemplos em que o uso da concordância padrão parece servir como um mecanismo usado pelas crianças para caracterizar os papéis desempenhados.

Exemplo 1

Menino : *Tia, posso fazer de conta que isso daqui é um chapéu de xerife?*

Entrevistadora : *Uhm-hum.*

Menina: *Ah, não!*

Menino: *Eu vô! Cadê OS INIMIGOS?*

Exemplo 2

Menino: *Esse é o carro do Arnold Schwarzeneger. Ele vai aqui em cima...
Cheguei, SEUS IDIOTAS !(faz ruídos de tiro e luta)*

Exemplo 3

Menino: *MEUS VINHOS. Tem até vinho na minha casa.*

Exemplo 4

Menina: *Aaai, eu to fazendo uma liinda piscina para AS CRIANÇAS brincarem.*

Exemplo 5

Menina: *Ah, vamo que tá na hora do lanche. Primeiro vai OS MENORES ...*

Todos os exemplos foram retirados da coleta denominada interação criança-criança, em que elas brincavam juntas com alguns brinquedos. Podemos perceber pelos exemplos que se trata de uma representação da fala adulta; conforme já dito, a brincadeira mais recorrente entre as crianças era de “casinha”, em que simulam uma situação familiar. No exemplo 3, o menino está descrevendo a casa em que ele e a menina, no caso sua “esposa”, moram. No exemplo 4, a menina, representando o papel de mãe, enfatiza sua fala autoritária, usando, inclusive, uma alteração vocálica (“creanças”). Além dos papéis de pai e mãe, temos no exemplo 5, uma situação em que a menina está brincando de professora. Já nos exemplos 1 e 2, os meninos representam papéis de super-heróis. Assim, nossa amostra não permite estabelecer diferenciações quanto o uso da concordância nominal de número entre os gêneros, mas possibilita visualizar, assim como Andersen (1990), que as crianças manipulam a variação estilística para caracterizar hierarquia social.

Outra hipótese explicativa para as diferenças entre os gêneros apontadas pela nossa investigação recai sobre o trabalho de Roberts (1997). Nesse estudo, em que a investigadora examina o apagamento *-t* e *-d* na fala de crianças adquirindo o dialeto da Filadélfia, os resultados apontam um uso mais acentuado de cancelamento entre as meninas do que entre os meninos, destoando dos resultados obtidos na fala adulta, que caracterizam esse fenômeno como uma variação estável, em que as mulheres se aproximam mais do padrão do que os homens. Como explicação, a autora sugere que por se tratar de crianças de 3 e 4 anos, aspectos relacionados a prestígio e estigma ainda não estariam presentes na fala. Nesse sentido, o fenômeno em questão, na fala infantil, é tratado como uma variação do tipo *change from below*, que se caracteriza, justamente, pela ausência de pressões sociais, situação essa em que as mulheres lideram no uso de variantes inovadoras.

No entanto, na amostra longitudinal do banco de dados DELICRI, em que o fenômeno da concordância nominal de número também é investigado, as discrepâncias de

gênero não correspondem às encontrada em nossa amostra. Nesses dados, o índice de concordância padrão é significativamente maior entre as meninas do que entre os meninos, sendo os percentuais gerais de concordância padrão de 60,3% para as meninas e 43,4% para os meninos (cf. Simões 2003 e 2004). As motivações de tal disparidade não foram investigadas, mas é interessante notar que nessa amostra específica o comportamento das meninas correlaciona-se ao apontado pelos trabalhos variacionistas, no sentido de identificar um uso mais acentuado de formas de prestígio entre as participantes do sexo feminino.

Verifica-se, portanto, que muitas indagações em torno da categoria sexo permanecem em aberto, pois a natureza da nossa amostra não permite uma discussão mais qualificada no que diz respeito às correlações entre essa categoria e o uso de formas prestigiadas na produção oral infantil, tal como a pesquisa sociolingüística tem demonstrado na fala adulta.

5.2 Faixa etária

Com essa variável, pretendemos averiguar se existe uma diferenciação quanto ao uso da regra variável, no sentido de observar um comportamento lingüístico diferenciado entre as faixas etárias consideradas. No trabalho de Capellari e Zilles (2002), observa-se que, nas entrevistas das idades iniciais, não há a produção de SNs plurais padrão. A primeira produção aparece somente a partir dos 5 anos e 9 meses. No entanto, não podemos inferir com isso que a criança não faça uso da concordância nominal de número antes dessa idade. A questão que se coloca é quando e como ela começa a fazer uso dessa regra, já que a variação está presente no *input*. Conforme já mencionado, a distribuição geral da concordância padrão

na fala da criança analisada foi de 39,68%; coerente com o que se tem observado entre falantes adultos. Todavia, tal percentual contrasta com o encontrado por Soares (2003) no qual o índice de concordância padrão registrado na fala espontânea de um menino da mesma faixa etária foi de 89,7%. Cumpre ainda lembrar o comportamento lingüístico de marcar o plural apenas no núcleo do sintagma, identificado por Simões (2003, 2004) e Lopes (2003) nos estágios iniciais do processo aquisicional.

Contudo, salientamos que, neste trabalho, não constitui nosso foco de interesse questões relacionadas à emergência do fenômeno na fala infantil, já que nossa amostra não foi elaborada para esse fim. Como dito inicialmente nesta seção, nosso objetivo é investigar se existe diferenciação entre as faixas etárias relativo ao uso da regra variável, haja vista os resultados discrepantes acima mencionados. Assim, no que se refere às diferenças entre as faixas etárias, os resultados obtidos por nós encontram-se na Tabela 30 abaixo.

Tabela 30 – Distribuição de SNs plurais padrão em todos os dados infantis considerando a variável faixa etária na análise não atomística

	N/Total	%
4 anos	12/82	15
5 anos	36/203	18
6 anos	19/143	13
7 anos	5/37	14
8 anos	12/72	17

$$\chi^2_{\text{calc.}} = 1,499 < \chi^2_{\text{tab } 0,05} = 9,488$$

Como podemos constatar, não existe uma diferença significativa entre os grupos etários. Além disso, não observamos nos percentuais uma relação entre concordância padrão e faixa etária, no sentido de estipular uma diferenciação quanto à produção de concordância padrão entre crianças mais novas e mais velhas. No que se refere à análise atomística, os resultados encontram-se na Tabela 31 que segue.

Tabela 31 – Distribuição da produção oral de itens com marca formal de plural considerando a variável faixa etária em todos os dados infantis na análise atomística

	N/Total	%
4 anos	79/153	52
5 anos	184/367	50
6 anos	138/268	51
7 anos	33/68	49
8 anos	64/128	50

$$\chi^2_{\text{calc.}} = 0,313 < \chi^2_{\text{tab } 0,05} = 9,488$$

Do mesmo modo, não observamos na análise atomística nenhum graduação que possa sugerir diferenciação lingüística entre as faixas etárias das crianças consideradas nesta análise. Esses resultados, sugerem, portanto, que o comportamento verbal das crianças, pelo menos dos 4 aos 8 anos, é igual. Entretanto, cabe salientar que na amostra longitudinal tal diferença é percebida, como se pode observar pelo índice de concordância padrão entre as crianças em idade pré-escolar (44,3%) e as da primeira série em diante (57%). Evidentemente que tais resultados podem estar relacionados ao ingresso formal na escola, donde se pressupõe um envolvimento mais sistemático com a língua escrita, devido ao comprometimento com a alfabetização, não evidenciando, dessa forma, uma relação direta com a faixa etária. Dessa forma, para obtermos resultados mais consistentes resolvemos, também, dividir as crianças em dois grupos: i) crianças em idade pré-escolar – 4, 5 6 anos e ii) crianças em idade escolar – 7 e 8 a fim de verificar uma possível diferenciação entre os dois grupos, bem como avaliar o efeito que o ingresso ao ensino formal exerce sobre a produção da concordância de número padrão na fala infantil. Os resultados são discutidos na seção a seguir.

5.3 Escolarização

Nossa hipótese inicial é que nas faixas etárias de crianças mais velhas o uso da variante padrão de concordância nominal de número seja mais acentuado devido, sobretudo, ao contato com a língua escrita, pois essas já se encontram formalmente engajadas no processo de alfabetização. Os percentuais obtidos encontram-se na Tabela 32.

Tabela 32 – Distribuição de SNs plurais padrão em todos os dados infantis considerando a variável escolarização na análise não atomística

	N/Total	%
pré-escolar	67/428	16
escolar	17/109	16

Conforme se observa, os percentuais não apontam diferenças entre os dois grupos, dispensando, até mesmo, o teste do qui-quadrado, divergindo categoricamente, dos resultados parciais obtidos na amostra longitudinal.

Os resultados encontrados na análise atomística também divergem de nossa expectativa inicial, conforme se pode observar pelos os percentuais apresentados na Tabela 33.

Tabela 33 – Distribuição da produção oral de itens com marca formal de plural considerando a variável escolarização em todos os dados infantis na análise atomística

	N/Total	%
pré-escolar	401/788	51
escolar	97/196	49

$$\chi^2_{\text{calc.}} = 0,114 < \chi^2_{\text{tab } 0,05} = 3,841$$

Vale lembrar que na amostra longitudinal, conforme percentuais apresentados na página 123, percebemos um incremento significativo quanto ao uso da concordância padrão

entre as crianças após o ingresso à primeira série, nos instigando a pensar em uma correlação com o contato com a língua escrita, fato esse não constatado em nossa amostra.

É interessante notar ainda que a amostra longitudinal constitui-se exclusivamente de crianças da rede privada de ensino; a nossa, por sua vez, é formada tanto por crianças de instituições privadas quanto públicas. Para examinar possíveis diferenciações quanto a esse aspecto, submetemos os nossos dados a essa estratificação, a ser discutida na próxima seção.

5.4 Tipo de escola

Com essa variável procuramos investigar se há distinções quanto ao índice de concordância padrão em crianças de instituições públicas e particulares. Como já dissemos, na nossa amostra não há estratificação quanto à categoria social. De todo modo, a variável em questão permite uma certa categorização, já que, teoricamente, os alunos de escolas privadas pertencem a uma camada social de maior poder aquisitivo. Os resultados encontram-se na Tabela 34.

Tabela 34- Distribuição de SNs plurais padrão em todos os dados infantis considerando a variável tipo de escola na análise não atomística

	N/Total	%
escola pública	54/381	14
escola privada	30/156	19

$$\chi^2 \text{ calc.} = 2,134 < \chi^2 \text{ tab. } 0,05 = 3,841$$

Embora sem significância estatística, é interessante notar que a diferença percentual, sinaliza para um maior índice de concordância padrão entre os alunos de instituições de ensino privadas, sugerindo, dessa forma, um uso mais acentuado da forma

padrão prestigiada entre as crianças de maior poder econômico. De modo semelhante, os resultados para essa variável na análise atomística apontam a mesma tendência.

Tabela 35- Distribuição da produção oral de itens com marca formal de plural considerando a variável tipo de escola em todos os dados infantis na análise atomística

	N/Total	%
escola pública	347/697	50
escola privada	151/287	53

$$\chi^2 \text{ calc.} = 0,649 < \chi^2 \text{ tab. } 0,05 = 3,841$$

Parece-nos, portanto, que a variável em questão sinaliza para uma estratificação social, sugerindo um maior uso de concordância nominal de número entre os alunos de escolas privadas. Todavia, enfatizamos que tal especulação merece ser melhor qualificada, em uma amostra controlada em termos de estratificação social, considerando fatores como escolarização e atuação profissional dos pais. É relevante, também, considerar que as diferenças encontradas podem ter origem nas diferentes metodologias de ensino empregadas pelas instituições escolares, aspecto esse não controlado em nenhuma das amostras. Além disso, cumpre enfatizar mais uma vez a acentuada diferença entre os percentuais aqui obtidos e os percentuais relativos à coleta longitudinal do banco de dados DELICRI (Simões, 2003, 2004).

5.5 Contexto Discursivo

Outra questão a ser perseguida nesta pesquisa diz respeito à produção oral infantil da concordância nominal de número em diferentes contextos discursivos. Assim, elaboramos a variável em questão, de acordo com as situações disponibilizadas em cada uma das coletas

utilizadas por nós. Inicialmente, procedemos à distribuição dos dados de acordo com as seguintes situações: i) interação entre crianças, ii) entrevista pessoal entre adulto e criança; iii) relato baseado em gravuras e iv) reconto de narrativa. Entretanto, a fim de que o resultado não fosse tão fragmentado, já que poucos são os dados disponíveis, decidimos agrupar os fatores. Após vários testes, a melhor configuração resultou do agrupamento das coletas interação entre crianças e entrevista pessoal entre adulto e criança em um único fator, denominado “conversa”. As coletas reconto de narrativa e relato baseado em gravura foram amalgamadas no fator “narrativa”. Dessa forma, a variável permite testar a fala das crianças em dois contextos de produção oral, em que esperamos encontrar diferenças quanto à produção da concordância de número padrão.

Nossa expectativa é de que no contexto designado por “conversa” a produção de concordância padrão seja menor, pois são contextos em que a elicitación dos dados não seguiu nenhum roteiro específico. Na coleta chamada interação entre crianças, elas brincam e conversam sobre o que estão fazendo e na entrevista pessoal, o adulto fala com a criança sobre sua rotina infantil. Assim acreditamos que esse contexto caracteriza-se por ser menos formal, favorecendo o uso da concordância não-padrão. Fazemos aqui um parênteses para acrescentar que talvez o termo “conversa”, tomado aqui de modo generalizante, não seja muito apropriado, pois de acordo com Goffman (1998:15):

A conversa é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social.

Assim, o termo mais apropriado para designar a situação em que o adulto é o interlocutor seja entrevista, já que as crianças muitas vezes apenas respondem às perguntas feitas por eles. Todavia, continuaremos a utilizar o termo “conversa” para distinguir os dois contextos discursivos envolvidos na análise.

No contexto denominado “narrativa”, englobamos os casos de reconto, em que a criança após ter escutado de um adulto uma história baseada em texto escrito, ela relata a história novamente para outra criança. Na outra situação, relato baseado em gravura, ela elabora uma narrativa de acordo com algumas figuras que lhes são apresentadas. Nesse contexto, então, em que estão presentes aspectos relacionados à língua escrita, esperamos que a produção da regra padrão seja maior. Os resultados estão na Tabela 36.

Tabela 36 – Distribuição de SNs plurais padrão em todos os dados infantis considerando a variável contexto discursivo na análise não atomística

	N/Total	%
conversa	64/425	15
narrativa	20/112	18

$$\chi^2_{\text{calc.}} = 0,528 < \chi^2_{\text{tab } 0,05} = 3,841$$

Constatamos, novamente, que a diferença apontada não é estatisticamente significativa. No entanto, julgamos interessante observar que o contexto em que mais ocorre marcação de número padrão é o que tem por base o texto escrito. Em Capellari e Zilles (2002) a investigação da produção de SNs plurais padrão na fala da criança considerando os contexto de relato pessoal e contando historinha apontam para um resultado semelhante ao encontrado por nós. Embora também sem significância estatística, os percentuais indicam que o contexto de maior uso de SNs plurais padrão é o que a criança conta historinhas, baseadas em livros infantis (21/42 - 50%), contrastando com o percentual obtido no contexto em que ela fala sobre sua rotina (29/84 - 34%). Podemos observar um resultado semelhante relativo à análise atomística, de acordo com a tabela 37 abaixo.

Tabela 37 – Distribuição da produção oral de itens com marca formal de plural considerando a variável contexto discursivo em todos os dados infantis na análise atomística

	N/Total	%
conversa	386/768	50
narrativa	112/216	52

$$\chi^2_{\text{calc.}} = 0,1692 < \chi^2_{\text{tab } 0,05} = 3,841$$

Assim como no uso de SNs plurais padrão, há um uso mais acentuado da marca de número no contexto de narrativa. Infelizmente, a diferença percentual não é estatisticamente significativa, impedindo-nos, dessa forma, de qualquer generalização acerca do efeito do contexto discursivo nos dados da amostra transversal analisada por nós. Todavia, na amostra longitudinal as discrepâncias são mais aparentes, conforme se pode observar na Tabela 38 que segue.

Tabela 38 – Distribuição de SNs plurais padrão na variável contexto discursivo na amostra longitudinal

	N/Total	%
Relato pessoal	136/308	44,1
Contando historinha	195/304	64,1

Fonte: SIMÕES, 2004

Na tabela, podemos perceber uma diferença significativa entre o uso da concordância de número padrão nos dois contextos situacionais considerados. Nesse sentido, com base na Tabela 38 e na tendência observada no restante dos dados, podemos supor, então, que a concordância nominal de número na fala infantil constitui um dos recursos utilizados para distinguir um estilo menos formal, utilizado nas situações de relato pessoal de um mais formal, usado nos contextos narrativos. Podemos inferir, portanto, que as diferenças apresentadas refletem uma situação de variação estilística na produção oral infantil. Contudo, não podemos deixar de testar, também, o efeito do interlocutor envolvido na interação, no caso uma criança ou um adulto, sobre o uso da concordância padrão. Tal atuação é discutida na próxima seção denominada Audiência.

5.6 Audiência

De acordo com Bell (2001), um importante aspecto a ser considerado na variação estilística é o que ele denominou de *audience design*. Assim, levantamos os percentuais da produção de SNs plurais padrão nas duas situações de conversa disponíveis na amostra. Como já dito, temos uma situação em que o interlocutor é outra criança e em outra, um adulto. Os resultados estão na Tabela 39 abaixo.

Tabela 39- Distribuição de SNs plurais padrão em todos os dados infantis considerando a variável audiência na análise não atomística

	N/Total	%
interação entre crianças	21/164	13
entrevista entre adulto e criança	43/261	16

$$\chi^2 \text{ calc.} = 1,059 < \chi^2 \text{ tab. } 0,05 = 3,841$$

Nessa variável também não temos uma significância estatística para atestar que as diferenças refletem um comportamento diferenciado. No entanto, julgamos interessante comentar que os percentuais sugerem o contrário. Na situação em que a criança conversa com um adulto, o índice de marcação padrão é de 16 % em contraste com os 13% na conversa com outra criança. Os percentuais obtidos na análise atomística são menos expressivos ainda no que diz respeito ao efeito dessa variável na amostra por nós analisada, conforme se pode constatar pela Tabela 40 abaixo.

Tabela 40- Distribuição da produção oral de itens com marca formal de plural considerando a variável audiência em todos os dados infantis na análise atomística

	N/Total	%
interação entre crianças	151/299	51
entrevista entre adulto e criança	235/469	50

$$\chi^2 \text{ calc.} = 0,01 < \chi^2 \text{ tab. } 0,05 = 3,841$$

Novamente os resultados não nos permitem estabelecer nenhuma generalização. De qualquer modo, acreditamos ser esse um importante aspecto a ser considerado nas investigações futuras acerca da variação estilística na fala infantil e, nesse sentido, os resultados obtidos por nós são apresentados em caráter exploratório.

Finalizamos, aqui, nossa análise, ressaltando, principalmente, a necessidade de aprofundamento de muitas questões suscitadas ao longo deste trabalho. Na última seção que segue, retomaremos os principais aspectos discutidos, bem como as considerações finais acerca da investigação desenvolvida.

6 CONCLUSÃO

A análise levada a termo neste trabalho ocupou-se em averiguar a concordância nominal de número na produção oral infantil. Em grande parte, desenvolvemos uma investigação tendo como parâmetro os resultados obtidos em trabalhos com o mesmo enfoque na fala adulta, sobretudo Scherre (1988), oportunizando, dessa forma, uma descrição comparativa do fenômeno com o que se observa nesse sistema. Devido às limitações da nossa amostra, também contrastamos nossos dados com descrições da fala infantil, a fim de fornecer uma base mais segura sobre o comportamento verbal das crianças, no que se refere ao foco analítico aqui proposto.

Nosso trabalho estruturou-se sob duas perspectivas. A primeira, denominada análise atomística, analisou a atuação de fatores internos e externos ao sistema lingüístico sobre a presença da marca morfológica de plural em cada constituinte sintagmático do SN. A segunda, denominada não atomística, focalizou a atuação dos fatores extralingüísticos sobre a realização da concordância de número, nos moldes prescritos pela gramática tradicional. Entre os vários aspectos observados, sintetizamos, a seguir, os que julgamos mais relevantes para a discussão desenvolvida no decorrer desta pesquisa.

No que se refere aos condicionamentos estruturais sobre a variação da marca de número na produção oral infantil, a variável processos morfofonológicos de formação do plural evidenciou que os itens regulares são desfavorecedores da flexão de número, convergindo para o que Scherre (1988) encontrou na fala dos adultos. Entretanto, os escassos casos não nos permitiram tecer qualquer generalização sobre o plural de itens não regulares. Pareceu-nos, importante, contudo, comentarmos o comportamento diferenciado demonstrado pelos itens terminados em *-r*.

Entre os elementos com plural irregular, os itens com terminação em *-r*, como *flor*, foram apontados pela análise estatística como os mais favorecedores para a presença da marca de número, com peso relativo de 0,93. Como uma possível explicação, cogitamos a hipótese de que esse resultado possa ser consequência da elicitación dos dados, já que percebemos a repetição de um mesmo item, especificamente o nominal *flor*, na fala das crianças. Foram, ao todo, 31 ocorrências, das quais 14 corresponderam à forma pluralizada. Ademais, verificamos que a natureza do experimento poderia suscitar na criança uma fala embasada na língua escrita, contribuindo, dessa forma, para o uso do nominal flexionado em número. Assim, acreditamos que o resultado encontrado não é adequado, suficientemente, para esclarecer a possível atuação do princípio da saliência fônica sob a formação do plural nos itens de plural não regular, mas é importante no sentido de sinalizar para a atuação do contexto discursivo sobre o uso da marca de número. Salientamos, também, que o comportamento observado poderia corresponder a uma fase específica de desenvolvimento fonológico das crianças captado na época da coleta.

A variável tonicidade, contrariamente ao evidenciado por Scherre, não revelou atuação sobre a presença da marca de número na fala infantil. Em nossa análise, a categoria que mais favoreceu a presença da marca foi a dos monossílabos átonos, com 96% dos casos flexionados. Julgamos, todavia, que tal resultado não tenha a ver propriamente com a categoria em si, mas com o fato de ela localizar-se, em grande medida, na primeira posição, conforme visto na literatura revisada.

A variável posição linear, assim como Scherre e outros trabalhos sobre o fenômeno têm revelado, evidenciou que a primeira posição é efetivamente a mais favorecedora da retenção da marca, com peso de 0,77. As outras posições mostraram-se desfavorecedoras, com probabilidades de 0,30 para segunda posição e 0,17 para terceira e quarta posições. Destacamos que não tivemos condições de empreender uma análise nos

moldes propostos por Scherre, que considera as relações entre elementos nucleares e não nucleares no SN, pois os nossos sintagmas são, em sua maioria, compostos por dois elementos, do tipo *determinante + nome*. Assim sendo, não pudemos investigar se a regra de concordância nominal opera no mesmo sentido do que o atestado por Scherre para falantes adultos. Em sua concepção, os nominais localizados à esquerda do núcleo são os que mais retêm a marca de número do que os posicionados à direita, devendo-se isso, sobretudo, à coesão sintagmática. Embora nossos dados não sejam adequados para averiguar tal postulado, sugerimos, no entanto, que um tratamento diferenciado das categorias sintagmáticas talvez pudesse oferecer uma descrição mais acurada dos condicionamentos estruturais envolvidos no uso da regra variável.

Com relação à variável classe gramatical, nossos dados apontam para a tendência atestada por Scherre. Isto é, qualquer classe quando em primeira posição é favorecedora da presença da marca de número. É interessante notar, ainda, o comportamento dos possessivos que, tal como observado pela referida autora, comportam-se como primeira posição, aglutinando-se com o artigo que os precede, em construções como *aminhas boneca*. Nesse sentido, consideramos válido questionar quais os processos envolvidos em tais construções, já que parecem ser recorrentes tanto na fala adulta quanto na infantil.

Não verificamos nos dados das crianças o efeito do paralelismo formal, que postula que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”, contrariamente ao afirmado por Scherre nos dados dos adultos. Entretanto, ressaltamos que nossa amostra não é suficientemente adequada para testar tal efeito, pois em Scherre tal variável foi averiguada somente em SNs com mais de dois elementos, sendo que os nossos SNs são, em larga medida, constituídos de dois elementos, como já mencionado. Também salientamos que não possuímos dados suficientes para negar essa tendência. Ademais, o registro da ocorrência *umas rosas muitos lindas* nos leva a cogitar a atuação do princípio aferido por Scherre.

Sobre a variável grau do item lexical, os resultados sinalizam para um comportamento semelhante ao observado entre os adultos, reiterando as considerações de Scherre no que diz respeito ao desfavorecimento da marca de plural em itens flexionados em grau.

Sobre a atuação dos fatores externos ao sistema lingüístico, a variável sexo revelou um comportamento diferenciado do encontrado por Scherre. Nos nossos dados, a maior incidência de marcas está nos dados dos meninos, sendo inclusive essa a única variável extralingüística selecionada na abordagem atomística. Na amostra longitudinal, entretanto, tal comportamento é observado entre as meninas, conforme levantamento percentual já realizado por Simões (2003, 2004).

No que se refere à variável faixa etária não há evidência estatística, em nossa amostra, que revele um comportamento verbal diferenciado entre as crianças dos grupos etários considerados. Entretanto, na amostra longitudinal, tal diferença é perceptível. Não se descarta, porém, uma sobreposição com o fator escolarização.

A variável escolarização, elaborada para testar o efeito da escola e o contato com a língua escrita sobre a produção oral da concordância padrão, não se delineou claramente em nossa análise, contrariando nossas expectativas. Não houve diferença no que se refere à produção da concordância padrão entre crianças em idade pré-escolar e escolarizadas, correspondendo em ambos os grupos ao índice de 16% de concordância padrão. Contudo, o mesmo não se refletiu entre as crianças da amostra longitudinal em que o ingresso à escola representou um incremento significativo no uso da regra padrão. Acreditamos que a discrepância entre os resultados deva-se, sobretudo, a heterogeneidade de nossa amostra que nos impossibilitou controlar certos aspectos, entre eles, a metodologia de ensino das escolas freqüentadas pelas crianças. Convém destacar que a escola freqüentada pelas crianças da amostra longitudinal é tradicionalmente conhecida na cidade pela sua ênfase em práticas de

letramento, o que, a nosso ver, deve ter contribuído para o alto índice de concordância padrão encontrado.

Sobre a variável contexto discursivo, não houve significância estatística entre os percentuais obtidos. No entanto, ao considerar as análises prévias da amostra longitudinal, tais discrepâncias são robustas, sugerindo uma situação de variação estilística. Nessa amostra, o índice de flexão padrão nos contextos narrativos foi da ordem de 64,1%, contrastando com os 44,1% empregados no relato pessoal. Esses resultados explicitam, portanto, a delimitação de dois estilos de fala. Um, supostamente menos formal, em que a criança revela o uso preferencial da regra variável para falar de seu cotidiano. Outro, hipoteticamente mais formal, com o uso mais expressivo da regra padrão de concordância. Tais dados, no entanto, ainda não foram analisados pelo pacote VARBRUL, ficando as comparações no aguardo de pesquisas futuras.

A variável audiência, elaborada para testar o papel do interlocutor sobre a variação estilística, não apresentou uma diferença que justificasse tal efeito nos dados analisados.

Por último, a variável tipo de escola, criada como uma tentativa de estratificação social, não apontou um comportamento diferenciado entre crianças de instituições privadas e públicas, como supúnhamos inicialmente.

Diante desses resultados gerais, portanto, podemos perceber que o fenômeno da concordância nominal de número também se caracteriza na fala infantil como uma regra variável. Contudo, é de extrema importância notar que os resultados acima arrolados assumem um caráter sugestivo, pois as limitações da nossa amostra nos impõem a uma interpretação cautelosa dos aspectos observados, impossibilitando qualquer generalização acabada sobre o comportamento verbal infantil para o fenômeno estudado. Conforme enfaticamente mencionado ao longo deste trabalho, a natureza heterogênea da nossa amostra nos impossibilitou uma exploração mais acurada de vários aspectos colocados em evidência.

Para encerrar, esperamos, com este trabalho, ter contribuído para a pesquisa sociolingüística, mesmo considerando o caráter incipiente de nossa investigação. Como comentário final, gostaríamos de chamar a atenção para a necessidade de elaboração de um banco de dados sociolingüisticamente controlado possibilitando, dessa forma, a continuidade dos estudos da fala infantil, nesse enquadre teórico, e o aprofundamento das questões aqui delineadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- ANDERSEN, E. *Speaking with style: the sociolinguistic skills of children*. New York: Routledge, 1990.
- BAGNO, M. (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BARBETTA, P. A. *Estatística aplicada às ciências sociais*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.
- BELL, A. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, P.e RICKFORD, J. (eds.) *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BRESCANCINI, C. R- A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. BISOL e BRESCANCINI (org.), Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BROWN, R. *A first language: the early stages*. London: George Allen & Unwin, 1973.
- CAMARA Jr. M. *Problemas de linguística descritiva*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- CAPELLARI, E. e ZILLES A. A marcação de plural na linguagem infantil: estudo longitudinal. In: *Revista da ABRALIN*, vol. 1, nº 1, 2002.

CERQUEIRA, C. Que faz uma criança com a marca de plural? um estudo da aquisição de concordância nominal no português. In: 1º CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 1994, *Anais...* Salvador, UFBA, 1994.

CHOMSKY, N. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Caminho, 1986.

ECKERT P. *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

FERENZ, K. e PRASADA, M. Singular or plural? Children's knowledge of the factors that determine the appropriate form of count nouns. In: *Journal child language*. n. 29, 2002.

FRANCHI, E. *E as crianças eram difíceis: a redação na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. e GARCEZ, P. (orgs.). *Sociolingüística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998.

GORDON, P. *The acquisition of syntactic categories: the case of the count/mass distinction*. 1982, mimeo.

GOODWIN, M. *He-said-she-said*. Bloomington: Indiana University, 1990.

GUIMARÃES, A. Desenvolvimento da linguagem da criança em fase de letramento. In: *Cadernos do Instituto de Letras da UFRGS*. n. 12, Porto Alegre, 1994.

_____. *Relatório: Projeto Desenvolvimento da Linguagem da Criança em Fase de Letramento*. Porto Alegre, 1995.mimeo.

GUY, G. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. 1981, 391p. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade da Pensilvânia, 1981.

_____. VARBRUL: análise avançada. In.: *Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS*. n. 1, 2ª ed. Porto Alegre, 1998.

HAZEN, K. The Family. In.: CHAMBERS, T e SCHILLING, E. *The Handbook of Language variation and change*. Cambridge : Blackwell, 2002.

HSIEH, L. e LEONARD, L. Some difference between English plural noun inflections and third singular verb inflections in the input: the contributions of frequency, sentence position, and duration. *Journal child language*. n. 26, 1999.

INGRAM, D. *First language acquisition: method, description and explanation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

KATO, M. A. (org.) *A concepção da escrita pela criança*. Campinas : Pontes, 1988.

_____. *No mundo da escrita*. 3ªed. São Paulo : Ática, 1990.

KLEIMAN, A. B. (org.). *Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo : Mercado das Letras, 1995.

KÖPCKE, K. The acquisition of plural marking in English and German revisited: schema versus rules. In.: *Journal child language*. n. 25, 1998.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York* 3ª ed. Washington : Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia : University of Pennsylvania, 1972.

_____. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P. *et al* (eds.) *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge : Cambridge University Press, 2001a.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. v. 2, Malden : Blacwell, 2001b.

LAMPRECHT, R. Aquisição da morfologia do plural por crianças bilíngües português - alemão. In: ENCONTRO DO CELSUL, 1997, *Anais...* Florianópolis, UFSC,. v.1, 1997.

LEVY, Y. The acquisition of Hebrew plurals: the case of the missing gender category. In.: *Journal child language*. n. 10, 1983.

LOPES, R. Estágios no processo de aquisição de número no DP do português brasileiro. Trabalho apresentado durante 6º *Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. PUCRS, Porto Alegre, 2003.

MARCUS, G. Children's overregularization of English plurals: a quantitative analysis. In.: *Journal child language*. n. 22, 1995.

NAKAMURA, K. Gender and language in Japanese preschool children. In: *Research on language and social interaction*. v. 34, n. 1, 2001.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA e BRAGA (org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo : Contexto, 2003.

NARO, A. e SCHERRE, M. Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número. In PAIVA, e DUARTE, M. (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro : Contra Capa Livraria, 2003a.

_____. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do VARBRUL. In: MOLLICA e BRAGA (org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo : Contexto, 2003b.

OCHS, E. e SCHIEFFELIN, B. O impacto da Socialização da linguagem no desenvolvimento infantil. In.: FLETCHEN e MACWHINNEY. *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PARK, T. Plurals in child speech. In: *Journal child language*. v. 5, 1978.

PERINI, M *Gramática descritiva do português*. Ed. Ática, 1998.

PIAGET, J. *A linguagem e o pensamento da criança*. 4ª ed. São Paulo : Martins Fontes, 1993

PINTZUK, S. *VARBRUL programs*. 1988, mimeo.

PONTE, V. *A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre*. 1979, 215p.

Dissertação (Mestrado em Lingüística), PUCRS, Porto Alegre, 1979.

POPLACK, S. The notion of plural in Puerto Rican Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV W. (ed.) *Locating language in time and space*. Philadelphia: Univesrsity of Pennsylvania, 1980.

REGO L., B. Descobrimdo a língua escrita antes de aprender a ler: algumas implicações pedagógicas. In: KATO, M., A. (org.) *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes, 1988.

ROBERTS, J. Acquisition of variables rules: a study of (-t, d) deletion in preschool children. In.: *Journal Child Language*. n. 24, Cambridge: Univeristy Press, 1997.

ROUSSEAU, P. e SANKOFF, D. Advances in variable rule methodology. In: SANKOFF, D. (ed.). *Linguistic Variation: models and methods*. New York: Academic Press, 1978.

SCHERRE M. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988, 555p. Tese (Doutorado em Lingüística), UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

_____. A concordância de número nos predicativos e nos participípios passivos. In.: *Organon*, v. 5, n. 18, Porto Alegre : UFRGS, 1991.

_____. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal em português. In: SCHERRE e SILVA (org.). *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiros, 1996.

_____. A norma do imperativo e o imperativo da norma. Uma reflexão sociolingüística sobre o conceito de erro. In: BAGNO, M. (org.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

SIMÕES, L. Concordância nominal de número: questões de variação e aprendizagem. Trabalho apresentado durante *6º Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. PUCRS, Porto Alegre, 2003.

_____. *Concordância nominal de número e a aquisição de regras variáveis*. Porto Alegre: UFRGS, 2004, mimeo.

SNOW, C. *et al.* The acquisition of some Dutch morphological rules. In: *Journal child language*. v. 7, 1980.

SOARES, M. *Letramento um tema em três gêneros*. 2ª ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2002.

SOARES, S. Marcação de concordância nominal e verbal nos dados de uma criança observada longitudinalmente em sessões de fala espontânea. In: Anais do 5º Encontro do CELSUL, 2003, *Anais...*Curitiba, UFPR, 2003.

VOTRE, S. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. e BRAGA, M. (orgs.) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

ZILLES, A. *A ordenação de sujeito, verbo e objeto no discurso narrativo de crianças de 4 a 6 anos*. 1992, 406p. Tese (Doutorado em Lingüística), PUCRS, Porto Alegre, 1992.

ANEXOS**Anexo 1****Itens terminados em -R**

mulher (3 vezes)

mulheres

menores

César

flores (14 vezes)

flor (4 vezes)

caçadores (3 vezes)

tratores

lugares

cor

dores

Itens terminados em -L

papel (2 vezes)

animais (2 vezes)

material

Itens terminados em –S

vezes

vez (4 vezes)

voz

meses

Itens de plural duplo

caminhãozinhos

porquinho

novos

jogo

joguinho

olho (3 vezes)

Itens terminados em –ÃO com alteração silábica

anões

ladrão

pedrão